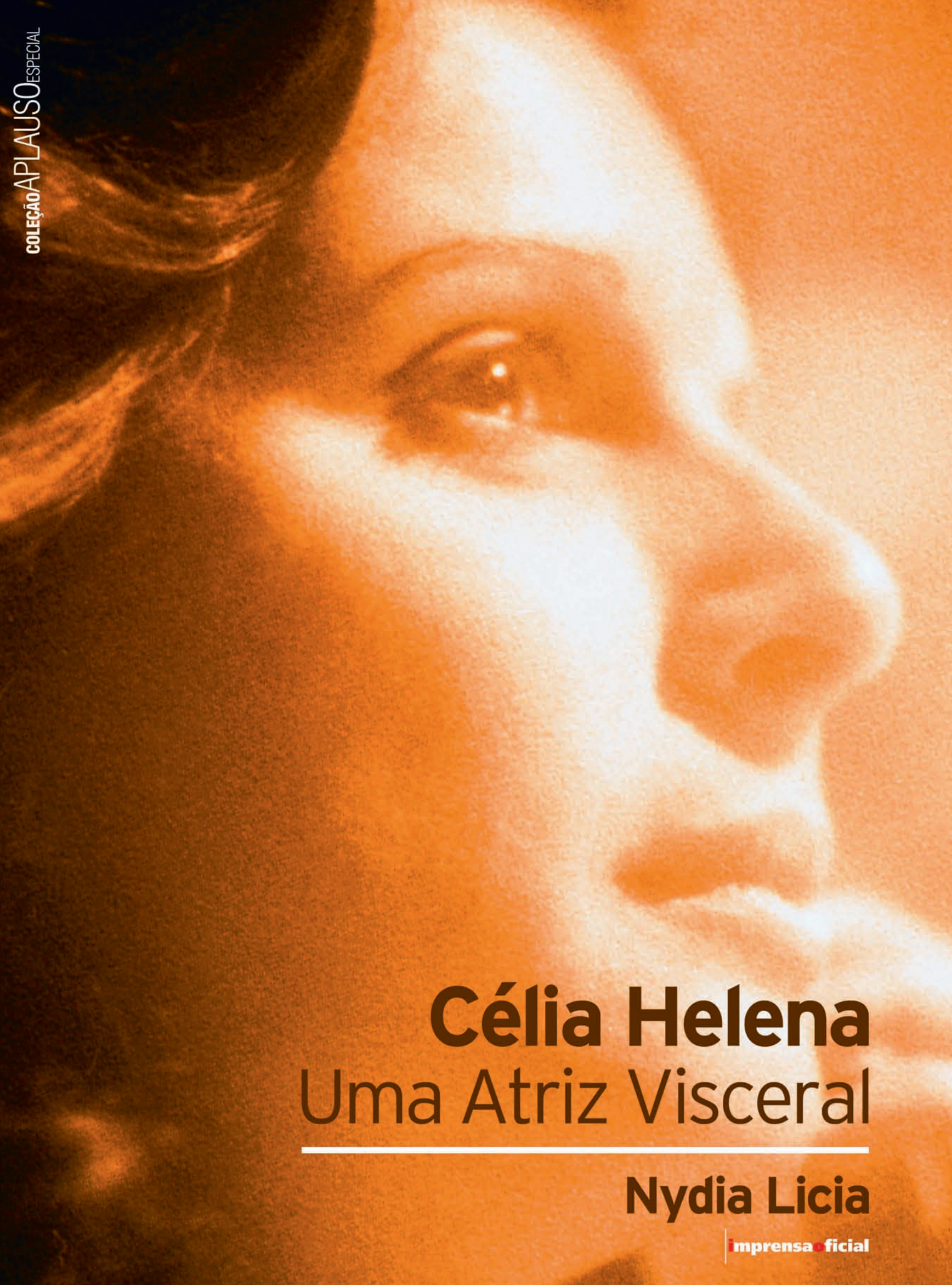




Célia Helena

Uma Atriz Visceral

Nydia Licia

Célia Helena

Uma Atriz Visceral

Célia Helena

Uma Atriz Visceral

Nydia Licia

|imprensaoficial

São Paulo, 2010



Governador Alberto Goldman

|imprensaoficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso
Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman
Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente da
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo





CÉLIA HELENICA

Paixão fulminante
ao primeiro *estar diante*
d'um milagre quente
q se fez presente
num *corpo-alma* vibrando em surdina
plantando no meu coração Oficina
nossa 1ª Atriz,
Matriz
CÉLIA HELENA, a brisa
transvivendo *Maria Luísa*
virada Divina Grã-fina
Assassina
do *Boca de Ouro* Zimba
renascida linda,
com Lygia herdeira de sua dinastia
filha de Raul, o Grande Cortez, da teatral aristocracia
no TEATRO CACILDA BECKER, um SOL
na Federação Paulista de Futebol
onde oficiava CACILDA, sua Gêmea
d'Alma Encarnada de TEATRO D FÊMEA
CACILDA, CÉLIA, divindades de todos os Talentos.
Q abriam assim Os 60 Poderosos e Turbulentos.

RONALDO DANIEL fazia o *Caverinha*
Já um dos 3 Bruxos paridores da criançinha:
CIA DE TEATRO OFICINA LTDA.
Amigo Eterno de Celinha,
Em nosso nome cantou a Cantada
Pra que Ela viesse a Protagonizar *Hennie*
Renascida
Explodindo a *A Vida Impressa em Dollar*
pra abertura do nosso Teatro
onde Arte da Interpretação, de fato
Renascia com tudo
Em nosso *Actor'Studio*
nossos mestres de cada instante, noite, dia:
Eugenio Kust, Stanislawski, Isaurinha Garcia
E Célia Helena,
q vinha depois de prenhe,
plena.
Alma-Corpo em fogo brando
uma Marlon Brando
rara e bela figura
charme profundo,
delicadeza e finura





Vieram os *Laboratórios de Interpretação*
o Incêndio de nossos *formatos anos 50*, na emoção
O João Gilberto, O Zeame de Teatro Nô
Q Célia nunca abandonou
Explodiu em Fúria de *Iansã*
Arcaica, Trágica, Negra, Grega Titã.
Com poder de uma mesa de madeira
num só murro, fazer partir-se inteira,
de quebrar em seus joelhos, um fuzil de ferro,
com a força profunda de *Cabra no Berro*
do ser em rebelião
diante da vida pelo dollar presa em prisão.



Fúria Santa, diante do Blá Blá Blá tagarela
Q detestava, em cena ou for a dela
"Cala Boca! Senão me atiro daqui pela janela!"



Célia, não admitia *sala de visita*,
Não cabia em sua emoção
Interiorizava onde nem sonha o coração
no 1º Oficina: *Palco Carne*
no Incarne
de *TATIANA*,
CÉLIA,
sanduíche da Dupla Plateia
seu *corpo-alma* em silêncio
sem perder da ação o calor do fio
no *tempo ritmo* de 9 tempos, perguntava por Nil,
"Nil ainda não veio?"
interrompendo ao meio algumas vezes,
o falatório dos dramas dos *Pequenos Burgueses*
na peça revolucionária de Gorki, num outro plano
no de seu silêncio *Tchecoviano*.



Vibrava mais forte q todas as revoluções
trazia a sensação do nada
q precede grandes decisões.
Antonioni, Mônica Vitti, traziam como Célia Helena
o *Ser no Tempo*, o *dasein* Heidergueriano à cena
anunciando a *revolução do corpo-alma*
q veio em 68,
antes da hora,
e a epifania de seu eterno retorno
aqui-agora
visível e vivível em 2008.







Há q adorar, estudar, se dar à Célia Helena,
Diva recatada como a Duse mas d'explosão plena
Repentina, resplandescente
no figurino indescente
de Flávio Império
na outra *Tatiana* Diva Atriz de um Fim de Império
o dos Czares, nos *Inimigos* de Gorki
ela, no altivo porte
num longo vermelho de veludo
mostrando tudo,
formas, seio, braço, perna,
na melodia eterna
violino e violoncelo
de Chico Buarque no início de seu elo
com a Cena
na *Boca de Cena*
imensa do sorriso Célia Helena.

Ela deixou a Escola de Teatro
Q traz seu nome, em q ela retorna sempre,
Com Lygia do Primeiro Ato ao Último Ato.

Hoje, 16 de agosto de 2008, dia de Comemoração,
o *Teat(r)o Oficina* faz 47 anos de inauguração,
na sucessão o 50 Anos de acinte,
o primeiro:
fechado pela censura, no dia seguinte,
reaberto com a fuga da figura
de um tal de Jânio, o obscuro
dia 25 de agosto,
com o gosto dos gostos
pra a luz de CÉLIA HELENA brilhar
eternamente de deusa deste terreiro, a vibrar...
até, sei
o *ENJOEI!*

José Celso Martinez Corrêa





Célia Helena

Celinha. Mocinha morena, magra, de olhos expressivos, no palco do TBC, num espetáculo do Teatro das Segundas-feiras.

Célia. Mulher jovem, cheia de uma força interior que, uma noite no Gigetto, sentou-se a meu lado e falou baixinho: *Vou ter um filho*. Que admiração senti por aquela atriz em início de carreira, tão corajosa, enfrentando a vida.

Célia Helena. A atriz consciente, de voz profunda, de grandes pausas cheias de intenções, cuja presença marcante atraía os olhares dos espectadores nos primeiros anos do Teatro Oficina.

Um dia, finalmente, trabalhamos juntas. Meses de camaradagem, compreensão e respeito mútuo. Uma amizade firme nascia entre nós.

Enfim, a realização de um sonho: a inauguração do seu Teatro. E, um dia, a notícia: *Criei uma Escola para jovens*.

Tempos depois, o convite: *Quer trabalhar conosco?* A resposta só podia ser uma: *Claro que sim!*

17

A convivência nos primeiros anos só fazia aumentar a admiração que já sentia por Célia. Por sua dedicação, pela doçura com que tratava todos, pela energia com que enfrentava os problemas do dia a dia.

E, ao seu lado, uma figura gentil, sempre presente, igualmente dedicada, a quem ela estava preparando para um dia tomar seu lugar: sua filha Lígia.

Flashes de uma vida inteira de trabalho e dedicação que produziram frutos: a Escola está aí, viva e pujante, dirigida por Lígia, sua filha e companheira. O exemplo de Célia, seu amor pelo trabalho, o desprendimento, a generosidade, a dedicação total, continuam intactos.

Assim como a saudade que todos nós sentimos dela.

Nydia Licia



*Os pais de Célia, Octaviano Ray-
mundo Silva e Lygia Camargo
Silva, no dia do casamento*

Origens

É difícil em nossa conturbada classe teatral, encontrar uma unanimidade. Difícil só, não. Quase impossível. Mas existem algumas poucas pessoas que tem se aproximado dessa definição. Entre elas: Célia Camargo Silva, ou melhor: Célia Helena. Em quase tudo que eu li – notas, entrevistas, críticas – e com as pessoas com quem falei, só encontrei palavras de elogio. Se alguma restrição se tornasse necessária, era feita com o maior respeito e compreensão. As referências à sua doçura, ao seu senso de justiça, à dedicação ao teatro são constantes, como é constante a admiração pelo seu talento de atriz.

Mesmo tantos anos após sua morte os companheiros de trabalho, seja no teatro, seja na Escola que ela fundou, guardam lembranças repletas de carinho.

Há uma única observação: quando ela se enfurecia, *saíam da frente!* Mas vem rapidamente a ressalva: ela só brigava por questões de justiça!

A própria Célia muito se preocupou nos últimos anos de sua vida – quando envelhecia pelo estudo do autoconhecimento através do Evangelho – em se criticar a respeito disso. E era uma juíza extremamente severa consigo mesma.

As famílias Camargo e Silva têm origens rurais. Os avós paternos José Raymundo da Silva e Carolina Leite Silva são de Caçapava, onde tinham fazenda.

19

Os avós maternos Lupércio de Arruda Camargo e Amélia Bueno de Miranda Camargo, oriundos de Campinas, se mudaram para Santa Rita de Passa Quatro.

Foi em Santa Rita que os pais de Célia – Octaviano Raymundo Silva e Lygia Camargo Silva – se conheceram e se casaram. Quatro de seus filhos nasceram lá: Carmen Lygia, Maria Lúcia, José Cleantho e Carolina Maria.

Antes da Célia nascer, mudaram-se para São Paulo, e aqui nasceram os outros seis filhos: Célia, Celina, Eneida, Octaviano, Álvaro e Talitha.

O pai era engenheiro, formado pelo Mackenzie, em São Paulo. Foi responsável pela construção do edifício do Banco do Estado. Fez rodovias, parte da Anhanguera.

A mãe, Lygia, era uma mulher de muita personalidade. Aos 35 anos, não concordando com alguns preceitos da religião católica, acabou virando presbiteriana, mas não obrigou nenhum dos filhos a seguir sua escolha. Extremamente generosa, abria mão de qualquer pertence que pudesse ser útil a algum necessitado. Tirava dela pra dar para os pobres.

Formavam-se filas na frente da casa de minha avó. Eram os bêbados do bairro que iam buscar comida. A cada dia, a fila aumentava mais. E ela atendia a todos.

(Lígia Cortez)

Característica essa que Célia Helena herdou totalmente. Todos os irmãos se referem à facilidade com que ela se desfazia de qualquer coisa para presentear os outros:

Quando eu ia à casa dela, precisava tomar cuidado para não levar a quantidade de coisas que ela queria me dar. Ela era desprendida, gostava de presentear.

(Álvaro, irmão)

Célia nunca voltava com toda a roupa para casa porque, se tinha alguém com frio, ela dava o casaco que estava usando...

(Thalita, irmã)

Como era a Célia menina? Quinta filha de dez irmãos não foi mimada em criança. Nem a mãe, Lygia, teria tempo para isso. Cuidar de um bando não era fácil.

A própria Célia se refere aos primeiros anos de sua vida: *Minha infância foi alegre como poucas. Vantagem de ser a filha do meio entre dez irmãos. Nem falta de afeto, nem excessos capazes de cercear a independência natural.*

Por algum tempo moraram na Rua D. Antônia de Queiroz, perto do Mackenzie, onde três dos irmãos estudaram, mas logo em seguida mudaram-se para a Rua Tu-toia, esquina com Sampaio Vidal, bem em frente ao quartel do 2º Exército. Claro que a área do quartel se transformou no prolongamento do quintal da casa deles. Eram tempos tranquilos, em que as crianças saíam em bando, sem adultos que tomassem conta de cada passo. Sabiam a hora do lanche e do jantar e voltavam pontuais quando a fome apertava.

20

Célia tinha cara de índia, segundo sua irmã Talita, e era bem moleca. Adorava gatos, mas um dia, ao acordar de manhã para ir à escola encontrei um cachorrinho e um bilhete da Célia informando: Ele me seguiu e se chama Vinagre. Ela já tinha batizado o Vinagre e ele ficou conosco. Era muito obediente e simpático, foi nosso companheiro.

Quando entrevistei o tio Vicente, era um adorável velhinho de 98 anos. Ele lembrou um dia em que Célia, aos 8 ou 9 anos, brigou com a irmã Mariazinha.

Estavam as duas na sala de jantar, uma de cada lado da mesa em cima da qual havia uma cesta cheia de ovos. A discussão já ia longe. As paredes atrás das duas já estavam pintadas de amarelo das gemas e com as claras escorrendo.

Apesar disso ele afirmou que *ela não era muito de briga. Era só coisa de irmãos...* O tio Vicente era o mais velho da família. Residia numa casa de repouso, onde tinha vários amigos. Ainda era lúcido e tinha uma memória prodigiosa.

Parece que os primeiros anos da vida de Célia Helena não foram marcantes. Teve seu primeiro amor com 9 anos pelo primo de uma coleguinha de escola.

Um menino inquieto que corria com sua alegria. E a nada eu persigo com tanta insistência até hoje, do que a alegria. Corri atrás da alegria dele uns quatro anos.

(Célia, 1967)



Célia criança, na praia e com a avó e alguns irmãos (sentada no chão)





Imagens da adolescente moleca e, acima, como estudante no Centro de Estudos Cinematográficos de São Paulo



Na adolescência ela se indagava sobre o sentido da existência, tinha dúvidas, estava confusa:

A adolescência doeu demais. Eu lia tudo o que achava, numa confusão medonha, como se o livro fosse um porto para a solidão.

Não era levada demais, nem quieta demais. Portanto, pode-se imaginar a surpresa e o espanto da família quando, em 1952, aos 15 anos de idade, declarou que ia parar de estudar e que queria ser atriz.

Ela, sem ser malcriada nem nada, tinha uma personalidade definida. Quando achou o que ela achava que queria, ela perseguiu. Na vida inteira, se há uma palavra que possa definir o que ela foi: uma batalhadora.
(Cleantho, irmão mais velho)

Numa família burguesa daquela época, não era comum uma menina mostrar tamanha independência ao escolher o rumo de sua vida. Além do mais, teatro não fazia parte do dia a dia familiar. Apesar dos enteveros, dos conselhos e das críticas, Celi-nha mostrou quanto podia ser voluntariosa e venceu a batalha. Não podendo cursar a Escola de Arte Dramática (EAD) por ser menor de idade, inscreveu-se no Centro de Estudos Cinematográficos de São Paulo para aprender a representar.

O curso era ministrado no centro da cidade, à Rua 7 de Abril, no prédio dos Diários Associados. E iniciava às 8 horas da noite. Claro que estava fora de cogitação ela ir sozinha. Coube ao irmão Cleantho acompanhá-la e buscá-la de volta no fim de três horas de aula. Só assim os pais acabaram autorizando.

Eu era o irmão mais velho e fui escalado para acompanhá-la. Pegávamos o bonde no Paraíso e íamos até o centro. Tínhamos que atravessar o Viaduto do Chá para chegar até à Rua 7 de Abril. Ela ia, na maior animação. Eu tinha que esperar ela terminar as aulas, lá pelas 11 horas. Andava pela cidade, ia até um bar ver partidas de sinuca e voltava para buscá-la. O problema era que eu trabalhava no dia seguinte e só ia dormir lá pela meia-noite.

(Cleantho)

O irmão Octaviano fala um pouco das tendências dos irmãos.

Na nossa família sempre houve pessoas com cabeça boa, mas com orientação diferente, mais racional. Essa orientação para o lado artístico, só vi em nossa mãe, que fazia cerâmica e escreveu um livro de histórias para crianças muito bom – ela contava histórias para nós, quando pequenos, que eram uma maravilha – e numa irmã mais velha, Mariazinha, (Carolina Maria) que cantava. Chegou até a se apresentar num show da Record, tirando o segundo lugar e, mais tarde, ganhou um concurso de voz na Rádio Nacional. Convidada para seguir a carreira de cantora, deparou-se com a proibição categórica da família. Os outros irmãos pendiam mais para o lado de nosso pai, engenheiro.

Aí dá para perceber por que a decisão de ser atriz não foi aceita com muita alegria; porém, o fato de ninguém ter se oposto totalmente, revela quanto os pais tinham mente aberta. Claro que algumas tias-avós devem ter torcido o nariz; ter uma atriz na família, em 1952, não era bem aceito pelos mais velhos.

Não deve ter sido uma experiência fácil, porque naquela época as pessoas não viam com bons olhos quem fazia teatro; era uma coisa boa de se ver, mas não para uma família. As moças de boa família tocavam violão, eventualmente, mas só nos pequenos saraus. Célia sempre foi uma pessoa muito corajosa.

(Talitha,irmã)

Célia foi aluna do diretor de teatro e cinema Ruggero Jacobbi. Também lecionavam lá José Renato (futuro fundador do Teatro de Arena) e Marcos Margulies. Ruggero tinha uma aptidão especial para reconhecer talentos. Foi ele que indicou a nova aluna a seu cunhado, Mario Civelli, produtor da Companhia Cinematográfica Multifilmes. Mario era rápido em suas decisões. Célia foi contratada e, no mesmo ano estreou no cinema, em *Fatalidade*, de Jacques Maret, sob direção de Jacques Maret. Elenco: Aracy Cardoso, Jackson de Souza, Gaetano Gherardi, Angélica Hauff, Altamiro Martins, Nestório Lips.

O crítico Pedro Lima a definiu como *uma moreninha com olhos de Pierangeli e alma de passarinho*. Para quem não se lembra, Pierangeli foi uma atriz do neorrealismo italiano, muito conceituada por Vittorio De Sica e outros diretores de cinema.

Sua atuação agradou, tanto assim que foi logo convidada para participar do filme *Chamas no Cafezal*, história de Mário Civelli, dirigida por José Carlos Burle. No elenco estavam Jane Batista, José Carlos Burle, Áurea Cardoso, Angélica Hauff, Luigi Picchi e Eduardo Tanon.

24 Havia naquela época outra companhia de cinema: a Vera Cruz, cujos estúdios ainda sobrevivem em São Bernardo. Idealizada por Franco Zampari – o criador do TBC – tinha como diretor-geral Alberto Cavalcanti, cineasta conhecido no mundo inteiro por seus trabalhos na Inglaterra e na França. Num gesto de grande patriotismo, Cavalcanti deixou tudo que havia construído na Europa e veio ajudar a criar cinema de alto nível em seu país.

O diretor Luciano Salce, que já dirigira vários espetáculos de sucesso no Teatro Brasileiro de Comédias, estava escolhendo o elenco que atuaria ao lado de Cacilda Becker e Jardel Filho – dois dos maiores atores da época – na adaptação cinematográfica do livro de Dinah Silveira de Queiroz: *Floradas na Serra*.

Ele estava precisando de uma mocinha magra, doce, capaz de imprimir emoção às suas falas e que conseguisse despertar emoção nos espectadores de cinema. Ela e Rubens de Falco seriam o casal mais jovem, entre os doentes do sanatório. Outros personagens: Lola Brah, Marina Freire, Ilka Soares, Miro Cerni, John Herbert, Gilda Nery, Silvia Fernanda, Renato Consorte e o escritor José Mauro de Vasconcelos. Mais uma vez, em conversa com o amigo Salce, Ruggero falou de sua ex-aluna. Era a atriz certa para o papel.

Seu caminho estava traçado.

A primeira vez em que a vi, ela estava na enorme tela de um cinema de bairro, em São Paulo, num trailer do filme Floradas na Serra. Lembro de sua imagem jogando pingue-pongue. Ela deveria ter seus 16 anos e eu, um pouco mais novo, uns 12. Naquele momento não poderia imaginar que, anos mais tarde, acabaria estreando no Teatro ao seu lado.

(Fauzi Arap)



*Em cenas de Chamas no Cafezal
(acima), e Floradas na Serra
(centro e abaixo)*





A filmagem, em 1953, em Campos de Jordão, durou alguns meses. Foi interrompida por uma crise financeira da Companhia, e mais tarde retomada em 1954. Enquanto isso, Salce encontrou na *Turquinha* (nome da personagem da Célia) a atriz certa para substituir Elizabeth Henreid na remontagem de *Inimigos Íntimos*, de Barrillet e Grèdy, que seria apresentada no Rio de Janeiro, pelo TBC, sob direção de Adolfo Celi. Em pouco tempo essa atriz quase menina atuou com os maiores diretores de São Paulo e com os maiores atores. Na peça, ela contracenava com Cacilda Becker e Paulo Autran.

Para a temporada carioca, Célia – menor de idade – precisava da autorização da família. E as coisas se complicaram. Ela não podia ir sozinha de jeito nenhum. Então a mãe, Lygia, resolveu acompanhá-la. Foi essa a grande chance do irmãozinho Álvaro de seguir a irmã adorada. *Eu era muito pequeno, mas chorei tanto, tanto, que não foi possível me deixarem em São Paulo*. Para sua grande felicidade ele foi junto.

Chegou a hora de estreiar em teatro.

Quase num prenúncio do que aconteceria ao longo de sua carreira, os críticos da então Capital da República a receberam de braços abertos e não lhe regatearam elogios. Gustavo Doria, de *O Globo*, escreveu: *Célia Helena pisa o palco pela primeira vez, depois de cinco ensaios, e já se revela um elemento futuroso*.

Francisco Pereira da Silva disse: *A criação da estreante merece todo aplauso*.

O TBC quis nos presentear ainda com esta peça, com uma estreia de um de seus elementos, Srta. Célia Helena. E que estreia! Ou muito me engano, ou o Sr. Celi acaba de criar uma atriz de largo futuro. Ao vê-la em Maria José, não tivemos a impressão de uma estreante, tal a sua desenvoltura, aisance em cena, o que nos dá a medida exata de uma boa direção. Convém notar que a Srta. Célia Helena apresentou-se pela primeira vez em um palco e, com sua atuação, só podemos augurar mais uma atriz de valor para o TBC. Bonita e com excelente temperamento artístico.

(Brício de Abreu, do *Diário da Noite*)

Após uma breve temporada no Rio, Célia volta a São Paulo. Imediatamente se lhe oferece uma terceira oportunidade: trabalhar em televisão. Há um programa semanal, na TV Paulista, produzido por Ruggero Jacobbi e dirigido por um jovem estreante muito talentoso, Antunes Filho. O título é muito simples: *Teatro da Semana*; focaliza a cada sete dias uma obra completa, principalmente nacional, e, ao vivo, como se fazia televisão na época.

A Televisão Paulista, em seu início, era localizada na esquina da Rua da Consolação com a Avenida Paulista, num prédio fininho, em que ocupava vários andares. Os estúdios, portanto, não eram muito amplos, mas conseguia-se produzir algumas montagens bastante ambiciosas. Fez grande sucesso a apresentação da peça *Adeus Mocidade*, de Nino Oxilia e Sandro Camasio, em que, ao lado de Célia, atuavam jovens quase desconhecidos, mas que se tornariam atores importantes, como Sérgio Britto, Fábio Sabag e vários outros.

Célia participou do Teatro da Semana durante dois anos, intercalando-o com algumas aparições em cinema e teatro.

Ainda em 1954, vai ser filmado *Presença de Anita*, baseado no livro de Mario Donato, e dirigido por Ruggero Jacobbi para a Companhia Cinematográfica Maristela,

fundada por Mario Audrá, em Mairiporã. Os jornais noticiaram a futura participação de Célia, mas, por algum motivo, ela não fez o filme.

Em 1955 foi convidada pela diretora Carla Civelli a participar de um espetáculo do Teatro Permanente das Segundas-feiras, no Teatro Leopoldo Fróes. O texto, *Os Três Maridos de Madame*, era de autoria de Ciro Bassini. Conheci Ciro em 1939, quando representamos juntos no Teatro Municipal, num espetáculo de alunos e ex-alunos do Colégio Dante Alighieri, e ele ainda assinava Enzo Bassini.

A crítica de Ruggero Jacobbi, acho que na *Última Hora*, destaca a atuação da ex-aluna: ...*Célia Helena, que resolve brilhantemente um difícil problema de transformação psicológica.*

Com Carla Civelli, Célia fez mais uma peça, *O Prazer da Honestidade*, de Luigi Pirandello, desta vez no Teatro de Arena. Texto difícilíssimo, muito argumentativo, pertence à primeira fase do autor. Célia foi considerada jovem demais para o papel, mas todos concordaram que demonstrou, especialmente na cena final, verdadeiro talento dramático.

Aos poucos estava ficando conhecida no meio artístico e, numa emergência provocada pela saída da atriz Maria Dilnah, que sofrera um acidente, o diretor Gianni Ratto apelou para Célia, três dias antes da estreia de *A Ilha dos Papagaios*, no Teatro Maria Della Costa. Era uma peça de autoria de Sérgio Tofano, ator, escritor, diretor de teatro e mais conhecido na Itália como STO, autor de desenhos infantis do jornal *Corriere dei Piccoli*, onde criou o Signor Bonaventura, figura cômica divertidíssima, sempre acompanhada por seu cachorro, um compridíssimo bassê, que alegrava crianças e adultos.

28

Também *A Ilha dos Papagaios*, escrita inicialmente para os pequenos, era assistida pelo público mais velho com grande prazer. Célia mereceu referência especial por ter aceitado estreiar com tão pouco tempo de ensaio, e o crítico de *O Cruzeiro*, Clóvis Garcia, escreveu que ela contribuiu exatamente com o que exigia a personagem: graciosidade e animação. O espetáculo, produzido por Sandro Polloni e Maria Della Costa, era apresentado no horário normal, à noite, para o público em geral e havia matinês aos sábados e domingos para crianças pequenas.

Em 1956, o gaúcho Barbosa Lessa fazia muito sucesso na TV Record com suas *Danças Gaúchas*. Decidiu então se apresentar também no Teatro de Arena. A ele se uniu o jornalista Paulo Affonso Grisolli, entusiasmado com a ideia de, através da arte teatral, fazer o público brasileiro conhecer o seu país.

Barbosa Lessa escreveu uma peça baseada no folclore gaúcho, *Não te Assusta Zacaria*, para apresentá-la em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Célia, interessada por tudo que era novo e principalmente brasileiro, uniu-se ao *Grupo Folclórico Brasileiro* e com ele aprendeu a dançar e cantar músicas de nosso folclore. Estreou interpretando a *Celina* de *Não te Assusta Zacaria*, no Teatro Maria Della Costa e lá se foi nossa menina para o Teatro Guaíra, em Porto Alegre, para uma excursão pelo Rio Grande do Sul.

Paulo Affonso Grisolli, que mais tarde, na década de 1970 e 1980, ficou conhecido por ter dirigido *A Grande Família*, *Malu Mulher*, *Lampião* e *Maria Bonita*, na TV Globo, foi o primeiro marido de Célia Helena. Ele era protestante e casaram-se na Igreja Jardim das Oliveiras.

O TEATRO DE **arena**
apresenta

O GRUPO FOLCLÓRICO BRASILEIRO
integrado por

Amandio Silva Filho
Benedito Moraes
Célia Helena
Guilherme Corrêa
Joselita Alvarenga
José Manzano Filho
Nelson Turini
Rita Cleôs
Riva Nimitz
Sady Scalante
Tino Costa
Wilson de Avellar

Direção de BARBOSA LESSA

★

A apresentação do conjunto será feita pelo
Prof. ROSSINI TAVARES DE LIMA

Danças gaúchas

Revista Folclórica de
Barbosa Lessa

Primeira Parte: LINGUAJAR GAÚCHO

Zacaria	GUILHERME CORRÊA
Ritoca	RITA CLEÔS
Seu Graciano	AMANDIO SILVA FILHO
Cerário	SADY SCALANTE
Nicácio	BARBOSA LESSA

Segunda Parte: DANÇAS GAÚCHAS
com a participação de

CÉLIA HELENA	WILSON DE AVELLAR
RIVA NIMITZ	NELSON TURINI
JOSELITA ALVARENGA	TINO COSTA

Parte Musical: JOSÉ MANZANO FILHO
BENEDITO MORAIS

DANÇAS: "Maçanico", "Cana-Verde", "Tirana do Ombro",
"Chôtes", "Chimarrita", "Chôtes de Duns Damas", "Pézinho",
"Balaio", "Anú", "Meia-Canha Serrana", "Polca do Dedinho",
"Rancheira de Carreirinha", "Tatá", "Páu-de Fita", e "Meia-
Canha Final" — Danças gaúchas colhidas por
Barbosa Lessa e Paixão Cortes.

CANÇÕES: "Carreteiro", "Canção do Tropeiro", "Olhando
a Moça" e "Quero-Quero" - Letra e música de Barbosa Lessa

★

FIGURINO: autêntico do Rio Grande do Sul

Direção de BARBOSA LESSA





No Grupo Folclórico Brasileiro e no casamento, com Paulo Affonso Grisolli, e a avó materna, D. Amélia



Ao voltar para São Paulo, o Grupo Folclórico Brasileiro se apresentou em vários teatros da capital e do interior. Ao mesmo tempo, Célia Helena continuava a fazer televisão às segundas-feiras no *Grande Teatro Três Leões*, na TV Tupi.

Em 1957, com o Teatro Moderno de Arduini Lemos, participou da peça *Tragédia para Rir*, de Guilherme Figueiredo, com direção de Evaristo Ribeiro, no Teatro da Federação Paulista de Futebol. O mesmo que, mais tarde, se chamaria Teatro Cacilda Becker e onde a grande atriz representou, até que um derrame a atingiu em pleno palco numa matinê de *Esperando Godot*, de Beckett, em 1969.

Há informação de uma outra peça, *Quando Éramos Casados*, de John Boynton Priestley, na qual Célia teria atuado no mesmo ano, mas não há maiores detalhes.

Na TV Record, participou de muitos programas do *Teleteatro Cacilda Becker*, programa semanal, que era repetido também na TV Rio, dirigido por Carla Civelli e Ruggero Jacobbi.

Em fins de 1957, resolveu dedicar-se a um gênero de que sempre gostou e no qual já tivera alguma experiência: o teatro infantil.

O ano de 1958 foi cheio de trabalho para a jovem atriz. Havia no TBC um *Teatro Experimental*, às segundas-feiras, que parecia estar à sua espera. Walmor Chagas ia dirigir *Matar*, de Paulo Hecker, autor gaúcho, seu conhecido, e chamou Célia para entrar na peça. Logo depois, no mesmo Teatro Experimental do TBC, foi Flávio Rangel que a convocou para participar de *Do Outro Lado da Rua*, de Augusto Boal.

Mais uma vez Ruggero a convidou para atuar, dessa vez com uma companhia vinda do Rio, o Teatro Moderno de Comédia, do marido da atriz Aimée. A peça era *O Marido Confundido*, de Molière. Nos anúncios, uma frase no rodapé pontificava: *Ontem, como hoje, casar com grã-fina é espeto*.

O espetáculo era apresentado no Pequeno Auditório do Teatro Cultura Artística. Célia vivia Pascoalina, a criadinha alcoviteira e bem *coquete* que Molière criou para armar a trama amorosa em que se deixa envolver o marido confundido. Um papel leve, bem agradável, no qual saiu-se muito bem.

Um acontecimento inesperado, que surpreendeu o ambiente teatral paulista e teria influência na vida de Célia Helena, foi a saída de Cacilda Becker, Walmor Chagas, Cleyde Yáconis, Ziembinski e Fredi Kleemann do TBC.

No ano de 1958, nascia o Teatro Cacilda Becker que estreou no Rio de Janeiro, no Teatro Dulcina, com *O Santo e a Porca*, de Ariano Suassuna. Após uma vitoriosa excursão, que se estendeu até Montevidéu, chegaram a São Paulo para uma temporada no Teatro Leopoldo Fróes, em 1959.

Cacilda não tinha se esquecido da menina com quem contracenara em *Inimigos Íntimos* e em tantos teleteatros. Quando a atriz Amélia Bittencourt precisou deixar a companhia, ela chamou Célia para substituí-la no papel de Letice, em *Os Perigos da Pureza*, de Hugh Mills.

Em seguida, seria apresentada uma peça de Abílio Pereira de Almeida, autor paulista que transformava em sucesso tudo que escrevia, *Santa Marta Fabril S.A.* e Célia foi continuando na companhia. Cacilda então lhe perguntou se aceitaria participar de uma excursão ao norte do país e a Portugal.

Teatro ROULIEN



AIMÉE, Celia Helena e Gustavo Pinheiro numa cena romântica da comédia de Molière, "O Marido Confundido", que o Teatro Moderno de Comédia apresenta diariamente no Pequeno Auditório do TCA.

estrela

"O MARIDO CONFUNDIDO"

3 ATOS DE MOLIÈRE, PELO TEATRO MODERNO DE COMÉDIA. NO CULTURA ARTÍSTICA (Pequeno Auditório).

CONSIGNAM os "Registres Nationales" que, na época da História de França em que as grandes vitórias belicas ou diplomáticas eram celebradas com festas em que avultavam e se destacavam as representações teatrais (!), Molière "gerou" George Dandin ou Le Mari Confondu, comédia em prosa em 3 atos que, foi representada pela primeira vez para o rei, em 18 de julho de 1668 no "Petit Parc" de Versailles, e para o público em 9 de novembro do mesmo ano no "Théâtre du Palais Royal", nas grandes festas do "Tratado de Aix-la-Chapelle", que dano a glória da França. A peça agradou tanto que tornaram a pedi-la na corte.

Isso, o que está consignado nos recortes oficiais franceses e na crônica da dramaturgia universal. Mas, o que não está propriamente consignado, mas todos os que estudam ou produzem Molière sabem, é que, o teatro de Jean Baptiste Poquelin, menos assentado que o de Goldoni, por exemplo, não requer, apenas um elenco, um diretor e a "mise-en-scène", mas, e sobretudo, o SEU clima e sabor decorrentes da perfeita amalgama dos elementos que, além de teatrais, devem ser também "molierescos". Somente essa especialização pode "entregar" ao público, Molière em forma de "cavatina" ou "scherzo leggero", em lugar de "fuga", no mais pesado momento J. S. Bach... Senão, vejamos: Numa peça como esta, uma das piores e menos atrativas de Molière, se não se puder contar com um fogo de diálogo e de situações apoiado em acentuado virtuosismo, jamais teremos o CLIMA imprescindível à presença cênica do teatrologo de "Sa Magesté".

Esse clima está omissa no palco do Cultura Artística, não obstante os esforços do diretor Ruggero Jaccobi em tentar, num curto mês de ensaios, esperar da disciplinada e estudiosa nova geração de artistas o arrojo ou a útil inconsciência dos veteranos atores de recursos, quando obrigados a coonestar a importância da obra com a escassez de tempo, gerada por problemas internos...

E, assim, com um elenco composto por maioria de bons valores individuais, melhor se desincumbem, dentro do espírito do texto, nesta ordem, Celia Helena (Pascoalina), Gilberto Fernandes (Lubin), Luis Tito (Senhor de Sotenville), seguidos de Elisio de Albuquerque (l'acteur confondu par le producteur) num "Dandin" de esforço honesto, mas inútil, Aimée (Angelica), Flormy Pinheiro (sra. de Sotenville), Gustavo Pinheiro (Clitandro) e José Egydio (Nicolau).

Cenários, produto híbrido, embora de boa execução, pela inadequada mistura de VULTO e DESENHO, num mesmo motivo. Pese aos reparos suscitados, não podemos deixar de consignar os intuítos que movem o empresário Danilo Bastos em suas recentes tentativas, que desejamos sinceramente, sejam recompensadas.

R. R.

TEATRO

«O MARIDO CONFUNDIDO»

Molière, o maior clássico da comédia francesa, foi o autor escolhido para o reaparecimento do Teatro Moderno de Comédia. Muita gente supôs que «O marido confundido» (Georges Dandin) corresse o risco de não agradar, não só pelo fato da sua tradução datar de 1713, a que Alexandre Gusmão deu, naturalmente, as correspondentes vocabulares exatas, hoje tão pitorescas no seu arcaísmo, como não se sabia a linha que a direção daria ao espetáculo. Sob o ponto de vista cênico, o êxito do texto dependia, e muito, do estilo da representação, pois qualquer inovação, além de perigosa, poderia tirar a graça saborosa que flui da história, focalizando divertidas situações de um marido enganado pela esposa. Sem dúvida alguma, a direção de Ruggero Jaccobi andou acertadíssima. Imprimindo um ritmo fértil em vivacidade, o que contribuiu ponderosamente para acentuar a comicidade das cenas, sem contudo, empalidecer o toque humano da trama, o espetáculo caminhou satisfatoriamente em todos os seus detalhes. A marcação feliz, inteligente e equilibrada, dentro do clima da peça, concorreu para que os atores nos transmitissem com fidelidade, o interessante enredo de «O marido confundido». É evidente que o desempenho de Elisio de Albuquerque chamou nossa particular atenção. Elisio foi, sem favor, o ponto alto do elenco. Flormy Pinheiro, Aimée, Luis Tito e Celia Helena deram bom nível à interpretação, faltando apenas a Aimée um pouco mais de identificação psicológica com a personagem. O coquetismo das suas atitudes não se aliou, como devia, ao pitoresco das situações ditadas pela levandade do seu comportamento. Flormy Pinheiro e Celia Helena, aquela segura nos seus ares de dama da nobreza e Celia bastante desembaraçada em toda a movimentação do seu papel. Gilberto Fernandes é um jovem ator bem aproveitável e Gustavo Pinheiro não nos convenceu. Gostamos do cenário de Francisco Giacchieri e dos figurinos desenhados por Osvaldo Mota. Vale a pena ir ao Cultura Artística, assistir a este espetáculo muito bem montado por Danilo Bastos.

SUCESSO!

"O MARIDO CONFUNDIDO"

dir. - RUGGERO JACCOBI * de MOLIÈRE * Decór. - F. GIACCHIERI

Grande elenco do **AIMÉE · ELISIO · LUIS TITO**

TEATRO MODERNO de COMÉDIA de **DANILO BASTOS**

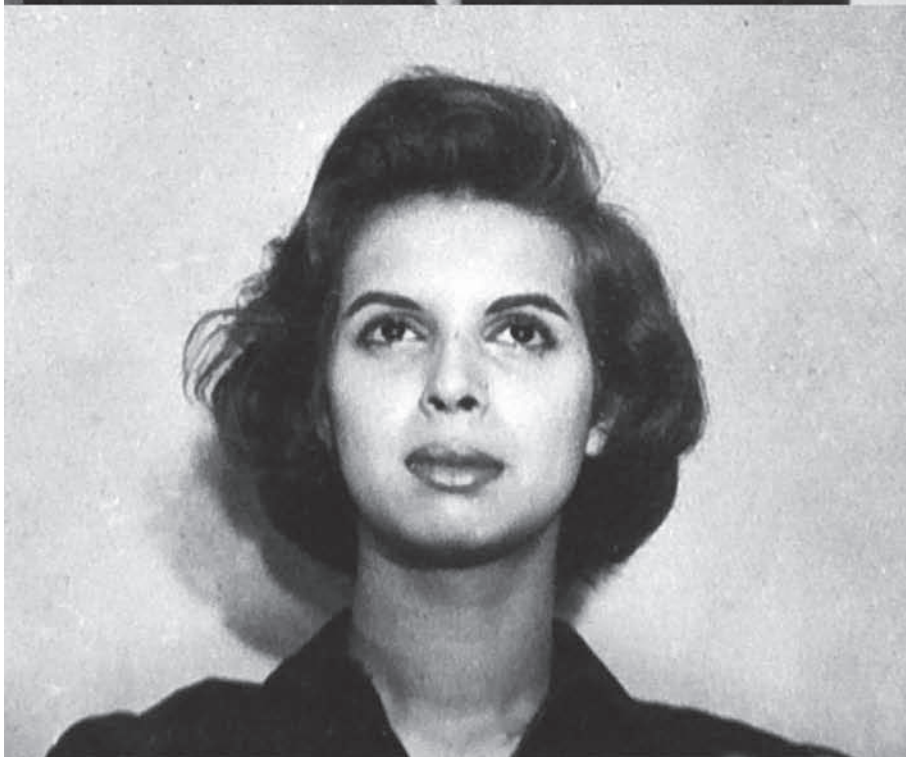
CELIA HELENA - GUSTAVO PINHEIRO
GILBERTO FERNANDES - JOSÉ EGÍDIO
FLORMY PINHEIRO

estrela DIA 29. DESLUMBRANTE MONTAGEM!

(PEQUENO AUDITÓRIO)



“O MARIDO CONFUNDIDO” – Cartaz do pequeno auditorio do T. C. A.



*Célia em fotos de
Paulo Affonso Grisolli*

Animadíssima, Celinha aceitou e partiu para aquilo que seria uma mudança drástica em sua vida. Como atriz e como mulher.

A estreia da turnê aconteceu no Teatro Guarany, em Salvador, em agosto de 1959, com *A Dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho, na direção de Benedito Corsi. O papel era pequeno, Nanine, mas, logo depois, vieram as outras peças: *O Protocolo*, de Machado de Assis, em que as críticas – tanto no Brasil quanto em Portugal – a puseram em pé de igualdade com os outros três atores: Cleyde Yáconis, Walmor Chagas e Fredi Kleemann. Todos com muito mais tempo de teatro do que ela.

Viveu também, em *Maria Stuart*, de Schiller, o papel de Margaret, direção de Ziembinski.

Foi em Recife, no Teatro Santa Isabel, no mês de outubro do mesmo ano que estreou no *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, dirigida por Cacilda. Interpretou dois papéis opostos: o Demônio e o Frade. Adorou representar o padre, de batina, e divertiu-se colando barba e bigode. A essa altura já estava em todas as peças do repertório, incluindo *O Santo e a Porca*, do mesmo Suassuna, e *Os Perigos da Pureza*.

O próximo passo seria Portugal. Lisboa, Porto, Coimbra e Aveiro esperavam ansiosas a companhia brasileira. Principalmente Lisboa, que hospedava ao mesmo tempo o Teatro Popular de Arte, de Maria Della Costa, e o público queria comparar e aplaudir as duas primeiras atrizes. O Teatro Cacilda Becker apresentou seu repertório no Teatro Tívoli.

As críticas ao elenco foram entusiastas; o *Correio da Manhã* escreveu: *A Companhia está a apenas oito dias a atuar entre nós, mas já assinalou com pedra branca a temporada teatral lisboeta* (o que será essa pedra branca?). Já Pedro Bom, de *O Século*, afirmava: *Seus espetáculos são lições!*

35

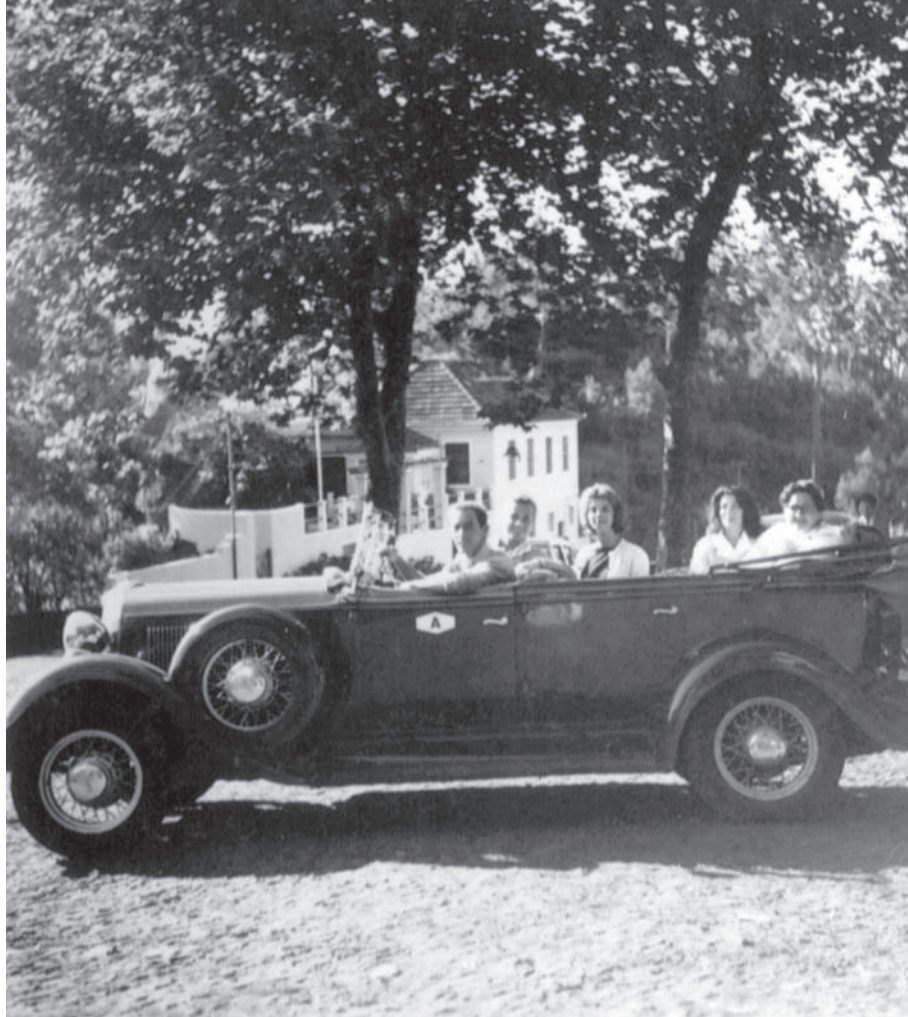
A estreia, em Lisboa, se deu com *A Compadecida*, seguida por *Pega Fogo*, de Jules Renard e *O Protocolo*, de Machado de Assis. Os críticos não pouparam elogios a Célia Helena; um deles afirmou: *teve a frescura e o donaire necessário ao papel. Interpretou com todo o rigor essa personagem do final do século passado no seu burguesismo pitoresco*. Na estreia, a grande atriz portuguesa Palmira Bastos leu uma carta do presidente brasileiro Juscelino Kubitschek de Oliveira, dirigida a Cacilda e ao elenco.

Os jornais anunciavam, com pesar, que a temporada acabaria no domingo: *Um mês passa tão depressa...* E que, em seguida, o elenco iria se apresentar em Coimbra e Aveiro. Por último, seria a vez da cidade de Porto, onde ficariam um mês no Teatro Sá da Bandeira.

Terminada a temporada, Célia volta a São Paulo, madura como atriz e como mulher. O relacionamento em Portugal com o ator Raul Cortez modifica completamente sua vida. Certa que iriam viver juntos a vida inteira, separa-se de Grisolli e inicia uma nova trajetória, que a levará aos seus dois maiores acontecimentos: ser mãe e trabalhar na inauguração do Teatro Oficina.

Eu ia muitas vezes dormir na casa dela, quando era casada com o Paulo Affonso e eu lembro mais do Paulo do que do Raul. O Paulo era uma pessoa muito simpática, muito agradável, mas eu também não questioneei a separação dela com o Paulo. Acho que a Célia fazia com que tudo fosse natural, não havia escândalo – pelo menos não para mim – porque ela fazia tudo com muita propriedade. Então ela se separou do Paulo e não houve conflito; tinha de ser.

(Thalita)



Com a Companhia de Cacilda Becker na Ilha da Madeira (Raul Cortez e Fredi Kleeman à frente, e Cacilda no banco de trás), e representando o frade no Auto da Compadecida



A volta da Companhia de Cacilda Becker de Portugal (da esquerda): Kléber Macedo, Freddi Kleeman, Sadi Cabral, Cleyde Yáconis, Sebastião Campos, Stênio Garcia, Benjamin Cattán, Célia Helena, não identificado, Oswaldo Louzada e Benedito Corsi

Os últimos meses da gravidez foram um tanto conturbados. A irmã dela, Maria Lúcia, estava muito doente e, embora já casada, voltou para a casa da mãe, necessitando de assistência total. Dona Lygia, não podendo cuidar das duas filhas ao mesmo tempo, recorreu à prima Ivete, que já morara com eles quando as meninas eram pequenas:

Eu dormia no quarto com Célia, que tinha 6 anos, mais Eneida e Celina. Cuidava delas de manhã, dava o lanche, vestia-as e aguardava a chegada do ônibus da escola para depois sair para o trabalho. Cada vez que a tia Lygia ia pra fazenda, eu ficava com elas. A Célia era muito agarrada comigo. Quando a tia Lygia me disse que a Célia estava esperando um bebê, eu logo me ofereci para ficar com ela na maternidade. Então ela me falou: Olha Ivete, como a Célia gosta muito de você, e você da Célia, não faz mal ela ficar com você? Ih!, tia. É até um prazer. Então ela foi comigo.
(Ivete)

A essa altura, Ivete já era casada e não morava mais na Rua Tutoia. Não teve dúvidas. Levou Célia para sua casa e deu-lhe todo o afeto e o carinho de que precisava naquele momento.

No dia 31 de agosto de 1960 nasceu a pequena Lígia.

Começa agora uma fase de extrema importância na carreira de Célia Helena: sua participação no Grupo Oficina. Convidada por Zé Celso, que a vira representar no Teatro Federação *Boca de Ouro*, de Nelson Rodrigues, na companhia de Rubens de Falco e Dália Palma, ela se une ao grupo de iniciantes, sem ganhar nada durante seis meses – e olhem que ela já era uma profissional... Além do que, era responsável por uma criança de colo – mas não teve dúvida, abraçou a ideia do grupo e se juntou a eles.

38

Desde o momento que ela entrou no Oficina, ela se encaixou mesmo. Como atriz, como gente, como colaboradora, foi um elemento que deu muita força para tocar a obra para diante até conseguir estreiar o teatro. Ela e o Kusnet são duas figuras-mestras para a formação do teatro Oficina. Célia foi uma espécie de irmã, se agregou à gente. Era a única pessoa para quem eu conseguia abrir alguns problemas graves que estavam acontecendo comigo. Era só dizer: Célia, eu preciso falar com você. E ela: Vem cá, eu vou fazer uma sopa. E eu ia pra casa dela, tomava a sopa e me abria com ela. E ela me dava conselhos, dizia alguma coisa. E dali não passava. Era a criatura mais antifofoca que já vi na minha vida. Nunca ouvi um comentário dela sobre qualquer coisa que alguém lhe tivesse dito.
(Renato Borghi)

O grupo convidou Eugênio Kusnet, muito mais velho e experiente do que eles, para participar do elenco. Kusnet aceitou com uma condição: ser o professor de interpretação, o que foi uma sorte para todos. Durante cinco anos, trabalharam com ele todas as manhãs, estudando textos de Gorki, Tchecov e outros autores. Para dirigir a peça de estreia pensaram em Ziembinski como diretor, mas ele não podia; Flávio Rangel também estava ocupado. Então decidiram: Zé, é com você mesmo!

O problema era ganhar algum dinheiro enquanto o teatro não ficava pronto. Renato Borghi e Etty Fraser foram vender cadeiras cativas para conhecidos e desconhecidos, e o elenco todo ia às casas dos grã-finos, fazer teatro em domicílio *para ricos*.



Célia e Raul Cortez, quando trabalharam juntos em Partido Alto, novela da TV Globo

Na estreia do Oficina, em 1961, fui escalado para viver seu marido, na peça A Vida Impressa em Dólar, de Clifford Oddets. Célia já havia atuado em peças no TBC e, assim, apesar de jovem, era, ao lado de Eugênio Kusnet, uma das mais experientes do grupo. Os ensaios incluíam improvisações de textos, que Zé Celso optara por usar. Célia logo se destacou nos exercícios por sua capacidade de entrega e lembro que, certa vez, Zé Celso teve que ir buscá-la na rua, para onde fugira, possuída pela personagem. Voltamos a trabalhar inúmeras vezes em peças do Oficina, e nossa amizade começou aí.

(Fauzi Arap)

Renato também se refere ao temperamento dela:

A coisa que mais me espantou foi o temperamento. O temperamento da Célia era uma coisa inexplicável. Lembro que era uma época em que fazíamos muito laboratório. A peça de estreia seria A Vida Impressa em Dólar, de Cliff Odetts. Ela fazia uma mulher fogosa que, obrigada pela família, era casada com um judeu franzino, que era o Fauzi Arap que fazia – e foi a revelação da temporada. Ela era apaixonada por um bookmaker, um cara que jogava ilicitamente em corridas de cavalos, e que era todo agressivo e apaixonado. Então, naquele laboratório, o Jairo Arco e Flexa, que fazia o papel do bookmaker, veio meio travado. Não se soltava. Chegou uma hora que Célia deu um soco na mesa que a mesa quebrou ao meio. Parecia técnica de caratê. Como foi que essa mulher conseguiu isso? Ela tinha uma capacidade explosiva dentro dela.

Era uma coisa assim. Era uma plácida, tinha um temperamento calmissimo, mas era capaz de explosões como poucas vezes eu vi em alguém.

A coisa fundamental que tenho a dizer sobre Celinha é uma palavra que é muito difícil de se aplicar a muitas pessoas: ela era de uma integridade absoluta. Ela era absolutamente verdadeira. Tinha suas posições. Defendia e brigava pelas posições dela. E eu admirava muito esse lado dela. Achava que ela era forte, que ela colocava as coisas.

(Renato Borghi).

Outra colega e grande amiga, Etty Fraser, fala dela com imenso carinho:

A minha lembrança da Célia é uma lembrança muito carinhosa. É uma lembrança de mãe para filha, porque todas as vezes que trabalhamos juntas – menos em Os Inimigos, de Gorki – eu fiz a mãe dela. A gente se deu bem de cara. Quando nos encontramos no Oficina, para fazer A Vida Impressa em Dólar, que era uma peça lindíssima, passada nos Estados Unidos durante a recessão americana, a gente conversava muito. Ela já tinha mais tempo de teatro do que eu; eu estava começando. Foi minha segunda peça, a primeira foi Calúnia, com a companhia Tônia-Celi-Autran. Na peça eu era casada com Chico Martins há uns 40 anos, e ele tinha que fazer uma declaração de amor para mim, como se fosse 30 anos antes. Quando o laboratório terminou e fomos para o camarim, eu disse para a Célia: Mas que ator! Você viu? As lágrimas corriam dos olhos dele, e Célia respondeu: Mas ele não estava se declarando à personagem... Ele estava se declarando pra Etty! Foi assim que ela me alertou. Assim começou o grande amor de minha vida. A gente se casou depois de dois meses e Célia, naturalmente, foi a minha madrinha.

(Etty Fraser)

A Vida Impressa em Dólar (*Awake and Sing* é o título original) estreou no dia 22 de agosto de 1961, com muito estardalhaço, o palco rodeado de fotógrafos. E isso tudo por quê? Graças à censura, *fiel amiga do teatro nacional*.

É interessante reproduzir aqui o que Décio de Almeida Prado escreveu em *O Estado de S. Paulo*, logo depois da estreia:

*Devemos todo esse alvoroço publicitário, como se sabe, à censura, que, nestes últimos tempos, com as suas proibições de undécima hora, tem contribuído com 90 por cento para o suspense do nosso teatro. (...) Uma peça de 1935, de um escritor famoso no mundo inteiro, que é considerada um clássico do teatro social norte-americano decorrente da crise de 1929. Uma peça datada, portanto, que a censura paulista pretende apresentar agora como uma verdadeira bomba revolucionária de retardamento.(...)
Até com o título brasileiro ela implicou, como se a expressão que se repete duas vezes no texto, fosse magoar os melindres norte-americanos...*

A respeito da Célia ele acrescentou:

Célia Helena também está entre esse grupo de intérpretes excepcionais (Fauzi Arap e Eugênio Kusnet) pela sensação que dá, a princípio, de aridez, de cansaço, e depois, de desorientação causada por um primeiro e longínquo fio de esperança.

(Décio de Almeida Prado)

A peça seguinte, *José do Parto à Sepultura*, de Augusto Boal, não fez sucesso: Etty fazia uma mulher grávida há 12 meses. A Célia fazia uma velhinha, que seria a avó do Zé. A peça era engraçada, mas muito avançada para a época, então voltaram com *A Vida Impressa em Dólar*.

41

Em 1962 estreia *Um Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams, dirigido por Augusto Boal, com Maria Fernanda no papel de Blanche Dubois. Célia fazia a irmã Stella e Mauro Mendonça fazia o Kowalski.

*A gente botou alguma coisa do repertório americano, porque tínhamos um fanatismo pelo Stanislawski. Mas a gente gostava muito do Stanislawski à la americana: Actor's Studio. Aquela coisa de Marlon Brando, Montgomery Cliff, James Dean. Aquela coisa meio quebrada, meio esquisita. A gente adorava aquilo.
Foi um espetáculo bem bonito. Eu fazia só uma coisinha: o entregador de jornal que ganhava um beijo da Blanche. Bem, o elenco todo ficava na coxia para ver o estado em que eu saía de cena.
Célia teve de sair da peça para operar a tiroide. Foi substituída pela Teresa Austregésilo. Depois de três meses ela voltou, mas sabíamos que ninguém podia agarrá-la pelo pescoço. Só que a Maria Fernanda, uma hora, segurou-a pelo pescoço. Célia lhe deu um empurrão em cena que a jogou no chão.
Saiu de cena uma fúria, e, logo em seguida voltou, calmissima e continuou a representar.*

(Renato Borghi)

Em seguida o Oficina encenou *Todo Anjo é Terrível*, que era a biografia de Thomas Wolff, adaptada por Ketty Frings. Direção de Zé Celso. Convidada especial, Madame Morineau, a grande artista francesa radicada no Brasil, que trabalhara com Louis Jouvet.



MORAES J. MORAES

"A vida impressa em dolar" — atual cartaz do Teatro Oficina



a vida impressa em dólar

oficina 61



Cenas de A Vida Impressa em Dólar, com Etty Fraser, Chico Martins, Mauro Mendonça e Jairo Arco e Flecha



A peça fizera um grande sucesso na Broadway. Célia e Renato Borghi faziam o par romântico. Ela era uma mocinha de época, toda delicada.

(...) Mas lhe puseram uma peruca loira que não combinava nada com a pele dela, com o jeito dela. Ela parecia uma ovelha. Ela estava muito desgostosa e um dia foi reclamar com a produtora executiva, mulher mal-humorada, que começou a ofendê-la. Sabe como é. E eu dizia: Para, para, e ela não parava. Fui lá e dei um tabefe nela. Ela chamou o namorado que veio pra cima de mim, e a companhia toda juntou em volta. E Madame Morineau, com toda aquela autoridade, falou: Fez muito bem o menino de bater nesta mulher, que se eu tivesse um chicote seria a primeira a chicotear essa criatura desalmada.

(Renato Borghi)

Finalmente, em 1963 estreou o maior sucesso do Teatro Oficina: *Os Pequenos Burgueses*, de Máximo Gorki, peça que seria remontada em diversas ocasiões, perfazendo um total de mais de 900 apresentações. Célia interpretava Tatiana. Ela mesma falava de sua personagem:

A Tatiana de Pequenos Burgueses é profundamente pequeno-burguesa. Mas a cultura que adquiriu, e sua própria sensibilidade e juventude, lhe dão certo poder de crítica sobre o ambiente que a cerca. Nas palavras de bom senso que ela ouve o pai dizer a cada momento, nota com desgosto a mesquinha subjacente. O apego ao dinheiro que leva às mais vergonhosas formas de economia. A vontade que os pais tem de vê-la casada a qualquer preço, mal disfarça o medo que sentem de ter uma filha encalhada. Enfim, a falta de respeito aos sentimentos alheios dentro de sua casa se manifesta de maneira chocante com o minucioso respeito que os pais demonstram ter pelo julgamento que deles possa fazer a sociedade. Mas Tatiana ama esses pais que sofrem e que merecem ser amados. Tenta poupar-lhe a visão da própria estreiteza. Fica em silêncio diante deles. Mas o conflito se dá ainda assim: eles não querem o silêncio, querem a adesão. Querem obrigá-la a usar suas velhas fórmulas de vida. Chega o momento em que ela tem de dizer ao pai: O senhor tem razão, mas eu também tenho, existe a sua verdade que é diferente da minha verdade. Mas o pior é que Tatiana não tem a sua verdade. Fica só, fugindo aos amigos, à vida, rodando sempre em torno de si mesma. Sua crise é sem saída.

Críticos, diretores e colegas elogiaram sua interpretação. Yan Michalski, crítico renomado do Rio de Janeiro, frisou:

Célia Helena realiza outra façanha: a de interpretar com brilho uma personagem essencialmente apagada. É da sua boca que saem algumas das mais comoventes, sinceras, mais sofridas, mais simples inflexões do espetáculo; uma interpretação na qual todo gesto, toda palavra e todo olhar tem a sua medida exata.

Geraldo Queiroz escreveu:

Uma presença amargurada e sofrida que a atriz realiza com uma classe extraordinária.

*Cenas de Todo Anjo é Terrível,
com Mme. Henriette Morineau e
Renato Borghi, entre outros*



Já o diretor Augusto Boal reclama, em um artigo escrito no jornal *Última Hora*, das pausas da atriz:

Célia Helena é uma boa atriz, conhece os processos de laboratório. E isto é bom. O mau é que vai muito além do necessário e do permitido. Cada frase do seu texto torna-se, dito por ela, no clímax da cena ou da peça. Carrega-se de emoção e de significados impossíveis de compreender. Se Tatiana diz um simples Bom-dia, Célia Helena necessita de muitas pausas para permitir as transições dos pensamentos que, naquele momento, passam por sua cabeça. Mas por fim ele concorda que isto não impede que ela apresente uma das melhores interpretações da peça.

Etty Fraser relembra a época de *Pequenos Burgueses* com carinho:

Célia fazia a minha filha. E fazia maravilhosamente; ela era a própria Tatiana. Dava um show nessa personagem. Era uma época turbulenta no Brasil: 1963, 1964. Kusnet disse: Essa peça não vai durar nem dois meses no Brasil. É muito fora de época. Ele estava redondamente enganado, a peça estava cem por cento na época.

Eu dividia o camarim com a Célia. Depois do espetáculo vinham aquelas mocinhas falar com ela; e choravam. Elas se reconheciam na Tatiana. E vinham senhoras – eu fazia a mãe burguesa – que me abraçavam e diziam que era assim mesmo dentro das casas delas, que os maridos as tratavam assim.

Lembro que tinha uma cena em que a Célia tocava piano e eu entrava em cena e chamava: Tatiana, Tatiana. Ela acabava de ter uma cena violenta com o personagem de quem ela gostava e nós tínhamos uma discussão. Toda a raiva que ela tinha que ter, ela punha em cima de mim e acabava me dando um empurrão.

Eu estava fora de cena, esperando a hora de entrar. Só que descobri que estavam no escritório do Oficina dois padres dominicanos conversando e, claro, eu fui pra lá tentar ouvir o que eles diziam. E me distraí.

De repente chega correndo feito um louco o Raul Cortez: A Célia já tocou Beethoven, já tocou Bach e você não entra! Aí fui correndo e gritando lá de fora: Tatiana! Tatiana! Tatiana! Na hora que entrei em cena ela me deu tamanho empurrão que caí sentada em cima do piano. Foi aquela barulheira!

Mas uma outra Tatiana estava esperando por Célia.

Após um pequeno papel, em que ela tinha apenas poucas frases, mas ao qual deu um raro relevo humano a uma figura apagada – em *Andorra*, de Max Frisch – seria a vez de *Os Inimigos*, de Gorki (já em 1965), onde ela viveria Tatiana Lugova.

Desde 1º de abril de 1964, José Celso resolvera encenar a peça por considerá-la capaz de traduzir com fidelidade a situação da sociedade atual. Mas a censura proibiu o texto e, ainda por cima, retirou de cartaz *Os Pequenos Burgueses*. Aí o Oficina e os colegas de teatro do Rio e São Paulo deixaram de lado as tentativas de liberar *Os Inimigos* e passaram a lutar pelos *Pequenos Burgueses*, que, após algumas reuniões com os censores, voltou ao cartaz.

Finalmente, após vários meses, a censura entrou em acordo com Zé Celso e *Os Inimigos* foi liberada.

OUTUBRO, 1963 — N.º 3
DISTRIBUIÇÃO GRATIS

TEATRO OFICINA

MAXIMO GORKI

© PEQUENOS BURGUESES ©



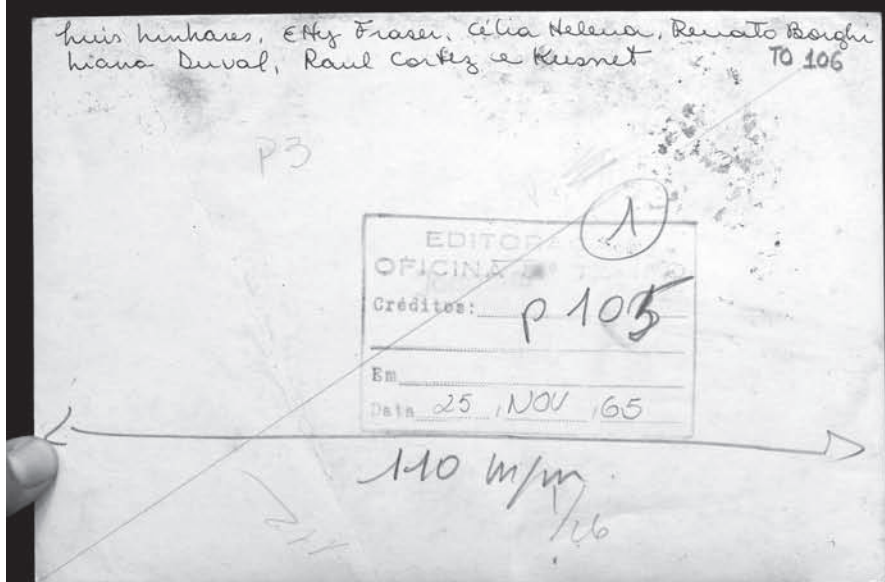
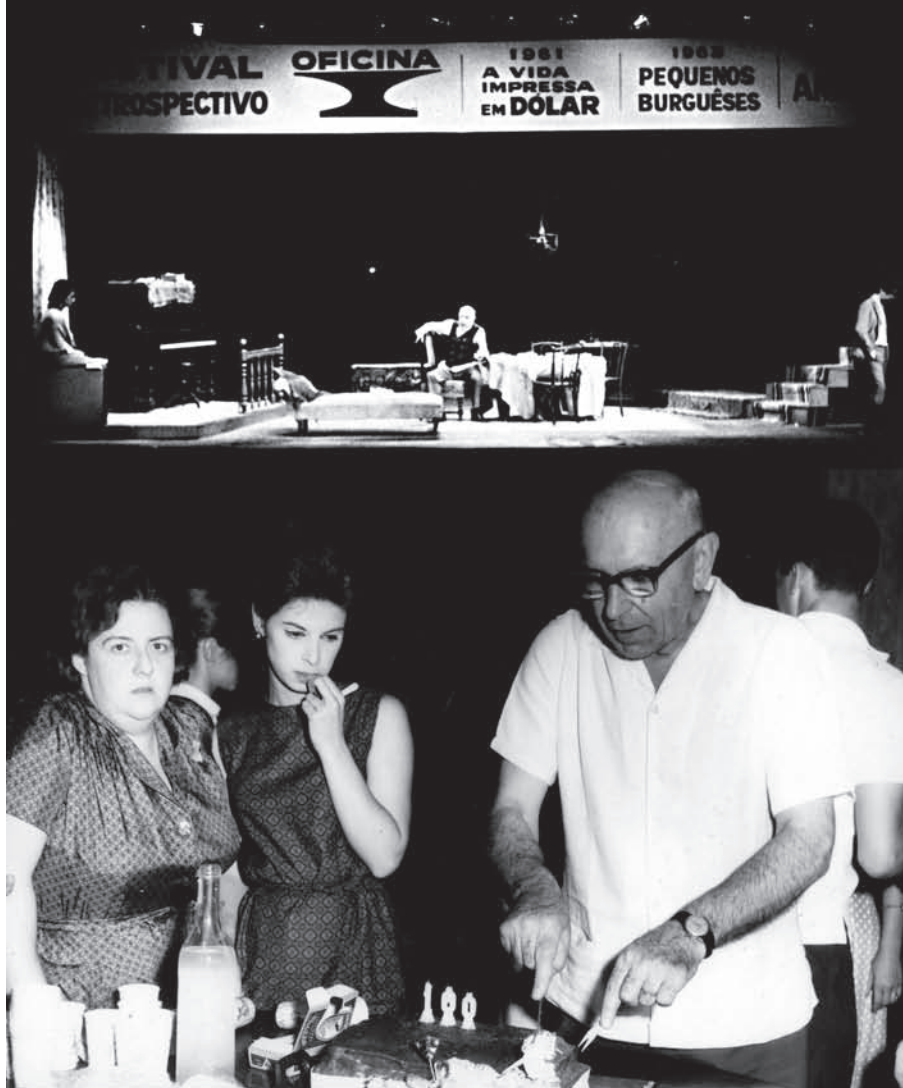
Wesley Duke Lee (The Striped)





Cenas de Pequenos Burgueses, com alguns dos participantes dos vários elencos da peça (à esquerda), e à direita, com Renato Borghi (acima), Liana Duval e Miriam Mehler (centro) e Raul Cortez (abaixo)





Cenas de Pequenos Burgueses, com a comemoração da centésima apresentação (identificação da foto feita pela própria Célia)



*Cenas de Pequenos Burgueses,
com Raul Cortez (acima), Nilda
Maria e Fernando Peixoto (ao
lado), e Ronaldo Daniel (abaixo)*





Cenas de Andorra, com Fernando Peixoto, Miriam Mehler e Renato Borghi



Um jornal do Rio de Janeiro afirmou que o marechal Castelo Branco influenciou pela liberação do texto, mas nada se soube oficialmente. A entrevista com ele, pedida pelo pessoal do Oficina, por intermédio de Bárbara Heliodora, não chegou a se realizar. Sabe-se apenas que ele gostou muito de *Pequenos Burgueses* e que prometeu assistir a *Os Inimigos* na primeira oportunidade. Ainda não veio!

A respeito de Célia em sua segunda Tatiana, Borghi se manifesta assim:

Uma atriz lindíssima com um vestido vermelho de veludo e um tremendo decote. Ela que era sempre discreta nas cores! O belíssimo figurino que Flávio Império fez para ela revelava uma beleza de mulher, fumando com uma piteira e completamente diferente de como o público estava acostumado a vê-la.

Mas, ao falar em *Andorra*, os colegas relembram um ensaio da peça, um laboratório em que Miriam Mehler era currada pelos soldados e acabava enloquecendo. A cena não tinha bastante força, provavelmente estavam todos encabulados. Zé Celso então chamou de lado os atores que interpretavam os soldados e mandou aumentarem a violência para dar credibilidade à ação. Os rapazes acabaram se entusiasmando demais e começaram a rasgar a roupa de Miriam. De repente, Célia, que não estava na cena, só estava assistindo, ficou nervosa, desceu aquelas escadarias do teatro correndo e entrou em cena, empunhando um fuzil para interromper aquilo: *Para já! Para!!!*

A respeito de seu pequeno papel, a própria Célia declara:

O papel da mãe de Andorra foi o papel do qual mais gostei. Ela só tinha seis ou sete falas, aparecia muito pouco, e consegui trabalhá-la e fazê-la existir num todo. Já as duas Tatianas deram os melhores resultados de público e conjunto.

(Diário do Povo, 1966)

Célia Helena, uma grande atriz, de sensibilidade à flor da pele, de arrasadora ironia, e de uma impressionante capacidade de criar sempre inflexões novas, gestos novos, expressões novas.

(Yan Michalski sobre *Andorra*)

Em outubro de 1964, o Teatro Oficina participou do Festival Internacional de Teatro de Atlântida, no Uruguai, no qual se apresentavam elencos da Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. O convite veio por intermédio do maior crítico uruguaio, que assistiu a vários espetáculos em São Paulo e no Rio, e escolheu o Oficina para representar o Brasil.

Os jornais anunciaram a chegada dos brasileiros com estardalhaço: *La invasión brasileña... Un conjunto de excepción*. Foi tal o sucesso de crítica e público que Eugênio Kusnet e Célia Helena ganharam os prêmios de melhor ator e melhor atriz por *Pequenos Burgueses*.

Este foi o primeiro prêmio da carreira de Célia, pela interpretação de Tatiana. O segundo, ganho no mesmo ano em São Paulo, foi por uma comédia russa, escolhida por Eugênio Kusnet: *Quatro num Quarto*, de Valentin Katayev, dirigida por Maurice Vaneau. Aliás, foram dois prêmios: o Governador do Estado e o APCT (Associação Paulista de Críticos Teatrais).

TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

O TEATRO OFICINA DE SÃO PAULO

Apresenta:

OS INIMIGOS

3 atos de MÁXIMO GÓRKI

tradução e adaptação: *Fernando Peixoto e José Celso Martins Correia*

produção: *Joe Kantor Produções e Cia. Teatro Oficina Ltda.*

AÇÃO DA PEÇA: Rússia, 12 anos antes da Revolução Socialista.

POLÓGUI (empregado da fábrica) FRANCISCO MARTINS
KOGNE (soldado a serviço do general) LIBERO RIPOLI FILHO
AGRAFÊNA (criada) EDITH MONDEGO
YÁCOV (irmão de Zakhar, marido de Tatiana) EDNEI GIOVENAZZI
GENERAL (reformado, tio de Zakhar e Yákov) EUGÊNIO KUSNET
MIKHAIL (sócio de Zakhar, irmão de Nikdai) ROLANDO BOLDRIN
SINTZÓV (empregado da fábrica) PAULO CESAR
POLINA (espôsa de Zakhar) ETTY FRASER
NIKOLAI (promotor, irmão de Mikhail) MAURO MENDONÇA
ZAKHAR (Sócio de Nikdai) LINEU DIAS
TATIANA (atriz, espôsa de Yákov) CÉLIA HELENA
NÁDIA (filha de Polina e Zakhar) ITALA NANDI
KLEOPÁTRA (espôsa de Mikhail) BEATRIZ DE TOLEDO SEGALL
GRÉKOV (operário) PAULO VILLAÇA
LIÉVCHIN (operário) ROGÉRIO MARCICO
CHEFE DE POLÍCIA OTÁVIO AUGUSTO
RIABTZÓV (operário) HEITOR O'DWYER
BABOLÉDOV (capitão da "gendarmerie") ABRAHÃO FARC
KUATCH (sargento da "gendarmerie") MARCUS DE TOLEDO
AKIMOV (operário) FLÁVIO PÔRTO
SOLDADOS, OPERÁRIOS N. N.
SOLDADO OPERÁRIO ANTONIO HENRIQUE, JOSÉ CLAUDIO

DIREÇÃO: *José Celso Martinez Correa*

CENÁRIO E FIGURINOS: *Flávio Império*

TRILHA SONORA: *Chico Buarque de Holanda*

DIRETORES ASSISTENTES: *Eugênio Kusnet, Fernando Peixoto,*

Heitor O'Dwyer

PRODUTORA EXECUTIVA: *Miriam Muniz*

COORDENAÇÃO GERAL: *Renato Borghi*

FOTOGRAFIA: *Fredi Kleemann*





Conversando com Renato Borghi sobre a dificuldade de se fazer comédias, ele contou o que aconteceu com ele, justamente em *Quatro num Quarto*:

Tanto Célia quanto eu não sabíamos fazer comédia; tínhamos feito muito drama, não sabíamos os tempos de comédia. Célia fazia minha mulher, uma intelectual. Éramos dois casais morando juntos num apartamento na Rússia. Rosamaria Murtinho era uma mulherzinha que gostava de comidinha, de almondeguinhas, e não sei que... Só que a gente casou trocado. Eu gostava das almondeguinhas e Ronaldo Daniel era um intelectual. No final havia troca dos casais. É uma peça muito engraçada, mas eu não conseguia fazer o papel todo gracioso, todo bonitinho, uma gracinha. Começou a me dar desespero. No ensaio geral, tomei um porre e fugi. Zé Celso conseguiu me pegar dentro do avião e me trouxe de volta. Aí eu estreei. Foi bom, tanto para mim como para a Célia, porque o público nos ensinou a fazer comédia; quando fazíamos uma coisa certa, ele gargalhava. Quando estávamos tensos, não tinha reação. Então a gente ia aprendendo.

Em 1966 o Teatro Oficina pegou fogo. Não seria fácil reerguê-lo, precisaria de tempo e dinheiro. Resolveram então remontar as peças em outro teatro e também no Rio de Janeiro. Seria uma temporada de retrospectiva, intitulada *Salto por Salto*. O sucesso foi grande.

Após a temporada no Rio, em 1967, Célia desliga-se do Oficina. Quer buscar novos caminhos. Trabalhar com outros diretores e atores. Ela acha que trabalhar sempre com o mesmo grupo tende a limitar a capacidade de realização do ator. Por isso, busca novas experiências.

57

Participa de um espetáculo do Teatro Opinião, no próprio Rio de Janeiro, dirigido por João das Neves: *O Estado Militarista – A Saída, Onde Fica a Saída?*, de Ferreira Goulart, Antônio Carlos Fontoura e Armando Costa, uma peça que aborda, numa mescla de teatro e cinema, um documentário sobre uma possível terceira guerra mundial.

No mesmo ano há uma montagem de *O Círculo de Giz Caucasiano*, de Bertolt Brecht, dirigida por Augusto Boal, com Célia no papel principal. Especialmente montada para participar de uma homenagem do Instituto Goethe a Brecht, é apresentada durante um único dia. Cenários e figurinos apresentavam o máximo de despojamento, utilizando restos da cenografia de outras peças do Arena.

Em 1968 Célia já está de volta a São Paulo estreando *As Moças*, de Isabel Câmara, dirigida mais uma vez por Maurice Vaneau, no Teatro Cacilda Becker. Por essa peça recebe, novamente, os prêmios Governador do Estado e APCT.

Um autor, que foi muito importante nas décadas de 1950 e 1960, Abílio Pereira de Almeida, tinha sido posto para escanteio pelos jovens autores e críticos de teatro da geração pós-Arena. Prontos para criticar tudo que existira antes deles, consideravam-no superado. Ninguém mais se lembrava dos enormes sucessos que lotavam todos os teatros em que se apresentava uma peça sua. Mas Fredi Kleemann não se esquecera dele. Vendo-o na maior depressão, insistiu para que saíssem e fossem visitar os pontos mais frequentados pelos jovens da época, para ele se animar a escrever novamente. Desta vez seria a respeito da nova geração que frequentava a noite de São Paulo.



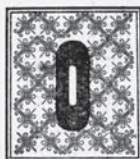
*Cenas de Quatro num Quarto,
com Rosamaria Murtinho, Ronal-
do Daniel e Renato Borghi*







PREMIO GOVERNADOR DO ESTADO



TEATRO

GOVERNADOR do Estado de São Paulo,
nos termos da lei 2003 de 20 de dezembro de 1952 e de acordo
com a decisão da Comissão Estadual de Teatro confere a

CELIA CAMARGO SILVA
MELHOR COADJUVANTE
FEMININO DE 1968

SÃO PAULO, 27 DE ABRIL DE 1970


GOVERNADOR

Surgiu assim *O Clube da Fossa*, sua última peça. Inicialmente a censura proibiu, só que não sabia bem o quê. Fez uma lista de infrações e disse que a peça se enquadrava numa delas e seria proibida para todo o território nacional. Célia ficou muito triste, pois gostava imensamente de seu papel: *Pois eu não fui fazer o papel de uma moça viciada em tóxicos, e de tanto estudar o seu problema eu não deixei de fumar?*

Abílio escrevia bem sobre aquilo que conhecia em profundidade. Daí o grande sucesso que sempre tivera ao criticar os grã-finos de sua época. Umas voltas à noite pela Galeria Metrópolis não foram suficientes para penetrar na nova mentalidade da juventude paulista. A peça não foi um sucesso. E isso o deixou ainda mais entristecido e desanimado.

No mesmo ano, Célia Helena participa comigo da tentativa de fazer, no Brasil, uma peça de humor negro inglês, *Um Dia na Morte de Joe Egg*, de Peter Nichols, no Teatro Bela Vista. A direção foi de Antônio Ghigonetto; no elenco Lima Duarte, Rildo Gonçalves, Maria Célia Camargo, Sylvinha (minha filha, com 15 anos), Célia e eu. Humor negro já é complicado para atores sul-americanos, e para um público que entra no teatro totalmente despreparado para o que vai ver. Quando, ainda por cima, é humor inglês... Só na Inglaterra.

O que foi muito bom é que, de simples colegas, nos tornamos amigas. Morando perto, voltávamos para casa juntas todas as noites. E começamos a nos conhecer melhor; conversávamos bastante a respeito de tudo. Anos mais tarde, quando ela já criara sua escola de teatro, me convidou a participar de seu trabalho. Aceitei. E aqui continuo ainda, ao lado de sua filha Lígia, que prossegue, com a mesma paixão, na luta que sua mãe iniciou em prol de uma juventude ansiosa por conhecimentos, sedenta por teatro.

O ano de 1969 marcou um dos maiores acontecimentos teatrais de São Paulo. A estreia de *O Balcão*, de Jean Genet, um antigo presidiário, cujo livro autobiográfico despertou interesse no mundo todo.

Para montar a peça, a empresária e atriz Ruth Escobar não mediu esforços. Convidou um jovem diretor argentino, muito discutido na Europa, destruiu o próprio teatro para reconstruí-lo de forma diferente. E quando digo destruiu, não é um eufemismo. Tirou palco, plateia, piso, deixando só as paredes externas do prédio. Ergueu uma torre de metal que subia do subsolo até o teto do edifício. Ali, a quase 25 metros de altura, vi Célia Helena equilibrar-se numa plataforma de menos de 2 metros de comprimento, numa cena de teor profundamente dramático. A interpretação valeu-lhe dois prêmios: o Governador do Estado e o APCT.

Sua próxima aparição em teatro demoraria dois anos. Seria no Teatro Cacilda Becker num grande texto: *Panorama Visto da Ponte*, de Arthur Miller e ao lado de um grande ator, Leonardo Villar. A peça, dirigida por Odavlas Petti, valorizou o texto e os intérpretes; o espetáculo foi bem recebido pelo público.

E me marcou muito uma cena em que Célia não falava, apenas movia, devagar, uma das mãos. Deus do céu, quanta coisa a ouvi dizer...

(Roberto Trigueirinho)

Célia sempre teve interesse especial pelos jovens e, em 1972, iniciou um trabalho artístico em teatro-educação, ao lado de Oscar Felipe e do professor Nelson Suzano. O projeto *Companhia Teatro Didática* tinha por objetivo efetivar o teatro como um meio de educação, servindo a estudantes e professores.



De *Peter Nichols*

Tradução: *Barbara Eliodora*

Direção: *A. Ghigonetto*

Com

NYDIA LÍCIA

LIMA DUARTE

MARIA CÉLIA CAMARGO

RILDO GONÇALVES

CÉLIA HELENA

SILVIA CARDOSO

ESTREIA DIA 13 ÀS 21 HS. NO

TEATRO BELA VISTA

RUA CONS. RAMALHO, 538

TEL. 239-0778





O primeiro espetáculo: *E Deus Criou a Varoa*, em 1973, teve direção e participação de Oscar Felipe, mais Célia Helena. Consistia de uma seleção de textos de Machado de Assis, Camões, Gil Vicente, García Lorca, Molière, Drummond, Cecília Meirelles, Manoel Bandeira, Clarice Lispector e da Bíblia. O espetáculo era levado às escolas da capital e do interior. Elogiadíssimo pelos professores, despertou o interesse dos alunos, cumprindo assim sua finalidade cultural e pedagógica.

É uma fase difícil da vida, quando o jovem já é adulto em alguns pontos e em outros não. O corpo vai se modificando, a voz também. As ideias ainda não são muito claras. E, estranhamente, é a faixa mais esquecida. Por outro lado, a ânsia de apreender é muito maior entre eles.

(Célia)

O próximo espetáculo, baseado na *História do Brasil e da Música Popular Brasileira*, contou com a participação de José Ramos Tinhorão, grande pesquisador musical, e de Paulo Herculano, maestro, pianista e compositor. A direção foi de Silney Siqueira. Tudo que Célia fazia era profundamente sério e ela e Oscar Felipe se cercaram de pessoas culturalmente importantes para fazer parte de um conselho consultivo. Entre elas, Sábato Magaldi, Miroel Silveira, Regina Helena, Hélio Silveira, Cleyde Yáconis, Paulo Herculano e Ramos Tinhorão.

A peça chamou-se *Sambão Didático – De Cabral a Isabel*, uma espécie de teatro musicado que vai dando aos adolescentes noção da nossa história, através de sambas-enredos. A intenção de Célia Helena não era permanecer sempre trabalhando nas escolas. Pelo contrário, seu desejo era – depois de um período de experiência – passar a outros esse tipo de trabalho.

Agora só quero ser útil à minha profissão, e confesso que nunca estive tão feliz em minha vida, tal qual agora. Quero ensinar a colocar de forma prática a minha experiência.

65

Em 1974, um chamado irrecusável de Ruth Escobar. Participar do 8º Festival de Artes do Irã, representando os *Autos Sacramentais*, de Calderón de la Barca, nas escadarias do palácio do rei Dario, na mítica Persépolis, na presença do xá da Pérsia, Reza Pahlavi, e de sua esposa, Farah Diba.

Novamente uma direção pra lá de ousada de Victor García, com 20 atores e uma gigantesca estrutura de aço, pesando toneladas, que ninguém conseguiu erguer e fazer funcionar. Era uma máquina que fora montada no Brasil, em seguida seccionada, embarcada para o Irã, extraviada no aeroporto de Roma, reencontrada e embarcada para Persépolis às vésperas da estreia, e que jamais funcionou. Além disso, uma proposta impossível de ser aceita num país do Oriente Médio: todos os atores nus, quase a peça inteira! A censura não liberava o espetáculo alegando que: *além de ferir a moral pública, tão prolongada exposição de corpos poderia provocar reações imprevisíveis entre a plateia.* (Eunice Gazeau – *Jornal da Tarde*)

Claro que tiveram que mudar alguma coisa da proposta inicial. Em primeiro lugar vestir os intérpretes, apesar da opinião contrária de Victor García. O elenco usou o macacão branco de ensaio, em sinal de protesto.

As críticas no Festival do Irã não foram absolutamente benevolentes, nem mesmo respeitadas. A oficialidade falava até de honra e moral iranianas que seriam agredidas com a nudez total do espetáculo.

(Rofran Fernandes)

A **COMPANHIA TEATRO-DIDÁTICA** foi organizada por um grupo que após várias experiências, está orientando o teatro como um instrumento do processo de aprendizagem. Trata-se de uma atividade que coloca uma arte em função de outra, portanto um trabalho que exige perfeito entrosamento artístico e técnico.

A Companhia que é orientado pelos atores Célia Helena e Oscar Felipe e pelo professor Nelson Susano, conta com um grupo interprofissional de Assistentes Sociais, Pedagogos, Psicólogos e um Grupo de Consultoria com representantes das artes em geral e consagrados na literatura, música e no teatro.

Visando maior integração teatro-escola criou-se o **PROJETO "MONTEIRO LOBATO"** com objetivos voltados exclusivamente ao processo educativo.

Os espetáculos contribuirão para o desenvolvimento dos programas de ensino do primeiro e segundo graus, de universidades, bem como, com planos e ou projetos executados por instituições públicas ou particulares.

O nosso objetivo com esse espetáculo é despertar o interesse do jovem para a literatura.

"E DEUS CRIOU A VAROA"

(Projeto "Monteiro Lobato")

Seleção de textos e adaptações

OSCAR FELIPE — ROBERTO DE CLETO

Seleção e direção musical FERNANDO LÉBEIS

com

CÉLIA HELENA

OSCAR FELIPE

VICENTE DE LUCA

TARCÍSIO JOSÉ

NELSON SIQUEIRA

FREDERICO F. COTRIM

luz e som — FREDERICO F. COTRIM

administração — LUCY LIMA

coordenação geral — TEREZINHA ROCHA ALVARENGA

TEATRO — DIDÁTICA

Prepara o seu próximo espetáculo
do projeto Monteiro Lobato

A História do Brasil e da Música Popular Brasileira

pesquisas musicais José Ramos Tinhorão

direção musical Paulo Herculano

pesquisa e adapt. de textos Oscar Felipe - Nelson Suzano

ESTREIA — 2.º SEMESTRE 1.973



Cena de E Deus Criou a Varoa, com Oscar Felipe

SAMBÃO DIDÁTICO

CELIA HELENA
E
OSCAR FELIPE

VOCÊ TRANSA
ESSA DE SAMBA
ISABEL?

DE CABRAL
A
ISABEL

CLARO, CABRAL,
SOU ATÉ PASSISTA
DA MANGUEIRA!



DIREÇÃO MUSICAL = PAULO HERCULANO
CENÁRIOS E FIGURINOS = ARLINDO RODRIGUES
DIREÇÃO = SILNEY SIQUEIRA

Em seguida, na Bienal de Veneza, a censura queria também proibir a nudez. O assunto foi levado aos tribunais italianos, e uma comissão de sete juízes – criada pelo presidente da República – considerou a nudez *de uma pureza total, nada tendo de obsceno*. E a nudez foi permitida. Ao contrário do que aconteceu no Irã, na Itália a peça foi um sucesso.

Depois de dois meses de andanças pelo Oriente Médio e pela Europa, esperando, inutilmente, que o incômodo artefato de duas toneladas fosse consertado em Paris, parte do elenco voltou ao Brasil. Entre eles, Célia, que tinha outros compromissos.

Em 1975 decide fundar a Célia Helena Produções Artísticas S/C Ltda., e produz *A Sétima Morada*, de José Maria Ferreira, no Teatro Ruth Escobar. Dirigida por José Rubens Siqueira, interpreta a vida de Santa Theresa d'Ávila. A ideia da montagem é fruto das andanças pela Espanha, onde travou contato com objetos, igrejas, conventos, e todo o meio social e físico onde a santa viveu.

O elenco é excelente: Célia, Carlos Augusto Strazzer, Liana Duval, Lineu Dias, Elizabeth Henreid, Reny de Oliveira e Kito Junqueira, além da música de Paulo Herculano e cenário de Karon. Mas o defeito está no texto, que não se decide entre dar prioridade aos fatos ou às ideias, e se revela monótono. E a direção parece acentuar-lhe os defeitos. A crítica não perdoa. Célia então toma a decisão de levar a peça nas igrejas, onde o público está muito mais propenso a se emocionar com a vida da santa. E o espetáculo se transforma num sucesso.

Célia, no mesmo ano, organiza a *Primeira Vivência Coordenada de Teatro*, sob o patrocínio da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, que tem por fim levar espetáculos à periferia, em escolas, na Febem e órgãos assistenciais. Os espetáculos são (para adolescentes) *O Casamento de Natalina*, adaptação de Célia da peça *Pedido de Casamento*, de Anton Tchekhov, sob a direção de Carlos Augusto Strazzer, com Célia Helena, Strazzer e Ana Maria; e (para crianças) *Libel, a Sapateirinha*, peça infantil de Jurandir Pereira, dirigida por Antônio Centurião, com Strazzer e Ana Maria, levada em mais de 30 cidades do interior; e *A Palestra*, dirigida por José Roberto Silveira; apresentadas em escolas e igrejas também no interior.

Um grande sucesso para Célia surge em 1976: *Pano de Boca*, de Fauzi Arap, dirigida pelo autor, no Teatro 13 de Maio.

A personagem Magra, uma atriz em busca de sua identidade, acabou lhe caindo como uma luva.

(Fauzi Arap)

Sábato Magaldi escreveu em sua crítica em *O Estado de S. Paulo*:

Mais do que uma peça sobre teatro ou um estudo sobre uma fase fundamental do palco brasileiro, Pano de Boca, em cena no 13 de Maio, é uma sofrida investigação sobre a nossa identidade. Fauzi Arap utiliza o pequeno mundo de um grupo de atores, cujos conflitos são forçosamente mais tensos e agudos, para transcrever em imagem poética o drama de cada um de nós como projeto de vida, vocação e destino.

As interpretações de Nuno Leal Maia, Benê Mendes e Jonas Bloch recebem elogios da crítica, mas é Célia que é ovacionada. Por unanimidade, público e crítica consideram a personagem *Magra* a maior interpretação de sua carreira. Ela ganha mais dois prêmios: Molière e APCA.

"Celia Helena Produções Artísticas"

TORNA PÚBLICO, SEU PROFUNDO AGRADECIMENTO ÀS
Indústrias Reunidas F. Matarazzo S/A.

Rua Joly, 273 — São Paulo — Cujá colaboração — Tornou
possível a realização do espetáculo Teatral **"A SÉTIMA MORADA"**
(O Romance de Tereza D'Avila).

A SÉTIMA MORADA

TEATRO RUTH ESCOBAR
RUA DOS INGLESES, 209

TEATRO 289-2358 - CASA ESPEC. 32-0263

Fôlder de A Sétima Morada e, na
plateia, o clero com D. Paulo Eva-
risto Arns





Como Santa Theresa d'Ávila, em A Sétima Morada

Célia sempre foi uma excelente atriz, mas aqui, em Pano de Boca, surge com uma grandiosidade incrível. Sua presença e interpretação eletrizam a plateia.

(Hilton Viana – *Diário da Noite*)

O essencial é identificar-me com a personagem, pois como atriz sou meio bicho, totalmente intuitiva, não adianta querer racionalizar as coisas. Senti, captei, e pronto, interpreto.

(Célia)

Na fase que precedeu Pano de Boca, ela havia se acomodado a uma vida tranquila e se habituou a reprimir seu temperamento, aquele mesmo que fez com que acabasse saindo pra rua, no meio de uma improvisação no Teatro Oficina. Parte de seu sucesso nesse papel, veio por eu ter conseguido convencê-la a mergulhar como nos velhos tempos, o que consegui devido à nossa velha cumplicidade. Os adjetivos disparados pelos melhores críticos passavam por antológica e magistral. Desconfio que o cacife que acumulou com o sucesso a ajudou a realizar seu projeto de criar a escola e o teatro.

(Fauzi Arap)

O interesse pelos jovens, o desejo de fornecer-lhes algo específico para a idade, faz com que, além de se dedicar cada vez mais a espetáculos para serem representados em escolas, igrejas e áreas livres, ela inaugure no dia 27 de junho de 1977, o Teatro Escola Célia Helena, na Liberdade.

Criando um curso de teatro para os jovens, passou de si mesma o que de melhor tinha: seus pequenos tesouros, acumulados em mais de 40 anos de trabalho. Encantou-a, certamente, perceber naquela juventude uma espécie de renascimento: as mesmas perplexidades, esperanças e dúvidas que cercavam a jovem Célia Helena no alvorecer dos anos 1950.

(Maria Thereza Vargas)

Artista tenho certeza que já fui, pela vontade, pela crença em minha profissão. E já fui educadora porque todo o meu trabalho se encaminha para a educação. E eu não tive nenhum preparo para isso, mas tudo se encaminha para a educação.

(Célia – entrevista para a TV)

Tendo encontrado uma velha fábrica de carimbos, fundada em 1912 e que estava vazia, aluga-a. Mas é preciso reformá-la e transformá-la num pequeno teatro. Quem se oferece para ajudar é Ruth Escobar, que se manteve amiga da Célia até o fim (foi uma das últimas pessoas a visitá-la no hospital, um dia antes de seu falecimento). Ruth sugeriu-lhe o nome do arquiteto Ruy Ohtake, e os apresentou. Entenderam-se imediatamente e Ruy iniciou a criação do teatro.

Criou um espaço retangular que seria usado como palco, ao redor do qual, em lugar de construir uma plateia tradicional, escavou uma arquibancada no estilo dos teatros gregos antigos. Ao redor do espaço nu, em retângulo, tomariam assento os espectadores dispostos em três lados.

Pano de Boca

Um concerto de
Theatro de
Fauzi Arap

Personagens:

PAGÃO
SEGUNDO
MAGRA
PAULO
ANA
MARCO
ZECA
PEDRO
TARSO

"Pobre de quem é
chamado por uma dessas
palavras que todos repetem:
louco, imbecil... que sei eu?"

Luigi Pirangelo



A ação se passa em três planos:

1 *Cenas entre "Pagão" e "Segundo", personagens inacabados de um autor, no processo de criação dos mesmos, e a relação deles, personagens, com o autor.*

2 *Plano realista: um grupo de atores tentam organizar a reabertura de um teatro alugado por eles, mas que se encontra fechado há já algum tempo.*

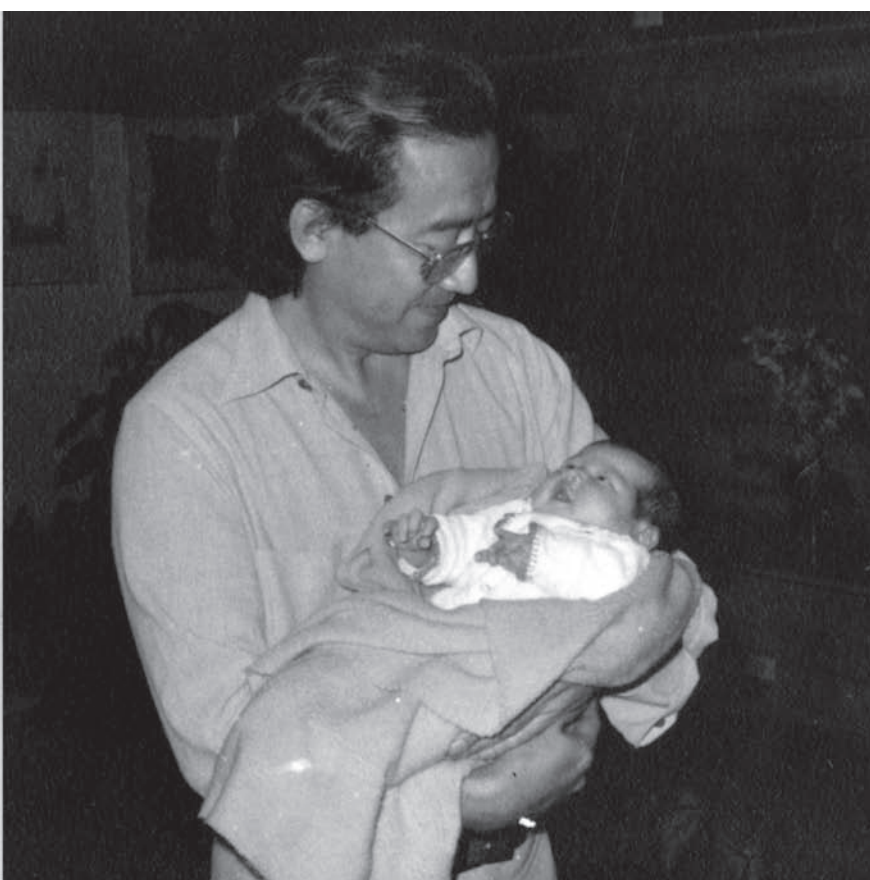
3 *"Magra", uma atriz do grupo já referido, conversa com alguém sobre acontecimentos recentes que motivaram a desintegração do grupo.*

*Em Pano de Boca, com Mar-
cos Alvisi, Jonas Bloch e João
Signorelli*

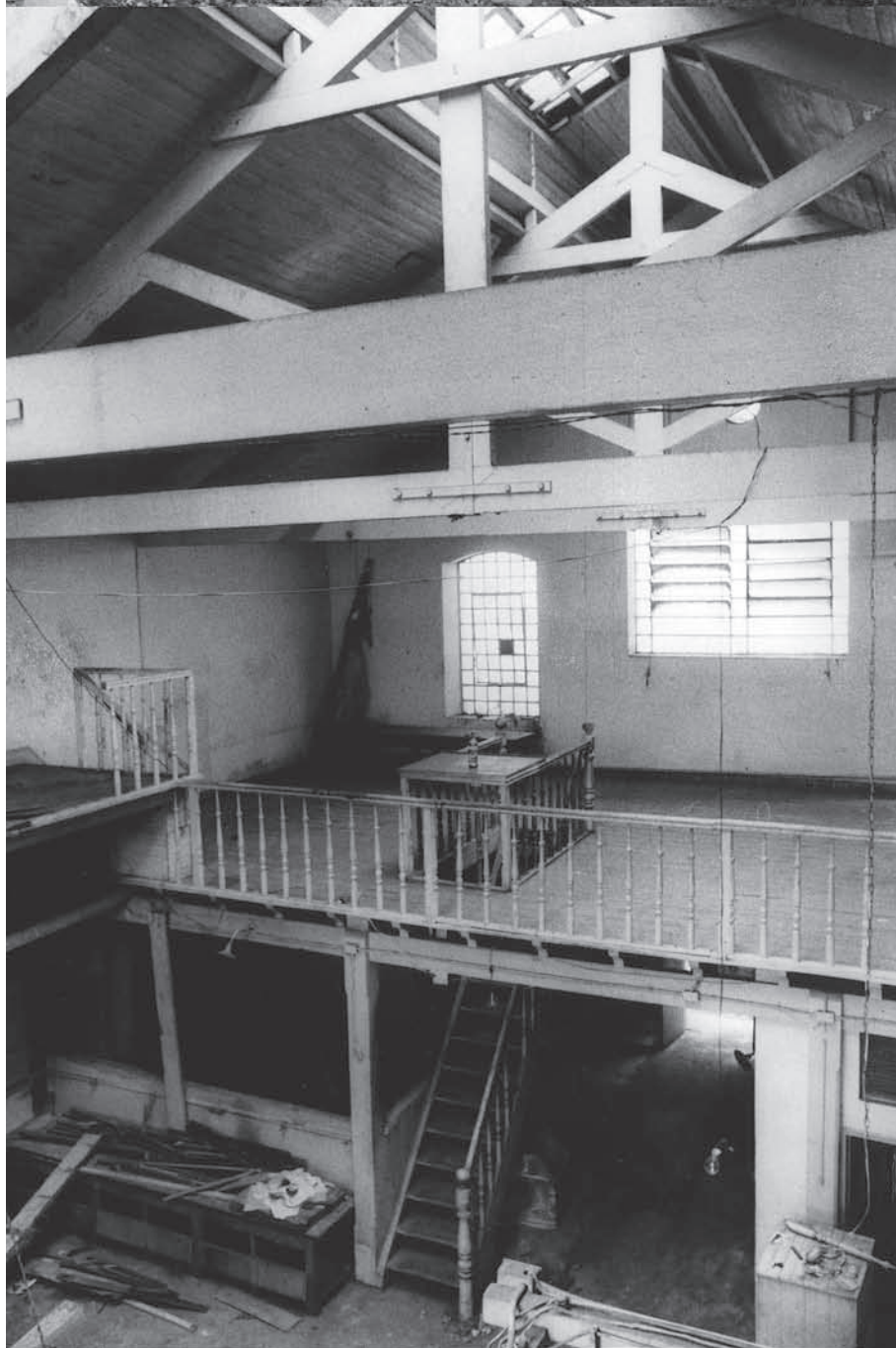




Cenas de Pano de Boca

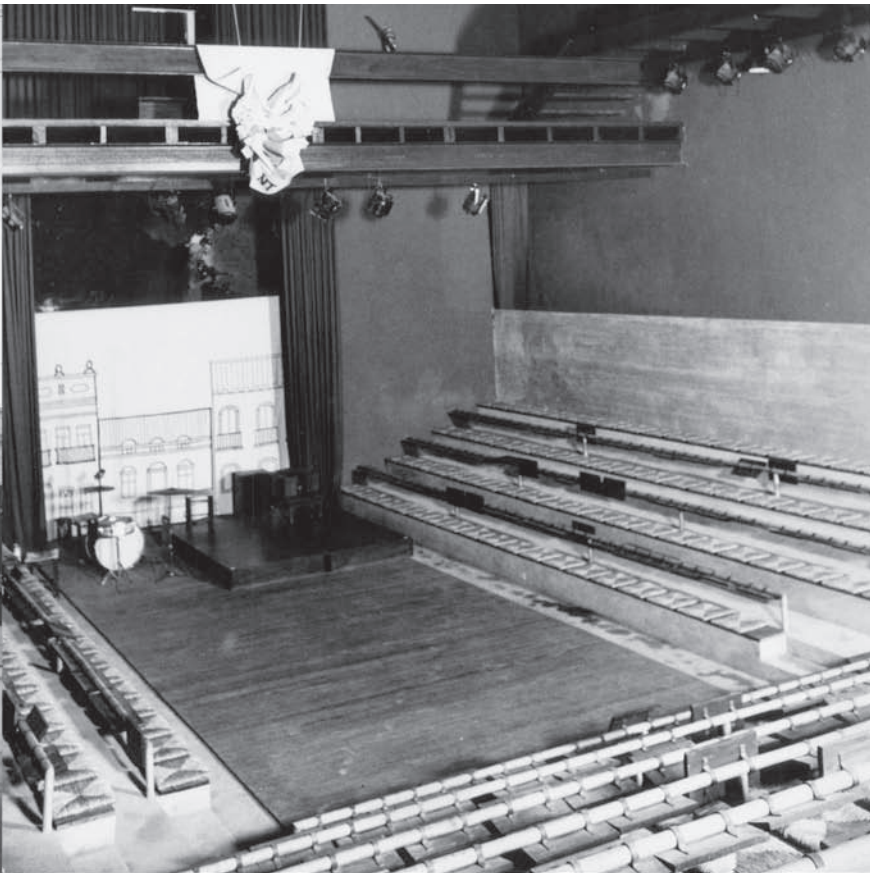


Elisa, recém-nascida, nos braços da mãe, do pai e da avó, Tomie Ohtake



*A velha fábrica de carimbos,
no início da reforma*

Teatro Célia Helena, 1977



Teatro Célia Helena, 2005

Minha mãe precisava para o Teatro Célia Helena de um arquiteto que restaurasse, reformasse o prédio, então ela convidou meu pai. Não sei como eles se conheceram. Na época ele não era tão conhecido, não. Aí, segundo as palavras dela: Nós nos apaixonamos. Combinaram engravidar. Ela já tinha 40 anos. Ele deu um apartamento e era um projeto de vida inteira. Mas durou pouco. Meu pai é muito temperamental com as mulheres. Ela me contou isso várias vezes. Mas sem rancor, ela contava. Tudo muito bem trabalhado na minha mãe. Separaram-se. Mas continuaram amigos. Não imediatamente, mas quando eu era adolescente, e ele ia me buscar lá em casa, eles ficavam conversando horas.

(Elisa, filha de Célia e Ruy Ohtake)

Ruy relembra o tempo em que estiveram juntos:

Era frequente andarmos e passearmos pelas ruas arborizadas do Pacaembu, onde morávamos. Um pouco do nosso encontro, nos desencontros dos horários de nossas atividades. Era Célia mulher, a conversar, a rir, a abraçar. Entrelinha da Célia Helena, educadora sensível e atriz intensa. Elisa é a nossa – Célia e eu – querida convergência.

Na noite da inauguração, Maria Bethânia se apresentou num show dirigido por Fauzi Arap, intitulado *Uma Única Vez*, só para colaborar com o trabalho de Célia que, por várias vezes, declarou admirar profundamente.

É bom lembrar que Bethânia sempre foi fascinada por ela, desde que, ainda em início de carreira, a viu em Pequenos Burgueses, na temporada carioca.

(Fauzi Arap)

78

Bethânia dedicou para Célia *Sonho Impossível*, do musical *O Homem de La Mancha*:

*Sonhar mais um sonho impossível,
Lutar quando é fácil ceder
Vencer o inimigo invencível,
Negar quando a regra é vender.
Sofrer a tortura implacável,
Romper a incabível prisão
Voar num limite improvável
Tocar o inacessível chão*

*É minha lei, minha questão
Virar este mundo, cravar este chão.
Não me importa saber
Se é terrível demais,
Quantas guerras terei que vencer
Por um pouco de paz.*

*E amanhã este chão que eu deixei
Por meu leito e perdão
Por saber que valeu
Delirar e morrer de paixão*

*E assim, seja lá como for,
Vai ter um fim a infinita aflição.
E o mundo vai ver uma flor
Brotar do impossível chão.*

Início das atividades
do Teatro Célia Helena,
noite de abertura,
apresentando

**Maria
Bethania**

Dia 27 de junho de 1977,
às 21 horas.
Rua Barão de Iguape, 113
Liberdade

**Uma
única
vez.**

Carrête individual Cr\$ 30,00

**Finalmente conosco
um dos nossos
Maiores Sambistas!
"CARTOLA"**

COM A PARTICIPAÇÃO DE:
ROBERTO NASCIMENTO!

Poucos dias em São Paulo!
Não perca este grande sucesso!
dia 9 a 18/9 às 21 hrs.

TEATRO CELIA HELENA

Rua Barão de Iguape, 113)

**PAGUE SOMENTE Cr\$ 30,00
APRESENTANDO ESTE FOLHETO!!!**

Distribuição Interna

TEATRO CÉLIA HELENA
Rua Barão de Iguape, 113 — Liberdade

CARLOS LYRA

em

**"NO ENTANTO É
PRECISO CANTAR"**

Somente 19/20 de agosto à Meia Noite
Int. Cr\$ 80,00 Est. Cr\$ 60,00
Retire seus ingressos na bilheteria do teatro
ou na casa do espectador 32.0263.

Bethânia cantou para 450 pessoas músicas de seu repertório e canções inéditas do atual show em cartaz no Rio, que só viria a São Paulo no fim do ano. As segundas-feiras ficaram reservadas, durante bastante tempo, para a música popular brasileira. Ali se apresentaram, entre outros, Cartola, Maria Creuza, Carlos Lyra e Aracy de Almeida.

No dia seguinte à estreia de Bethânia, 28 de junho, *O Contestado*, do autor e diretor José Romário Borelli, com cenário de Ruy Ohtake, inicia as atividades teatrais da Companhia Célia Helena Produções Artísticas, em seu teatro.

Professor de história na USP, o autor aborda um episódio pouco conhecido de nossa história republicana. Entre 1912 e 1916, Paraná e Santa Catarina viviam em disputa por causa de terras. Ao mesmo tempo eclodia um movimento messiânico, chefiado por um certo João Maria, que desapareceu misteriosamente, logo substituído por José Maria que se dizia, ora o irmão dele, ora o próprio João Maria. Além disso, a cessão pelo governo brasileiro de 9 mil quilômetros à Brazil Railway Company – que além de construir uma estrada de ferro, cortava e vendia madeira – provocou o surgimento das lutas conhecidas pelo nome de Guerras do Contestado. Deste primeiro elenco faziam parte Glória Nascimento, Eduardo Pinheiro, Antônio Camaleão, Bri Fiocca.

Logo teve início o Curso para Crianças, Pré-adolescentes e Adolescentes, ministrado no teatro até abril de 1991, data em que foi inaugurada a Casa do Teatro. Então, as aulas passaram a ser dadas à Rua Armando Álvares Penteado, 311, no Pacaembu.

A minha infância coincidiu com a criação da escola. Eu estava crescendo e a escola também. Ela nasceu um ano antes de mim. Mamãe trabalhava muito. Eu estava construindo meu mundo próprio, porque ela estava muito ausente. Mas ela chegava à noite e era uma felicidade total. Era muito acolhedor. Ela dava tudo o que ela podia dar. Era uma medida muito bonita que ela tinha. Muito bonita. Uma medida de afeto maravilhosa. Ela gostava de ficar olhando o céu e conversando comigo. Ela falava com gosto, com tanto amor. Eu tinha muita liberdade com ela. Era uma relação não muito prolixa, mais quieta, porém muito calorosa.

(Elisa)

Quem frequentou a escola desde o início foi Ulisses Cohn, diretor e cenógrafo – até hoje professor da Escola –, que se casou com Lígia Cortez, com a qual teve duas filhas: Vitória e Clara.

Eu estava no colegial, fazendo teatro, e uma amiga me falou do curso da Célia Helena. Fui lá e a conheci, e conheci Lígia também. Célia começou na Liberdade uma vez por semana, aos sábados. A gente passava o sábado todo, até a noite. O curso era com a Célia, a gente trabalhava com ela. Fazíamos exercícios com ela, enfim, convivíamos com ela. Tínhamos uma relação muito próxima de aprendizado, de confiança. Era uma pessoa muito amorosa, e às vezes muito brava também. Se ficasse brava – sai de perto porque a coisa vinha forte. Mas era sempre dentro de princípios sólidos, tanto de caráter como de conhecimentos que ela passava para a gente. Então eu a respeitava muito, ouvia o que ela falava e aprendia com ela, tinha uma confiança total nos processos de trabalho. Ela permitia muita improvisação e dava espaço para criarmos, mas, ao mesmo tempo, havia uma orientação muito forte; certa maneira de criar o espetáculo, as personagens, que ela aprendeu com Zé Celso e Kusnet. Seu conhecimento de teatro era sólido, rico e importante.

(Ulisses Cohn, genro)

A Companhia Célia Helena Produções Artísticas,
tem o prazer de convidar para a inauguração do

Teatro Célia Helena

rua Barão de Iguape, 113 - Liberdade,
que se realizará no dia 28 de junho de 1977, com
a estréia nacional de

O Contestado

musical de José Romário Borelli.
A renda reverterá em benefício da construção do
Hospital para Recuperação do Alcoólatra.

Convite individual: Cr\$ 200,00

Horário: 21 horas

Trinta anos depois, Ulisses se refere ao Teatro Escola Célia Helena com grande carinho e com um julgamento muito lúcido:

É uma escola que tem uma força muito positiva. Eu vejo quanto a Lígia se dedica. Tenho uma participação como marido e como profissional. E tinha de genro quando a Célia estava viva.
É uma escola que acolhe muito as pessoas; acolhe os profissionais, acolhe os alunos. Tem um cuidado muito grande, tanto de pensamento quanto de ensino; tem o cuidado de olhar as pessoas com um olhar próximo. É um espaço especial.
Vamos fazer um trabalho quieto. Célia dizia sempre isso quando fundou a escola e permanece assim até hoje. Não é uma escola que tem vocação para exibicionismo; tem uma vocação de estudos, e a Lígia assumiu muito esse princípio.

Quando Célia se referia a Ulisses, dizia: *Ele não é um genro. É um filho!*

Léo Pelicciari, grande colaboradora da Célia, está há 18 anos na escola:

Muitas das pessoas que trabalham aqui estão com o mesmo tempo. A equipe permanece unida há tantos anos, acho que é por acreditar no trabalho que se faz. Célia deixou um legado, um grande legado.
Ela iniciou a escola como um curso livre, mas já pensando em como oferecer muito mais aos jovens. Estava sempre muito atenta às aulas dos professores, ao retorno dos alunos, sempre querendo melhorar e dando a possibilidade de crescimento para todos. Para mim, para tantos professores, tantos alunos.
Quando passou a ser um curso profissionalizante achou que, para devolver aos alunos uma boa formação, os professores tinham que ter uma excelente formação em todos os campos e começou a desenvolver núcleos de estudos. Convidou atores, diretores, filósofos e psicólogos para darem palestras e abriu essas palestras também para alunos. Quis que os jovens compreendessem que a escola podia ser não só um local de muito aprendizado, mas também de troca entre profissionais. E isso se mantém até hoje com Lígia, que continua esse trabalho árduo.

82

Léo fala também do dia a dia de Célia na Escola, anos atrás, na Rua Barão de Iguape:

Às vezes ela passava na minha sala e dizia: Vamos dar uma volta, vamos espairer, e a gente ia passear pela Liberdade. Era um bairro que ela amava, um bairro em que ela era superconhecida. Bastava entrar numa lanchonete lá perto, que já vinha alguém lhe trazer pão de queijo, que ela gostava. Ou então na Praça da Liberdade traziam goiabas para ela, bem vermelhas como ela adorava. Era muito gostoso. E a volta era mais encantadora ainda, a gente voltava pelo viaduto, e em junho as quaresmeiras estavam todas floridas, lá em baixo na 23 de Maio e a gente parava para ver as quaresmeiras em flor. Depois voltava de novo para a escola, para a loucura que era ser diretora; seu trabalho era estressante, lidar com tanta gente, trabalhar direto com os desejos, com os sonhos, com as angústias das pessoas. É uma energia muito grande, muito forte. Pode ser uma energia boa como uma energia ruim; faz parte do trabalho.



Com as filhas Elisa e Lígia, e o genro Ulisses

Em 1978, Célia se apresenta no Teatro MEC-Funarte, com *Rezas de Sol para a Missa do Vaqueiro*, de Janduhi Finizola, dirigida por Renato Borghi.

Quando Célia já estava fora do Oficina, me convidou para dirigir uma coisa que eu achava linda: A Missa do Vaqueiro, em que ela cantava. Eu não sabia que Célia cantava. Cantava bonito, tinha uma voz linda. Irene Portela fez os arranjos. Foi uma coisa que me deu muito prazer.

(Renato)

A peça é a reprodução fiel de uma missa rezada todos os anos em memória do vaqueiro Raimundo José, assassinado em Lajes, no sertão pernambucano. O padre João Cândido passou a celebrá-la e conseguiu reunir os vaqueiros que, a partir de 1971, se reencontram todos os anos para homenagear sua memória. O altar é em forma de ferradura, e o padre está vestido como os vaqueiros que assistem à missa montados em seus cavalos. O médico pernambucano Janduhi Finizola adaptou o texto para o palco.

Desde Suassuna e João Cabral não surgia poesia tão alta, impregnada de tal espiritualidade.

(Ilka Marinho Zanotto – *O Estado de S. Paulo*)

REZAS DE SOL
PARA A MISSA DO
VAQUEIRO





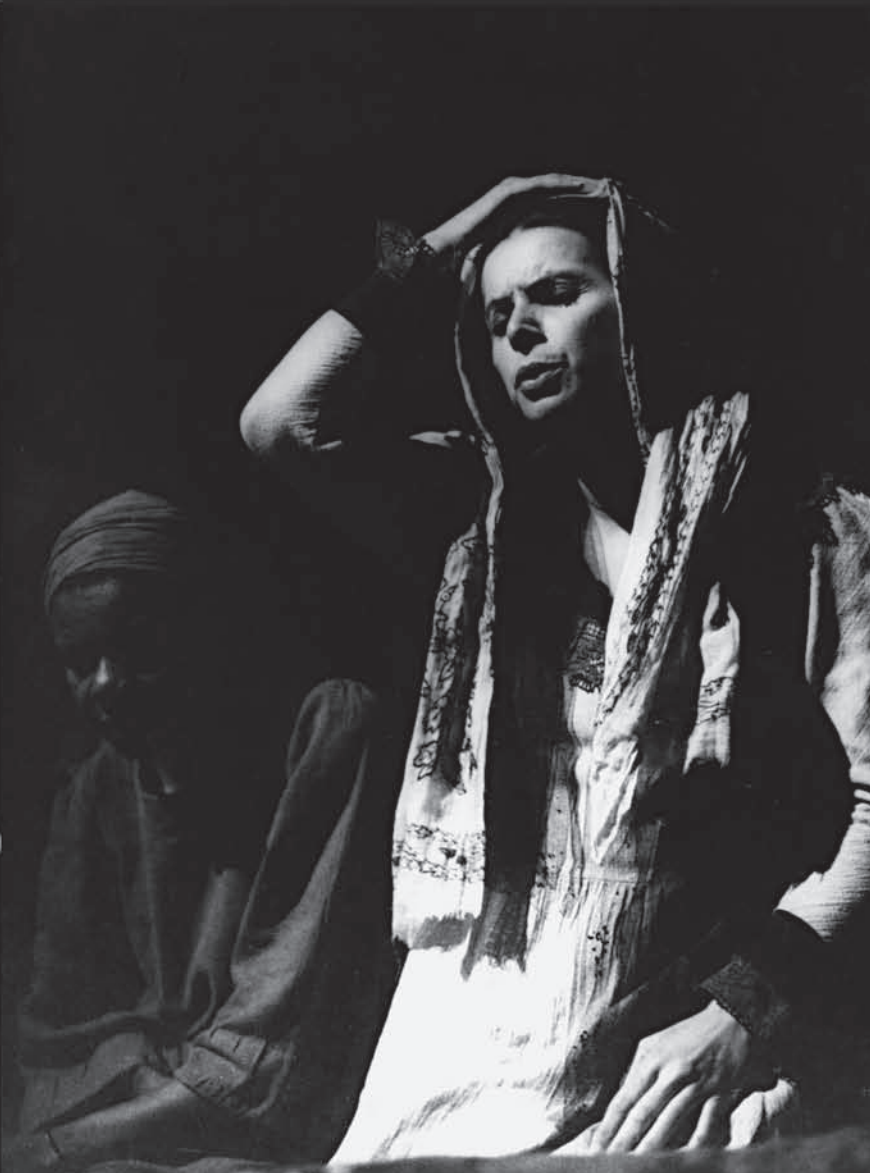
FICHA TÉCNICA

PRODUÇÃO: FUNARTE - Fundação Nacional de Arte

AUTOR:	JANDUHY FINIZOLA DA CUNHA
DIREÇÃO:	RENATO BORGHI
DIREÇÃO MUSICAL:	IRENE PORTELA
CENÁRIO, FIGURINOS E ADEREÇOS:	ELIFAS ANDREATO
ASSISTENTE DE DIREÇÃO E CENOGRAFIA:	ELIAS ANDREATO
COORDENAÇÃO TÉCNICA:	SÉRIO SILVEIRA
PRODUÇÃO EXECUTIVA:	REGINA MALHEIROS
MONTAGEM DE LUZ:	GIBA
ILUMINADOR:	JOSÉ HUMBERTO
CENOTÉCNICO:	EXPEDITO XAVIER DE ANDRADE
CARPINTARIA:	GILBERTO FERREIRA DA SILVA
BILHETERIA:	SONIA BATISTA DE MELLO
CONTRA-REGRA:	LALAU
PORTEIRO:	MÁRIO DE OLIVEIRA
PROGRAMAÇÃO VISUAL DO ESPETÁCULO:	ELIFAS ANDREATO
ASS. DE ARTE:	ALEXANDRE HUSAK
PROGRAMAÇÃO VISUAL DO AUDITÓRIO:	ZÉLIO ALVES PINTO
SECRETARIA:	TELMA MONTEIRO DA SILVA
COORDENADOR ADMINISTRATIVO:	ERALDO PERA RIZZO
COORDENAÇÃO GERAL:	MARIA LUIZA LIBRANDI
DIVULGAÇÃO:	LEINA KRESPI

ELENCO

1. CÉLIA HELENA
2. MARIA RITA
3. IRENE PORTELA
4. MARCUS ALVISI
5. MIRAN
6. ELIANA ESTEVÃO
7. JAIR ANTONIO ALVES
8. SERGIO HENRIQUES
9. FLAVIO TEIXEIRA JR.
10. JULIO SERGIO PAES DE ALMEIDA
11. EDSON APARECIDO DA SILVA (CAFÉ)



Em 1981 Célia foi dirigida novamente por Flávio Rangel em *A Nonna*, de Roberto Cossa, no Teatro Anchieta, vivendo o papel de *Maria*. Trabalhou ao lado de Cleyde Yáconis – elogiadíssima na interpretação da noninha esfomeada –, de Laura Cardoso, Flávio Galvão, Carlos Vergueiro, Marcos Plonka e Cláudia Alencar, todos preocupados e ocupados em alimentar a comilona anciã. Trata-se de uma metáfora e o público reconhece na figura da velha, que ingere alimentos sem parar (e sem se preocupar com o sacrifício dos outros), a inflação, ou o capitalismo selvagem ou... Uma metáfora permite muitas interpretações.

Na noite da estreia, Flávio deixou uma longa carta na tabela, dirigida a todo elenco. Nela agradece a todos os atores e elogia o trabalho de todos. Refere-se à participação de Célia:

Uma das coisas que mais me alegraram nesta produção foi voltar a trabalhar com Célia Helena, uma dessas atrizes formidáveis de que dispõe o palco brasileiro. Dona de uma carreira expressiva, cheia de interpretações inesquecíveis, presente em alguns dos mais bem-sucedidos espetáculos de nosso teatro, eleva a sua Maria a proporções inusitadas, numa mescla de contida emoção e de sensível lucidez. É maravilhosa no início, magnífica no meio, esplêndida no fim. Tem invenção, disposição, elocução.

Para quem não é de teatro: *Tabela* é um quadro, geralmente colocado no fundo do palco, onde estão afixados horários, informações, críticas e também elogios.

Em 1982, participou de *Numa Nice*, de Caryl Churchill, com direção de André Adler. A peça estreou em Curitiba, depois no ABC, Campinas e, finalmente, São Paulo, no Teatro Anchieta.

86

O diretor André Adler, que mora em Nova York, veio especialmente a São Paulo para dirigir o espetáculo, que estava fazendo grande sucesso nos Estados Unidos. No elenco, Ewerton de Castro, Bruna Lombardi, Flávio Galvão, Paulo Betti, Ana Mauri, Miguel Ramos e a própria Célia, vivendo *Ellen*.

É uma peça travessa, cabeluda, maravilhosa. Uma parada fantástica de heterossexuais, homossexuais e bissexuais. É uma peça engraçada, hilariante. Um texto docemente hábil.

(New York Post)

Em 1983, *Rock and Roll*, de José Vicente, dirigida por Antonio Abujamra. Sua primeira peça, *O Assalto*, estreou no Teatro Bela Vista na década de 1960, com enorme aceitação de crítica e público, e os dois intérpretes, Francisco Cuoco e Paulo César Pereio, foram muito elogiados. Por isso havia grande expectativa em torno deste novo trabalho, que vinha preencher um vácuo de 12 anos. Pois a peça do jovem autor, que tinha sido tão elogiado em seus dois primeiros textos, não agradou muito aos críticos, que fizeram várias ressalvas. Célia e Francarlos Reis, porém, recebem uma ótima crítica de Jefferson Del Rios:

A consistência humana de ambos propicia desempenhos quentíssimos de Célia Helena, com instantes maravilhosos da atriz, como no monólogo inicial e na transformação da amante apagada em atriz roqueira; e de Francarlos Reis, um dos melhores atores paulistas para tipos fúteis e neuroticamente engraçados.

Cenas de Rock and Roll (acima), e A Nonna (centro e abaixo)



Na próxima página, Célia em Numa Nice





Em 1988, Gianfrancesco Guarnieri escreveu, especialmente para o elenco, um novo texto. Quebrando 12 anos de silêncio surge *Pegando Fogo Lá Fora*, dirigido por Celso Nunes, no Teatro Cultura Artística. São quatro atores, grandes amigos: Myrian Muniz, depois de longa ausência dos palcos, Célia Helena, o pianista Pietro Maranca, atuando pela primeira vez como ator, e o próprio Guarnieri.

Foram quatro anos de jantares, sempre com o Guarnieri nos observando, até que o texto final ficasse pronto.

(Myrian Muniz)

Criei o enredo ao longo de reuniões com o grupo nos últimos quatro anos, e o escrevi em um mês e meio. Foi um texto arrancado a britadeira.

(Guarnieri)

O trabalho na escola absorve cada vez mais o tempo e a dedicação de Célia Helena. Mas as despesas são grandes, ela não pode parar de trabalhar. Da sua participação na TV falaremos depois, mas mesmo diminuindo suas aparições nos palcos de São Paulo, ela não pode furtar-se – e também seu amor pelo teatro não o permite – de participar de mais algumas peças.

O ano de 1990 traz um convite irrecusável. Uma reapresentação de *Os Pequenos Burgueses*, com outra direção, grandes mudanças no elenco e outro enfoque, mais de acordo com os tempos atuais.

Quem dirige é Jorge Takla – que não viu a primeira montagem, pois na época morava no Líbano. Ele mesmo adaptou a peça que, de 3 horas de duração, passa a uma hora e meia. Sai o lado panfletário tão ao gosto dos anos 1960 que, na opinião do diretor, não combina mais com a era da *Perestroika*. O enfoque não é mais político e sim humano. Psicológico. A vida em comum, as diferenças entre pais e filhos.

89

Os jovens atores, que viveram o papel de filhos, são agora os velhos pais. Renato Borghi interpreta o papel que, na primeira montagem, era vivido por Eugênio Kusnet. Célia não é mais a Tatiana, papel que lhe angariou vários prêmios, mas sim a viúva Helena. Ela tem um monólogo que é comovente, de tão bem-feito. Miriam Mehler é Tatiana. Chico Martins e Etty Frazer continuam com os mesmos personagens. Etty, como ela mesma declarou em sua entrevista, sempre vivia os papéis de mãe. Só Francisco Reis, que encarna o bêbado filósofo, não participou da primeira montagem.

Da ala jovem fazem parte Lígia Cortez, Marco Antônio Rodrigues e Marco Ricca. Lígia lembra que, quando garotinha, vira a mãe representar. Aliás, a família inteira assistira ao espetáculo em sua primeira apresentação. A peça foi levada no Teatro Procópio Ferreira.

Logo depois, Renato Borghi é convidado por Nithaiah Produções – Grupo Metafísico de Teatro, a dirigir uma peça espírita: *Laços Eternos*, psicografada por Zíbia Gasparotto e adaptada por Anamaria Dias. Ao ler o texto, achou-o primário:

Acho que a primeira parte, tudo bem aquela condessa ninfomaniaca. Mas a segunda, em que ela volta, pagando o carma da primeira, leprosa... Acho de mau gosto.

Mas, diante da insistência dos produtores, declarou:

Só faço se a Célia fizer a condessa!

PEGANDO FOGO

PEÇA EM 2 ATOS DE GIANFRANCESCO GUARNIERI

Lá fora



CÉLIA
HELENA



GIANFRANCESCO
GUARNIERI



PIETRO
MARANCA



MYRIAM
MUNZ

APOIO CULTURAL:

banespa
O BANCO FORTE



CÉLIA HELENA





Em Pequenos Burgueses (à esq.), com a filha Lígia Cortez e (à dir.), com Renato Borghi e Miriam Mehler, Francisco Reis e Marco Ricca





*Em Pequenos Burgueses (à esq.), com
Chico Martins, Lígia Cortez e Miriam
Mehler*



Em cenas de Laços Eternos, com Bárbara Bruno e Francarlos Reis, entre outros



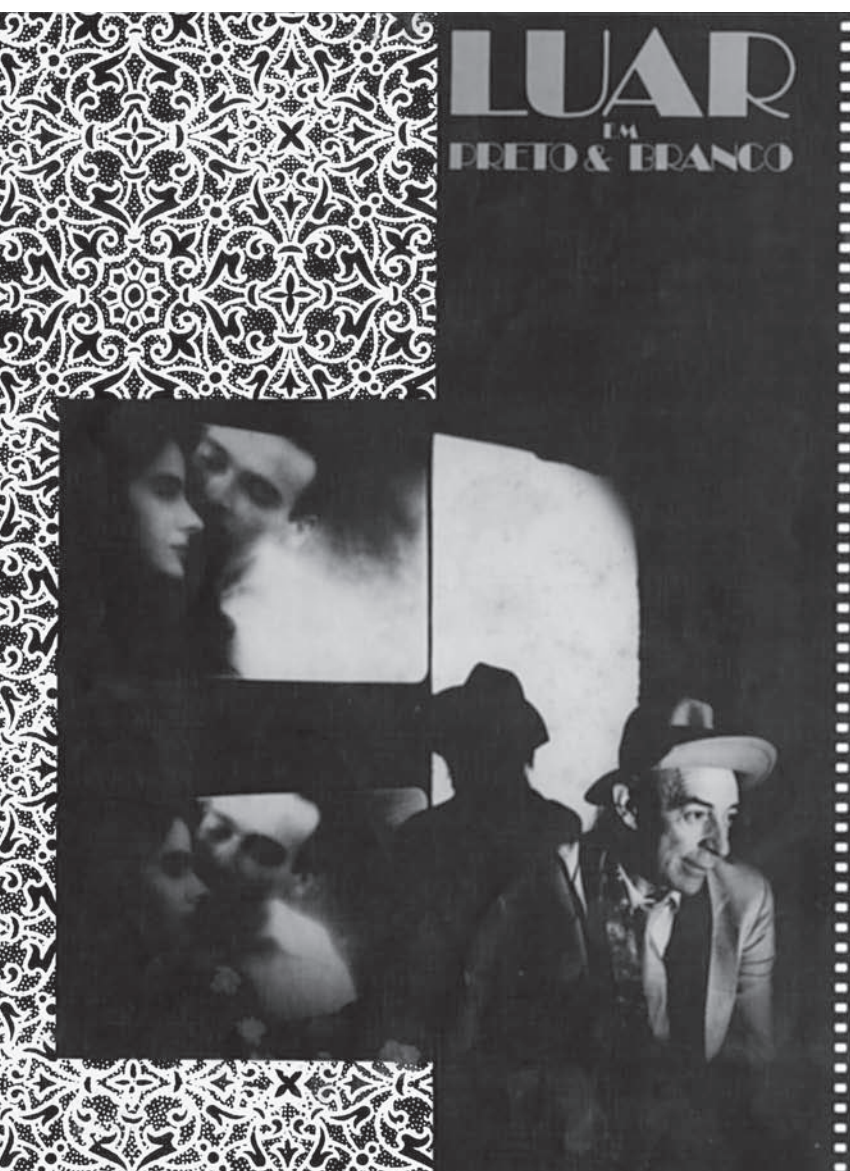
E a Célia, com aquele jeitinho dela, concordou:

Tudo bem, vamos fazer. É importante, vamos fazer. E ela fez na maior seriedade. Foi um deslumbre trabalhar com ela. Foi um prazer, e com Francarlos também.

À frente do elenco estão Célia Helena, Rodolfo Bottino, Bárbara Bruno, Francarlos Reis, Eugênia de Domenico, Régis Monteiro. Foi uma superprodução: 12 cenários, 40 figurinos, 14 atores. A história se passava em duas épocas. No século 18, na França e no século 20, no Brasil. A estreia foi na Sala Dina Sfat, do Teatro Ruth Escobar.

Célia não ficou muito tempo representando o papel, embora o sucesso popular tenha sido imenso, todas as noites o teatro lotava; as pessoas se emocionavam às lágrimas. O trabalho na escola exigia muito dela, e ela estava realmente cansada. Foi substituída por Cleo Ventura.

A última peça que Célia representou foi em 1992: *Luar em Preto e Branco*, de Lauro César Muniz, dirigida por Sérgio Mamberti, no Teatro Hilton. O primeiro papel masculino era vivido por Raul Cortez, seu ex-marido. Na peça eles formam um casal. Ele tem 75 anos, chama-se Antônio Mathias e é um sonhador, apaixonado pelo cinema de Hollywood dos anos 1940. Ela, Carolina, é uma pessoa amarga, triste, que leva a vida sem nenhuma esperança. Acha o marido um fracassado.



ESCALADA PRODUÇÕES ARTÍSTICAS	
APRESENTA	
RAUL CORTEZ	
EM	
LUAR em PRETO & BRANCO	
DE	
LAURO CÉSAR MUNIZ	
COM	
MAYARA MAGRI	CLAUDIO CURI
MARIANA DE MORAES	
HUÓ GONZALES	EVANDRO DANTAS
PARTICIPAÇÃO ESPECIAL	
CÉLIA HELENA e RODRIGO SANTIAGO	
música	César Camargo Mariano
sonoplastia	Túnic
direção de arte e	
concepção cenográfica	Céu D'Elia
figurinos	Adriana Vaz Ramos e Virna Kamikhagi
iluminação	Mário Martini
programação visual e fotografia	Gal Oppido
direção de cinema	Flávia Moraes
assistente de direção e	
expressão corporal	Leila Garcia
maquiagem	Adriana Vaz Ramos
cabelos	Marcos Padilha
operador de som	Solange Mendes
operador de luz	Roberto Pereira da Silva
operador de filme	Totó Mastrangi
direção de montagem	
e adereços	Luca Baldovino
	Luis Rossi
	Fábio Branco
assistentes	Ivan Ciscatti
	Antonio Ribeiro
cenotécnicos	Estevão Nascimento
	Denis Nascimento
serralheiro	José Gomes
maquinista	Helio Pedrosa
confeção de figurinos	Dina Pereira de Carvalho
tapacaria	Julio Betti
camareira	Ruth Aprigio
bilheteira	Erika Duckur
assessoria de imprensa	Paulo Marra/MPA Comunicação
assessores	Anete Ortiz e José Rabelo
administração	Maria Lucia Ferreira
assistente de produção	Eliana Mendes de Almeida
produção executiva	Christiane V. Calil/Próspero Cultura
direção de produção	Jacy Lage
Direção Geral SERGIO MAMBERTI	

*Em cenas e com o programa de
Luar e Preto e Branco, com Raul
Cortez e Hugo Gonzales*



Durante esses anos todos ela teve ocasião de contracenar com ele várias vezes, tanto no teatro quanto na televisão. O mais difícil talvez tenha sido a primeira vez, ainda no Teatro Oficina, na primeira versão de *Os Pequenos Burgueses*, mas os dois, com o tempo, superaram qualquer dificuldade emocional. Era tão grande a admiração que sentiam um pelo talento do outro, que se tornaram grandes colegas e grandes amigos. E, principalmente, os unia o orgulho que sentiam da filha Lígia.

Tudo isso foi uma coisa conquistada, tanto no Raul quanto em mim: ver o lado bom do outro. Acho que uma grande sabedoria da vida da gente é fortalecer o lado bom do outro. Assim a gente aprende a tolerar, a aceitar. No fundo, querer que o outro seja como a gente, não dá certo.

(Célia)

Em outra ocasião, quando ela foi para o Rio fazer uma novela com ele, se expressou assim:

Cada vez que eu trabalho com o Raul, tenho uma aula de pós-graduação em arte.

A partir daí sua dedicação à escola aumenta cada vez mais. Ela é professora, diretora, mãe – das filhas, dos alunos, dos funcionários... Tem no teatro e na escola, que hoje funciona na Av. São Gabriel, 462, pessoas que trabalharam com ela durante muitos anos. Quando falam da Célia, seus olhos se umedecem. Lembram de sua gentileza e generosidade; da ajuda que receberam, sempre discreta, mas eficiente; dos filhos delas de quem Célia nunca se esquecia.

Graça, que até hoje toma conta do teatro, assim se expressa:

98

Uma pessoa muito humana, boa de coração, que se preocupava com o seu próximo, era muito humilde. Para mim ela vai continuar sempre viva no meu coração. Eu amo muito, muito... Aquele jeitinho carinhoso que ela tinha quando falava comigo, mesmo sendo para falar algo que ela não gostou. Mas eu ficava feliz porque sei que ela queria o meu bem e tudo que falava para mim era construtivo, fazia eu crescer cada dia mais. Aprendi muito com ela.

Creusa, que trabalha na escola, à Av. São Gabriel, é outra que não se esquece da chefe:

Ela era sempre gentil. Jamais – estivesse com quem estivesse – deixou de me cumprimentar com um Bom-dia, Dona Creusa. Como vai o menino? Nunca se esqueceu do aniversário de meu filho, a quem queria muito bem. Eu gostava muito dela.

Betti Belotti, que primeiro foi aluna, depois secretária, e, no fim, durante a doença, lhe fez muita companhia, fala da coragem e da força com que ela enfrentou o seu mal:

Ela enfrentava, não dava o braço a torcer, era mais forte que a própria dor, que a situação que estava vivendo. Em nenhum momento se deixava abater. Sua aparência não mostrava a dor que estava sentindo. A gente sentia que ela estava fragilizada, que ela sabia o momento que estava passando, mas era como se não quisesse dar trabalho a ninguém. Até nisso ela estava pensando nos outros. Não queria que ninguém se sentisse mal por ela. O outro era mais importante. O outro, sempre o outro.

Mas lembra um outro lado de Célia:

Ela era uma fortaleza na escola e quando chegava em casa parecia criança brincando com os gatinhos. O banho então, que ela dava nos gatos, tinha todo um esquema de preparação. Era O Dia do Banho. Ela se preparava toda. Tinha uma bacia com água quente, outra com água morna, depois o aquecedor para secar os bichinhos... Tudo feito com enorme carinho. Parecia criança! Era tão alegre nesses momentos.

A Fé

Há um lado desta mulher multifacetada que, com o passar dos anos, adquiriu um significado muito grande em sua vida. Assim como sua mãe Lygia, aos 35 anos, não encontrando as respostas que procurava na religião católica voltou-se para o presbiterianismo, do mesmo modo Célia não encontrava explicações mais profundas para suas dúvidas e incertezas.

Sim. Deus existe. Dentro de mim mesma. A prova que tenho dele é minha própria existência. Não o nego. Mas não o compreendo. Como não compreendo minha própria vida.

Sentia a necessidade de novos caminhos, mas faltavam-lhe indicações por onde iniciar as buscas.

Um dia, indo de trem para Belo Horizonte fazer um filme, encontrou-se viajando ao lado do velho ator Delorges Caminha, marido de Madame Henriette Morineau. Conversaram e ele citou *O Livro dos Espíritos* e aconselhou-a a lê-lo. Célia, que tinha vários amigos espíritas, já tinha ouvido falar no texto, mas não sabia bem do que tratava. Delorges explicou e recomendou que o comprasse.

99

Ao voltar a São Paulo, Célia procurou em várias livrarias, mas sem resultado. Um dia, passando pela Rua Maria Paula, viu grande número de pessoas entrando num prédio. Aproximou-se. Estava escrito na fachada: Federação Espírita do Estado de São Paulo. Num súbito impulso entrou. Havia uma livraria repleta de livros espíritas e lá viu o livro tão procurado; comprou-o e comprou mais um: *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Esse foi o primeiro passo para uma nova vida, repleta de perguntas, mas na qual ela encontraria as respostas de que tanto necessitava.

Na Federação Espírita, ao lado dos colegas Dionísio Azevedo, Flora Geni e Carlos Augusto Strazzer, frequentou, durante cinco anos, todos os cursos que eram ministrados. Aprofundou-se na doutrina o mais que pôde, buscou um aprimoramento espiritual que lhe permitisse corrigir o que ela considerava como seus defeitos, dos quais tornou-se uma crítica implacável.

Eu tinha muita vergonha das minhas imperfeições – eu achava que tinha de me livrar delas, mas tudo o que eu conseguia era uma angústia muito grande e comecei a não gostar de mim. Idealizava uma pessoa que não tinha nada a ver comigo. Passei a me recusar interiormente. A minha humilhação não tinha limite. Isso até o dia que eu vi que estava errada, que eu devia amar as minhas imperfeições, pra poder transformá-las em qualidades.

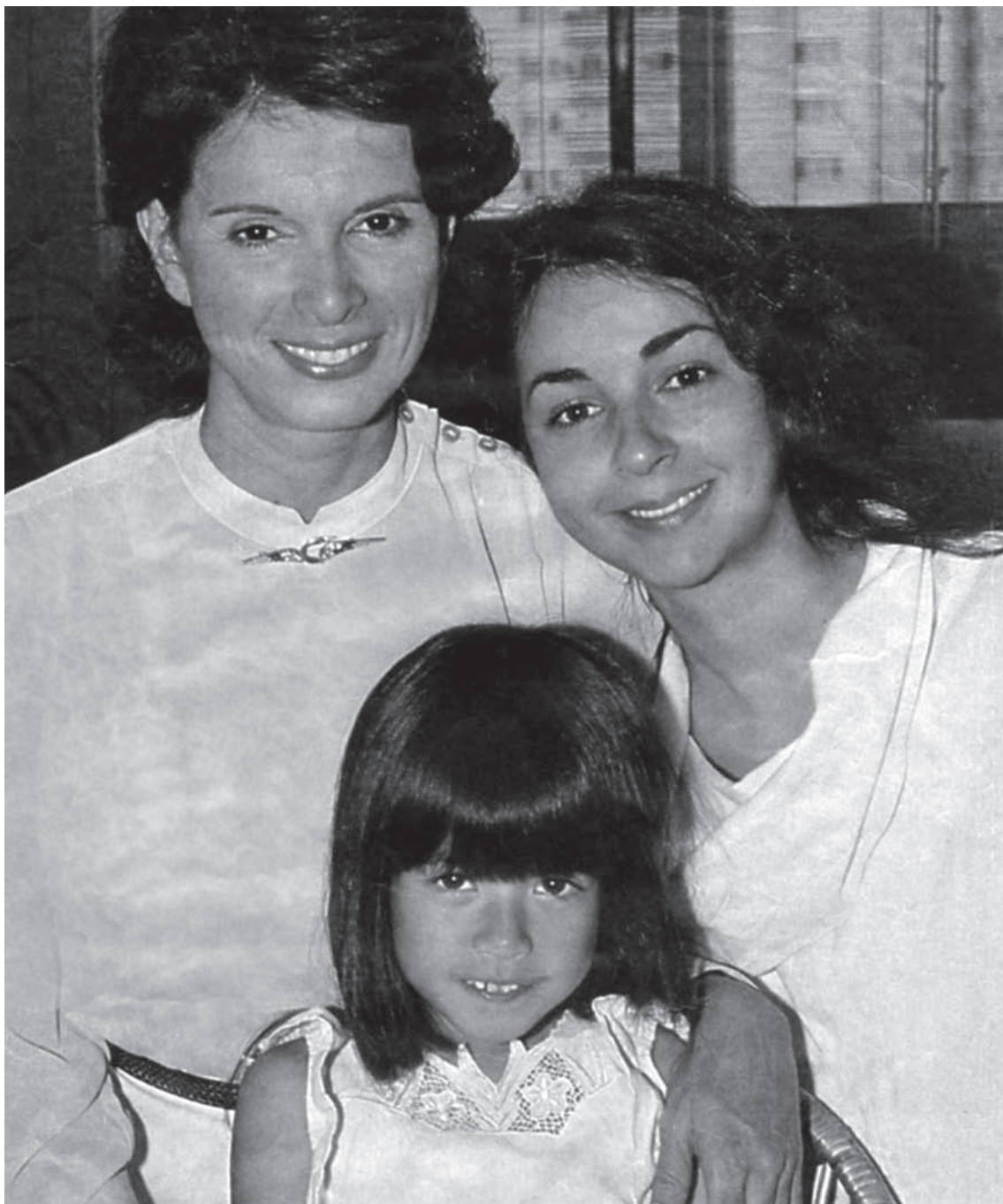
(Célia)

Quem fala com profundo respeito e com um carinho imenso dos últimos anos da vida de Célia é dona Martha Gallego Thomaz, uma senhora de 93 anos, que foi amiga e mentora. Trabalharam juntas, ajudando pessoas necessitadas e ela descreve o jeito da Célia:

(...) Não era gentileza, gentileza era uma coisa muito comum; era delicadeza de alma. Ela sabia do que a pessoa precisava. Adivinhava, não esperava que ninguém pedisse, ela oferecia. A Célia era uma constante oferta de amor. Ela esquecia de si mesma quando tinha de ajudar alguém. Amava as pessoas por amá-las, não esperava resposta. Quando alguém se desesperava por ter perdido uma pessoa amada, ela dizia: Não é hora de emoção. É hora de ajuda.

Dona Martha foi amiga até o fim. Quando Célia se despediu dela para se internar no hospital e ser operada, disse:

Olha, Dona Martha, eu sei que vou ter aquilo que eu mereço, aquilo que eu procurei. Não estou pedindo por mim; a senhora, por favor, continue a fazer orações para as minhas filhas, sim?



Com as filhas Lígia e Elisa

A Televisão

Até aqui, procurei relatar o que Célia Helena fez em teatro, mas a sua presença também foi marcante na televisão. Depois dos teleteatros da década de 1950, ela passou um bom tempo só atuando no palco, mas diante dos sucessos de crítica e do número incomum de reportagens em jornais e revistas, repletas de elogios, não era possível que a televisão deixasse de convidá-la.

No começo, fez papéis pequenos e procurou se adaptar ao veículo. Em 1968 estreou em *O Décimo Mandamento*, de Benedito Ruy Barbosa, com direção de Antonio Abujamra, e com a participação de Yara Amaral, Maria Helena Dias, Lima Duarte, Riva Nimitz e Paulo Figueiredo.

Em 1970, na TV Record, viveu *Lavinia* em *Tilim*, de Dulce Santucci, com direção de Wanda Kosmo, com Fernando Baleroni, o compositor Adoniran Barbosa, Carminha Brandão, Sebastião Campos, Rodolfo Mayer, Adriano Stuart, Célia Coutinho, Flora Geny, Kadu Moliterno e Perry Salles.

Em 1971, novamente na TV Record, *Editora Mayo*, *Bom-Dia*, de Walter Negrão, em que contracenou com Célia Coutinho, Sílvio de Abreu, Serafim Gonzáles, Geraldo Del Rey, Rodolfo Mayer, Miriam Mehler, Mauro Mendonça, Nathália Timberg e Karin Rodrigues.

Pingo de Gente, de Raimundo Lopes, também na TV Record, também em 1971, no papel de *Marta*, com Célia Coutinho, Zanoni Ferrite, Sebastião Campos, Rodolfo Mayer e Adriano Stuart.

Quarenta Anos Depois, no mesmo ano, na TV Record, novela de Lauro César Muniz; contracena com Fúlvio Stefanini, Rolando Boldrin, Paulo Goulart, Nathália Timberg, Sérgio Mamberti e Mauro Mendonça.

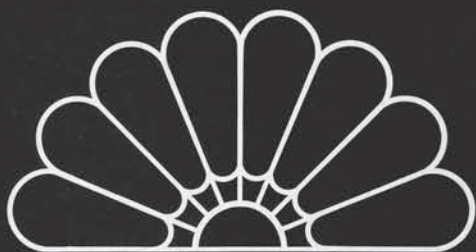
1972. Célia está na novela *O Príncipe e o Mendigo*, adaptada do livro de Mark Twain por Marcos Rey e dirigida por Dionísio Azevedo. Elenco: Adoniran Barbosa, Manoel da Nóbrega, Nádia Lippi, Miriam Mehler, Mauro Mendonça, Kadu Moliterno e Perry Salles, na TV Record.

Sua primeira participação importante em novelas foi na TV Tupi, em 1976, direção de Luiz Gallon, um dos grandes pioneiros da televisão brasileira. O título da novela era *Vila do Arco*, adaptação de Sérgio Jockyman de *O Alienista*, de Machado de Assis. Seu papel era *Severina*, a viúva rica, fofoqueira, sempre à procura de um marido:

Ela não tem o que fazer, por isso anda aprontando pela cidadezinha; leva recado de um para outro e assim põe em dia as fofocas do lugarejo. E fica com o coração balançando, pois em cada homem que encontra ela vê um futuro companheiro. Severina quer se casar de qualquer maneira, mesmo que precise buscar o marido atrás das grades do hospício da vila.

(Célia)

Contracena com Laerte Morrone (o alienista) e muitos colegas de teatro: Geraldo Del Rey, Sebastião Campos, Maria Isabel de Lisandra, Rodrigo Santiago e Liana Duval. Saiu-se muito bem; seu trabalho foi reconhecido e então decidiu continuar trabalhando na TV, sempre que fosse convidada.



VILA^{DO} ARCO

EMOÇÕES MAIS FORTES

CAMPEÃO

ESTRÉIA
DIA 6

NOVELA DE
JAIME CAMARGO



RUBENS DE FALCO - CLEYDE YÁCONIS - JOSÉ LEWGOY - OTHON BASTOS
FÚLVIO STEFANINI - CÉLIA HELENA - MARIA STELLA - ELAINE CRISTINA
KITO JUNQUEIRA - JOHN HERBERT - MYRIAN PÉRSIA - ELIANE GIARDINI
ALEXANDRE RAIMUNDO - FLÁVIO GUARNIERI - PAULO CEZAR GRANDE
E GRANDE ELENCO

**NOVA NOVELA
DAS 6:30 NA**



BANDEIRANTES

Em 1979, foi chamada por Denis Carvalho, diretor de *Malu Mulher*, que estava fazendo grande sucesso com Regina Duarte na Globo, a participar de dois capítulos do seriado: *As Amigas* e *O Reencontro*.

Helena Silveira, crítica de TV, assim se expressou:

O Reencontro assinala-se por um texto apurado e por uma interpretação a fazer calar a boca aos inimigos da tevê. Grife-se o trabalho de Célia Helena, que, de repente, tornou-se uma deusa de gestos, expressões, atitudes.

No mesmo ano participa de *Gaivotas*, na TV Tupi, uma das últimas grandes novelas gravadas lá. O texto era do escritor Jorge Andrade, a direção de Walter Avancini e ela contracenava com Rubens de Falco.

Em 1980, faz *Canção para Isabel*, direção de Moura Matos, na TV Tupi, autoria de Heloisa Castellar, direção de Antônio Moura Mattos. Célia, no papel de *Maria Carolina*, contracena com Edwin Luisi, Ariclê Perez, Yara Lins, Older Cazarre e Ivan Mesquita.

Em 1982, já são três as novelas gravadas: no começo do ano a TV Globo lança *Brilhante*, de Gilberto Braga, Leonor Bassères e Euclides Marinho, direção de Daniel Filho, em que Célia é *Regina*, a mãe sempre criticada pela filha *Sônia*, metida a moderna (Carla Camurati). Casada com *Bruno* (Jardel Filho), um industrial que só pensa em dinheiro e mulheres.

Só se suporta uma conversa em close se ela for feita por dois profissionais como Jardel Filho e Célia Helena. (...) E foi uma sequência assim, perfeita, longa e toda em planos muito próximos, que vimos na quinta-feira. Jardel simplesmente magnífico. (...) Para definir Célia Helena eu não tenho palavras, é um talento, uma beleza, um brilho.

(Norma Pereira Rego, em *O Dia*)

103

No elenco estão também Denis Carvalho, Aracy Balabanian, Cláudio Marzo, Tarcísio Meira, Fernanda Montenegro, Ítalo Rossi, Rosita Thomas Lopes, José Wilker e Maria Clara Machado.

Em seguida, ainda na Globo, atua em *A Noiva*, em que vive o papel de *Berê*. No mesmo ano, recebe um convite da TV Bandeirantes, em São Paulo, o que facilitava bastante sua vida.

O título da novela, escrita por Jaime Camargo e Marcos Caruso, é *O Campeão*. Nela se apresentam excelentes colegas: Rubens de Falco, Cleyde Yáconis, José Lewgoy, Fúlvio Stefanini, John Herbert, Eliane Giardini, Sônia Oiticica, Carmem Silva e muitos outros. Dirigida por Henrique Martins, é uma novela atraente, mas *sem grandes voos*, na opinião de Helena Silveira.

Por sinal, ela não deixa de criticar as televisões brasileiras que sempre põem na mesa do café dos grã-finos copos de laranjada. Lembra a célebre frase da atriz Rosita Thomas Lopes: *Não sei se vocês sabem, mas rico também toma água!*

Em 1983, mais uma novela na Bandeirantes: *Sabor de Mel*, de Jorge Andrade e Jaime Camargo, dirigida por Roberto Talma, em que ela faz *Isolina*, uma líder da classe operária, com Mila Moreira, Odilon Wagner, Sandra Bréa, Clodovil, Elias Gleizer, Júlia Lemmertz e Eva Todor.

O que mais me cativa nesta personagem é o fato de que Isolina é uma líder diferente, porque é uma líder pelo coração. (Célia)

Ela reivindica coisas necessárias à comunidade, como creches para as crianças e tem o apoio das mulheres trabalhadoras.

Nesse mesmo ano, Célia e John Herbert iniciam um seriado diário: *Casa/ 80*, escrito por Sérgio Jockyman e dirigido pelo próprio Johnny. Na época não havia ator ou atriz que não quisesse participar de um programa de dupla, inspirado em *I Love Lucy*, grande sucesso de Lucille Ball e seu marido Desi Arnaz. Tivemos, inicialmente, o famosíssimo *Alô Doçura*, com Eva Wilma e John Herbert, e várias outras duplas: Tônia Carrero e Paulo Autran, Cacilda Becker e Jardel Filho, Walmor Chagas e Vera Nunes, entre outros.

Célia e John, amigos e ex-alunos do Centro de Estudos Cinematográficos, 30 anos antes, só tinham atuado juntos em duas novelas: *Gaivotas* e *O Campeão*. No seriado eles formam um casal: Pantaleão, engenheiro desempregado, e Cida, professora de inglês que nunca trabalhou. Ele passa a administrar as tarefas de casa (inclusive a focar com as vizinhas), e ela se emprega numa firma de exportação para sustentar a família. O tom é de comédia e a duração é de 15 minutos diários de muito humor.



Em Casa/ 80, com John Herbert

1984 traz a novela *Partido Alto*, de Aguinaldo Silva e Glória Perez, na TV Globo, dirigida por Roberto Talma e Jaime Monjardim. Ela é *Izildinha*, casada com um bicheiro vivido por Raul Cortez. Talma tinha ficado um pouco preocupado no início, não sabendo como seria o relacionamento dos dois, por terem sido um casal na vida real. Mas percebeu logo que não haveria o menor problema em trabalharem juntos. Pelo contrário. Percebeu logo a grande admiração que nutriam um pelo outro. No elenco estavam também Norma Bengel, Rubens Correia, Débora Duarte, Mário Lago, Ney Latorraca, José Mayer, Glória Pires, Christiane Torloni e Susana Vieira.

Em março de 1985 estreia no SBT uma novela brasileira, depois de um longo tempo de dramalhões importados da TV mexicana. É *Jogo do Amor*, com um elenco de peso. Monique Lafond, Célia Helena, Rosamaria Murtinho, Berta Zemel, Ilka Soares, Sônia Oiticica, Kito Junqueira, Jorge Dória, Jonas Mello e Jofre Soares. Querem atingir novas camadas de audiência e atrair o mercado exterior. O texto é de Aziz Bajur e José Rubens Siqueira, direção de Antonino Seabra.

Dois anos mais tarde, em fevereiro de 1987, estreia na Globo *Direito de Amar*, radionovela de Janete Clair reescrita por Walter Negrão, Marilú Saldanha, Ana Maria Moretzsohn e Alcides Nogueira, com direção de Jaime Monjardim e Carlos Pieri. É um melodrama com direito à louca do sobrado (Ítala Nandi), ao supervilão Monserrat (Carlos Vereza) e ao casalzinho que se apaixona perdidamente num baile de máscaras, e um não sabe quem é o outro: Rosália (Glória Pires) e Adriano (Lauro Corona). No final, o rapaz descobre ser filho do médico, Dr. Ramos (Carlos Zara), e não de Monserrat. Quem sabe de tudo é a criada *Berê* (Célia Helena) que, por medo ou gratidão, se cala, mas cuida com carinho da louca Joana, verdadeira mãe de Adriano. Estão também Edney Giovenazzi, Suzana Faini, Yolanda Cardoso e Cissa Guimarães. Fala-se da febre amarela e da campanha de Oswaldo Cruz pelo saneamento do Rio de Janeiro; de Chiquinha Gonzaga e da aliança café com leite entre São Paulo e Minas. Novelas de época sempre fazem sucesso, e um dramalhão desses só podia agradar.

A última participação de Célia em novelas foi em outubro do mesmo ano, e também na Globo, em *Mandala*, de Dias Gomes, dirigida por Ricardo Waddington. *O que é Mandala?* se perguntou o Brasil inteiro. A origem está no sânscrito, e seu sentido literal é *círculo*. Para Carl Jung é a representação simbólica da psique humana. Para os budistas, que cultuam a meditação, mandala é a eternidade, o sem-fim. *O que é um círculo?* Explica Dias Gomes: *Se você sair de um ponto, vai dar uma volta e chegar a esse mesmo ponto*

O tema é inspirado na tragédia grega de Sófocles. Dias Gomes decidiu contar a história de Édipo e Jocasta por achá-la *uma das mais imaginosas e empolgantes que a humanidade já conheceu*. Jocasta é casada com Laio e tem um filho, Édipo. Um adivinho prediz que Édipo matará o pai, e Laio, assustado manda matar o filho. O encarregado, porém, tem pena da criança e a entrega a um casal para criá-lo. Anos mais tarde Édipo, sem saber, mata Laio e se casa com Jocasta, com a qual tem quatro filhos. Ao descobrir a verdade, Édipo arranca os olhos, Jocasta se suicida, mas tudo educadamente, fora de cena, como em toda boa tragédia grega. A história modernizada para a televisão é dividida em duas fases. Na primeira, eles têm 18 anos, e na segunda, por volta de 40. Alguns atores são substituídos, outros atravessam toda a novela. Jocasta (Giulia Gam e Vera Fischer), Laio (Taumaturgo Ferreira e Perry Salles) e Creonte (Marcos Palmeira e Gracindo Jr.) são os substituídos. Édipo (Felipe Camargo) atravessa a novela toda. Célia Helena e Gianfrancesco Guarnieri estão entre os poucos que envelhecem e ficam até o fim. Eles são Ceres e Túlio, os pais de Jocasta. Outros atores: Nuno Leal Maia, Osmar Prado, Grande Otelo, Raul Cortez, Lúcia Veríssimo, Oswaldo Loureiro. Por incrível que pareça, na vida real, Vera Fischer, que era casada com Perry Salles, separa-se e casa com Felipe Camargo, seu filho na novela.



Em Partido Alto (acima), e em Direito de Amar (abaixo)





Em Mandala, na primeira fase da novela com Giulia Gam (acima), e com Osmar Prado, na segunda fase (abaixo)





Sequência de gravação de comercial, com a filha Lúcia, sob direção de Jaime Monjardim





Cinema

A carreira cinematográfica de Célia Helena não foi tão rica. Após os primeiros filmes do começo de sua carreira, *Fatalidade*, *Chamas no Cafezal* e *Floradas na Serra* – de que falamos no início – constam somente mais cinco títulos.

Cordélia, Cordélia, em 1971, adaptada da peça de Antônio Bivar por Rodolfo Nanni, que também a dirigiu. Participavam também os atores Lílian Lemmertz, Pedro Paulo Hatheyer, Joe Kantor, o pintor Wesley Duke Lee, Heron Domingues.
Produção Ranon Filmes / Screen Gems do Brasil / Vera Cruz.

Em 1973, Célia filmou *Anjo Loiro*, inspirado em romance do escritor alemão Heinrich Mann e adaptado por Juan Siringo e Alfredo Sternheim, com direção do próprio Alfredo. O filme lhe proporcionou um prêmio de Melhor Coadjuvante, concedido pela APCA.

Participaram os atores Seme Lufti, Mario Benvenuto, Vera Fischer, Ewerton de Castro, Lineu Dias, Nuno Leal Maia, Liana Duval e Lea Surian.
Produção: Brasecran.

Ainda em 1973 filma *A Virgem*, com direção de Dionísio Azevedo. Elenco: Nádia Lippi, Toni Tornado, Nuno Leal Maia, Kadu Moliterno, Célia Olga, Dionísio Azevedo, Miriam Mayo, Marcos Rossi.
Produção Cinedistri / Profibrás Cinematográfica.

110

1975 – *O Predileto*, versão cinematográfica do romance de João Alphonsus, adaptado por Roberto Palmari e Roberto Santos, direção de Palmari. Estão no elenco também Jofre Soares, Fernando Peixoto, Othon Bastos, Wanda Kosmo e Ruthineia de Moraes.
Produção Lynx Filmes.

1982 – *Das Tripas Coração*, com direção de Ana Carolina. No elenco Antônio Fagundes, Dina Sfat, Ney Latorraca, Christiane Torloni, Myriam Muniz, Nair Bello, Patrício Bisso, Isadora de Farias e Jacob Hilel.
Produção Crystal Cinematográfica / Embrafilme / Taba Filmes.



*Em Anjo Loiro, com o diretor
Alfredo Sternheim (acima), e
com Mário Benvenutti e Vera
Fischer (abaixo)*





Lígia Cortez fala da mãe Célia Helena

... Sem dúvida as nossas atividades serão muitas, pois pretendemos estudar, dar continuidade a um trabalho já há muito tempo iniciado por nós, mas ele será quieto, pequeno, pesquisador, procurando uma coerência interior/ exterior, pois uma coisa nós já sentimos: o estudo se faz num canto, quase que sem alarde. Não importa o tamanho dele, importa que ele exista como proposta.

Célia Helena, junho de 1977

Os apontamentos aqui, neste texto, se referem à minha vida, à minha experiência como aluna, professora, filha, irmã e agora, mais recentemente, mãe de aluna do Célia Helena Teatro-escola.

Em 1976, minha mãe, Célia Helena, idealizava um espaço para trabalhar com jovens. Um lugar que fosse destinado aos adolescentes, onde pudessem se desenvolver criativamente através da arte. Na época, existiam poucas opções de atividades e mesmo espetáculos dedicados a esta faixa de idade. Junto com a programação do teatro, onde aconteceriam apresentações de espetáculos, ela queria ocupar o lugar com aulas e oficinas de teatro para jovens, objetivando principalmente a formação humana, além da formação artística. A ideia partia de sua própria experiência: *A minha iniciação na vida foi através do teatro. Meus valores: autoconhecimento, formação moral e intelectual, foi uma coisa teatral. O teatro foi uma janela aberta para o mundo. Descobri a mim mesma e aos outros, e principalmente o processo evolutivo, transformador e aglutinador do teatro. Isso é, para mim, a melhor iniciação para entrar na vida.*

113

Apesar de estar fora do circuito teatral de São Paulo da época, foi no bairro da Liberdade que ela encontrou o que há muito tempo procurava: um teatro para jovens e adolescentes. Se no primeiro momento teve receio de abrir o teatro num bairro tão diferente do que se estava acostumado a frequentar, depois veio a certeza que aquele lugar, com seu charme japonês, era o adequado, e viria a trazer muitas surpresas na vida de minha mãe. Primeiro, o casamento com Ruy Ohtake, arquiteto apresentado a ela pela Ruth Escobar para projetar a reforma. Depois, o nascimento de minha irmã, Elisa Ohtake, que viria ser a pequena aluna da escola quando tinha 5 anos, no início do curso para crianças e também, já adolescente, no curso de formação de atores do Célia Helena Teatro-escola.

Foi ali que o primeiro grupo começou, e onde tive minhas primeiras aulas de teatro e também vivi a experiência de ser aluna de minha mãe.

Uma professora visceral, enérgica e mobilizada pelo desejo de ensinar e fazer o aluno compreender as questões do ofício do ator. Que se envolvia com o aprendizado do aluno, com o mesmo vigor que se envolvia com a criação de seus personagens. Aquele mestre que veste a camisa do aluno. Enquanto o aluno não entendia, ela também não sossegava. Pensava, pensava e, agitada, procurava textos, cenas, exercícios, improvisações... Colocava todos na berlinda, conduzia, explicava, exigia, exigia, até que chegava o *insight* final... Pronto, agora tinha ficado tudo claro. Aí sim, ela sentava e dizia: *Viu como é simples? Está tudo em você. Vamos de novo, mas sem tentar repetir, e sim redescobrir.* Uma exímia educadora que deixava seus alunos grandes e com autonomia.



Para mim, sempre foi uma aventura, ou dificuldade, encontrar minha mãe como professora. Nunca me senti protegida de meus erros, nem desvalorizada por ser sua filha. Mas foi um encontro intenso, ainda mais numa época que coincidia também com minha rebeldia de adolescente. Desde os 16 anos, direta ou indiretamente, fui formada por ela. E tenho enorme gratidão por isso. Por todas as coisas que pude aprender nos cursos, nos núcleos, com os profissionais tão diversos que passaram por lá, e também, mais no final de sua vida, com a enorme parceria que tivemos, juntas, na direção da escola.

A primeira lição que tive com minha mãe foi quando, sensibilizada pela preocupação que ela tinha com minha enorme e, na época, patológica timidez, concordei em participar do primeiro grupo de alunos da escola. Ela sempre tinha uma visão transformadora e de crescimento do ser humano através do teatro.

Quando os primeiros alunos começaram a alçar voo, a buscar seu próprio caminho, eu fui tentar traçar o meu também. cursava ainda a faculdade de Biociências na USP, e entrei para o Grupo Macunaíma, de Antunes Filho. Mas, com o tempo disponível que tinha, ainda fazia algumas aulas na escola. Ali, era um porto seguro. Um dia, a peça que Antunes montava era Nelson Rodrigues, *O Eterno Retorno*, e seria necessário que andássemos muito bem de salto alto para o espetáculo *Álbum de Família*. Coisa que poucas jovens na época sabiam, e muito menos eu, com meu perfil alternativo e com minha experiência de teatro de grupo. Realmente, é bem possível que não tivesse tido muitas oportunidades para isso. Fui então até o teatro, encontrar minha mãe-professora para me salvar. Bem, a coisa foi tão irritante para ambas, tão desgastante, que, num impulso, saí do teatro, andando da Liberdade até o Teatro São Pedro a pé e de salto alto. Claro que, depois de três quarteirões, mesmo sem querer, eu já estava pondo em prática tudo o que tinha ouvido antes, coluna, calcanhar, joelho e pronto. Pelo menos aquele problema estava resolvido. Só faltaria agora resolver as bolhas nos pés.

115

Como professora, exigia disciplina, concentração e muita, muita ética. Cotidianamente agia pensando em formação. Sabia a responsabilidade da educação. E quando passou a dirigir a equipe de professores, desejava que todos nós fôssemos rigorosamente ciosos de nosso papel na função de formadores.

No início das atividades do Curso de Orientação Teatral pra Jovens, Célia Helena uniu-se a professores e também artistas, companheiros maravilhosos, para atuar e trabalhar com os jovens naquele início das atividades da escola.

Começava ali o conceito em que ela fundamentou a escola, e que é um dos pilares até hoje: um trabalho de formação focado na inter-relação entre as matérias. Que as atividades estivessem entrelaçadas, facilitando a ampla compreensão do aluno a respeito do processo criativo. Corpo, voz, prática e teoria estivessem sempre ativos e presentes. E é assim que a escola é até hoje. No início da escola, as aulas teóricas, ministradas por Mariângela Alves Lima e Eudimir Fraga, se amalgamavam com as práticas. As aulas de voz e canto eram dadas por Eládio Perez Gonzalez, barítono, professor lírico e com muita prática cênica. As aulas de interpretação seguiam, sobretudo, a linha da idealizadora, que, com sua enorme experiência em grupos, valorizava o trabalho coletivo.

Acácio Valim Jr. foi nosso primeiro professor. Grande sorte. A alegria e o entusiasmo que ele transmitia durante nossas aulas foram decisivos para a formação de nosso contorno expressivo e de nossas futuras aspirações artísticas. Tive exemplos enormes de professores e artistas que dividiram os aprendizados que tiveram ao longo da vida.

Pessoas notáveis que fazem ou fizeram parte de nossa história como: Cleyde Yáconis, Maria Thereza Vargas, José Américo Motta Peçanha, Rubens Corrêa, Gianni Ratto, Hamilton Vaz Pereira, Walter Lima Jr., Ugo Giorgetti, Jô Soares, Ron Daniels, Raul Cortez, Juliana Carneiro da Cunha.

Na época, a criação coletiva estava em alta. Era como os grupos produziam e encontravam voz numa ditadura ainda presente. Nós adolescentes também fazíamos parte deste momento, e várias montagens saíram dentro deste espírito. A peça *Ao Acaso das Ruas*, de Cora Coralina, por quem minha mãe tinha profunda admiração, teve a adaptação feita por nosso grupo, com direção dela, músicas de Irene Portela e cenário e figurinos de Irineu Chamiso Jr. A equipe que nos acompanhava era extremamente profissional e o aprendizado foi muito intenso. Nem sempre os artistas gostam de dar aulas, mas no caso eles foram excelentes mestres e souberam criar uma atmosfera artística importante para aquele início.

No início da década de 1980, fundamenta o espaço para jovens, com exposições de trabalhos visuais, apresentações de grupos musicais e temporadas com peças do repertório já criadas e novas produções para adolescentes, como *O Rapto do Garoto de Ouro*, de Marcos Rey. O Célia Helena Teatro-Escola se estabelecia cada vez mais como um espaço único de formação artística e fomentador da criação de jovens. Em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo* em 2/06/1981, ela disse: *A escola é um núcleo, um centro, onde os jovens podem descobrir sua potencialidade e seguir ou não uma carreira profissional*. Cassio Scapin, Antonio Calloni, Ulisses Cohn, Eric Nowinski foram alunos que ingressaram na escola durante essa época.

Com a regulamentação da profissão, em 1979, antes mesmo de a escola concluir o processo de autorização do curso profissionalizante, o Sindicato dos Artistas e Técnicos reconhece o trabalho de formação do Célia Helena Teatro-Escola, que então passa a ser uma instituição autorizada a formar atores com o registro profissional.

A partir daí, o processo de formalização do curso era inevitável. Com a regulamentação da profissão, era necessário adaptar a escola.

Porém, transformar um curso livre em profissionalizante, ainda que como resultado natural de um trabalho sério e dedicado, não foi nada fácil para minha mãe. Entre os anos de 1986 e 1988, ela viveria uma crise. Em suas anotações sobre a escola, escreveu: *Nunca quis ser diretora de uma escola em que regras, planejamentos e a burocracia estivessem em primeiro plano. Quero, sim, poder desenvolver um trabalho em que possa alterar, mudar, transformar a partir da troca, do olhar para o processo em desenvolvimento*. Como escola privada, sem subsídios ou apoios externos, como escola ativa, viva, presente no dia a dia dos professores e alunos, minha mãe driblou a burocracia. Ouvia as questões dos alunos, dos professores e, dentro das possibilidades, ia propondo as alterações. Aos poucos, foi planejando uma matriz curricular diferenciada, que resultou numa grade de aulas que ultrapassava largamente a exigida pelo MEC, e que, ao mesmo tempo, atendia a sua missão inicial de valorizar o exercício prático e a experiência vivida em cena.

Em 1988, o curso é reconhecido oficialmente junto ao MEC, como Curso Profissionalizante de Formação de Ator. O curso passa a deixar de ser um curso livre para se transformar em Curso Técnico de Ator, profissionalizante.

O desafio daquele momento era a constituição de um corpo docente que mantivesse a estrutura e a ideologia inicial da escola. Na época, dar aulas era visto como dissidência do trabalho artístico, uma incompatibilidade entre o artista e o formador. Muitos não valorizavam o trabalho formativo, pensando que isso impediria o

Curso de Orientação Teatral Célia Helena

“Grupo Quem Tá Vivo Sempre Aparece”

APRESENTA

Ao Acaso das Ruas

(De Onde Vens Criança?)

Música: Irene Portela

Coordenação: Célia Helena

De 17 a 24 de Setembro

às 21 horas

Teatro Célia Helena

Rua Barão de Iguape, 113 - Liberdade

Tel:- 270-5725 - (Próx. Est. Liberdade - Metrô)

Entrada Franca

Cartaz de Ao Acaso das Ruas (acima), e cena de O Rapto do Garoto de Ouro (abaixo)



trabalho artístico, e outros jamais tinham tido a experiência da docência. Era preciso mudar o modo de pensar e investir no aperfeiçoamento, na formação e pensamento sobre a prática de dar aulas.

Foi nessa época que se deu o início do Núcleo de Estudos Célia Helena. Vários profissionais eram convidados de fora ou mesmo do corpo da escola para ministrar oficinas com os professores. Até hoje o núcleo existe, e depois de 20 anos, o material de pesquisa e estudos recolhidos nas nossas reuniões às segundas e terças pela manhã, é enorme. O legado destes estudos reflete-se dentro e fora da escola, pela prática dos diretores-professores com seus grupos e companhias. Hoje, o pensamento sobre formação, a prática docência e o trabalho do ator está bastante diferente, e sem dúvida o Célia Helena Teatro-Escola foi instrumento importante para esta mudança. Reflete-se em como os atores pensam seu ofício e também em como os diretores buscam desenvolver um trabalho criativo com os atores.

Após os anos 1990, minha mãe dedicou-se quase que integralmente ao ofício de ensinar, dirigir a escola, compor um núcleo de professores alinhados e sensivelmente tocados com o papel de formadores.

No início, Célia Helena uniu-se a professores e companheiros maravilhosos e extremamente motivados para atuar e trabalhar com os jovens. Com o passar dos anos, a chegada de novos companheiros enriqueceu e aprofundou nosso trabalho. Jovens atores, diretores que ensinaram e também aprenderam muito dentro da escola. No corpo docente também há a presença de atores e diretores consagrados, que generosamente dividem seus conhecimentos profundos com jovens iniciantes. Nydia Licia, a autora deste livro, é uma delas. Lembro como minha mãe ficou contente com sua chegada à escola. Dedico a ela a mesma admiração. Presença fundamental, com sua ternura e elegância, dedica-se pacientemente a todos os seus alunos em suas aulas de voz, canto e interpretação, e também nas atividades onde compartilha seu enorme conhecimento sobre a interpretação e direção, além de sua história cheia de força e dignidade.

É, teatro não se faz sozinho. Teatro é criação conjunta. É arte viva, presente. Por isso, a importância de todos os artistas e colegas que dão aula no Célia Helena Teatro-Escola e agora na Escola Superior de Artes Célia Helena: Ednaldo Freire, Marco Antonio Rodrigues, Marcelo Lazzaratto, Sergio Coelho, Nelson Baskerville, Ana Thomas, Ruy Cortez, Hugo Villavicencio, Atílio Beline Vaz, Alexandre Dressler, Roberto Anzai, Vivien Buckup, entre outros... Um grupo de profissionais expressivamente atuantes no meio teatral paulista. Um time que entende a arte e a cena como ofício e meio de expressão, resultado de uma investigação aprofundada; que acreditam que o ensino não se restringe à transmissão de conhecimentos ou conjuntos de técnicas de interpretação aos estudantes. Que o ensino teatral ambiciona a formação de artistas-criadores que atuem vocacional e eticamente.

Célia Helena não pôde ver tantas realizações e eventos imaginados para difundir o que ela sempre buscava: teatro como atividade e exercício do pensamento. O trabalho que começou na década de 1970, quieto, busca agora novas diretrizes. A escola, neste momento, vence mais um desafio e vive uma nova etapa: aprovado com conceito máximo pelo MEC, o curso passa a ser também um curso de graduação, com o bacharelado em Artes Cênicas. A Escola Superior de Artes Célia Helena, tem como missão fazer um trabalho de excelência rigoroso na formação artística aliado às humanidades. Sem perder sua essência, sua proposta relacionada ao estudo, à pesquisa e à procura da verdade e coerência entre o mundo interior/exterior. O legado continua.



Célia Helena apresenta

O INÍCIO DAS ATIVIDADES DO
Teatro Célia Helena
A R. BARÃO DE IGUAPE, 113

O CONTESTADO

Musical de
Romário José Borelli

4.ª a 6.ª s: 21 hs
Sáb: 20 e 22 hs
Dom: 18 e 21 hs
Teatro Célia Helena
R. Barão de Iguaçu, 113

Libel a Sapateirinha

DIA 30 ÀS 16h.

Patrocínio:

D.A.C. • FUNART • S.N.T. • M.E.C.



Teatro-Escola Célia Helena, no período entre 1977 a 1997, durante a direção de Célia – Centro de Estudos e Pesquisas Teatrais

Início das atividades: junho de 1977, com a inauguração do Teatro-Escola Célia Helena, à Rua Barão de Iguape, 113.

1977

- Inauguração do Teatro Célia Helena / Junho
- Início do Curso de Orientação Teatral para Jovens
- Início do Curso para Crianças, pré-adolescentes e adolescentes
- *O Contestado*, de Romário José Borelli. Primeiro espetáculo
- Realização da *I Vivência Integrada de Teatro*
Espectáculos:
O Casamento de Natalina, de Tchekhov – direção Carlos Augusto Strazzer
Libel, a Sapateirinha, de Jurandyr Pereira – direção Luiz Fernando Resende
Linha de Shows: Maria Bethânia, Cartola, Macalé, Aracy de Almeida, Joelho de Porco, Carlos Lyra e Maria Creuza

1978

- Cursos: *Arte e Informação e Orientação Teatral para Jovens*
- Formação do grupo *Quem Tá Vivo Sempre Aparece*, integrado por Gerson de Abreu, Soraya Saide, Lígia Cortez, Vitor Mendez

1979/80

- Curso de *Orientação Teatral para Jovens*
- *Ao Acaso das Ruas*. Criação coletiva do grupo *Quem Tá Vivo Sempre Aparece*.
Direção: Célia Helena / Músicas: Irene Portela / Visual: Irineu Chamiso Jr.

121

1981

- *Do Homem Não se Perde Nada*, com o grupo *Quem Tá Vivo Sempre Aparece*.
Direção: Celso Frateschi.
- Gravação do programa *Som Brasil*. Produção TV Globo.
Apresentação: Rolando Boldrin
- *Diário de um Louco*. Direção: Márcio Aurélio.
- Realização do projeto *Encontros da Arte Jovem*
Espectáculos integrados de teatro, música, artes plásticas, literatura, dança e cinema.
- *A Barra do Jovem*. Criação coletiva do grupo *Quem Tá Vivo Sempre Aparece*.
Coordenação: Célia Helena
- *A Família e a Festa na Roça*. De Martins Pena, com o grupo *Quem Tá Vivo Sempre Aparece*. Direção: Clênia Teixeira

1983

- *O Rapto do Garoto de Ouro*, de Marcos Rey, Adaptação de Walcir Carrasco.
Direção: Célia Helena. A montagem, com o apoio da Editora Ática, integrou o projeto Teatro-educação

1984

- Projeto *Alegria dos Bairros*
Apresentação de cenas e recriação de rua, realizado por alunos do Curso de Orientação Teatral para Jovens
- Participação no evento *Lazer*, coordenado e promovido no Parque Anhembi
- *Oi Vento... Tudo Bem?*, de Lygia Camargo Silva. Direção: Célia Helena



*Em cenas de Oi Vento...Tudo Bem,
com Jairo Mattos e Marta Tra-
monte*



1985

- Semana Paulista de Arte. Promoção Centro Cultural São Paulo. Participação com o espetáculo *Oi Vento... Tudo Bem?*

1986

- *Pedro e o Lobo*, de Sergei Prokofiev. Adaptação e direção: Célia Helena. Prêmios: Governador do Estado, APCA, APETESP e Mambembe, de melhor espetáculo

1987

- *Pedro e o Lobo*. Participação especial do Festival de Inverno de Campos do Jordão e no evento *Os Instrumentos Musicais e sua Utilização*, organizado pelo Sesc/Campestre

1988

- Reconhecimento oficial do Curso Profissionalizante de Formação de Ator, através da Portaria DRECAP-3, publicada no *Diário Oficial do Estado* de 8/3/88

1989

- Início do Curso Profissionalizante de Formação de Ator
Professores: Célia Helena, Celina Fujii, Paulo Yutaka, Beto Silveira

1990

- Curso Profissionalizante de Formação de Ator
- Curso Livre
Atuação para TV, ministrado por Beto Silveira
- *Workshops*
Interpretação com Célia Helena, Renato Borghi e Elias Andreatto
- Depoimentos para alunos do Curso Profissionalizante de Formação de Ator, com os artistas Mayara Magri, Cristina Mutarelli e Raul Cortez
- *Sexo dos Anjos*, texto e direção Flávio de Souza
Com Carlos Moreno e Elias Andreatto

1992

- *A Aurora de Minha Vida*, de Naum Alves de Souza
Direção Márcio Trinchinatto e Célia Helena
- *O Homem que Casou com Mulher Braba* – Direção Célia Helena
- Cursos de Aperfeiçoamento para atores:
Pinçando a Imagem, com Renato Borghi
Teatro Clown, com Wellington Nogueira

1993

- Cursos livres
Vivenciando / Vivenciando Avançado
- Palestra
A Imaginação Criadora, ministrada pelo filósofo e pensador José Américo Motta Pessanha – março e abril
- Curso para profissionais de Teatro
Voz e corpo, com Ana Kfoury
- Curso para arte-educadores
Faixa etária e desenvolvimento psicológico – psicóloga Odete Coster
- Palestras
Relacionamento Afetivo, coordenado pela psicóloga Maria Helena Gherpelli, dirigida a estudantes de 2º grau

Sexualidade, com a psicóloga e escritora Lídia Rosenberg
A Face Trágica de Dionísio, com o professor e escritor Edélcio Mostaço

1994

- Célia Helena – coordenação
Encontro de profissionais de teatro – agosto a novembro

1995

- Aula Aberta – Direção de Antonio Araújo
- Exercícios de cenas realistas – direção de Vitor Mendez e Antonio Araújo
- Cursos livres
Vivenciando / Vivenciando Avançado
Faixa etária e desenvolvimento psicológico, ministrado pela Psicóloga Odete Coster a arte-educadores.
- Cursos de extensão para profissionais de teatro
Hamilton Vaz Pereira – *Ilíada e Odisseia*
Nydia Licia – *Análise e Interpretação do Texto Teatral*. Texto selecionado para análise: *Antígone*, de Anouilh e Sófocles.
Rubens Corrêa – *O Mundo da Interpretação*
- Aprendizado: Canto Coral
Início dos encontros semanais dos professores – maestro Roberto Anzai
- Apresentação da *Trombada Coral*, composto por turmas de alunos e professores do Teatro-escola Célia Helena. Maestro: Roberto Anzai
- Palestras
Sexualidade, com a psicóloga e escritora Lídia Rosenberg
A Face Trágica de Dionísio, com o professor e escritor Edélcio Mostaço

124

1996

- Exames de Formatura
Valentim – direção de Matteo Mei
- Curso de Voz, com Nydia Licia, para profissionais de Teatro
- *Um Céu de Estrelas*, de Fernando Bonassi. Direção Lígia Cortez. Prêmio de melhor texto na Jornada SESC de Teatro – 1996
- Palestras
Relacionamento Afetivo, coordenado pela psicóloga Maria Helena Gherpelli, dirigida a estudantes de 2º grau
Sexualidade, com a psicóloga e escritora Lídia Rosenberg
A Face Trágica de Dionísio, com o professor e escritor Edélcio Mostaço
- Cursos Livres:
Vivenciando / Vivenciando Avançado
Teatro Clown, com Wellington Nogueira
Análise e Interpretação do Texto Teatral, com Regina Galdino
Criação do Personagem, ministrado por Renato Borghi
Improvisação Teatral, com Flávio de Souza
- *O Patinho Torto* – direção de Célia Helena

1997

- Curso Livre
Vivenciando
- Cursos optativos para alunos
Voz Falada, com Nydia Licia
Voz Cantada, com Roberto Anzai
Corpo, com Ana Thomaz
Corpo, com Renata Melo

Exercícios de cenas realistas – direção de Vitor Mendez e Antonio Araújo
*Faixa etária e desenvolvimento psicológico, ministrado pela Psicóloga Ode-
te Coster a arte-educadores*

Aprendizado: Canto Coral. Início dos encontros semanais dos professores
maestro Roberto Anzai

- Início das atividades do Teatro-Escola Célia Helena Itaim
Centro de Estudos e Pesquisas Teatrais, na Av. São Gabriel, 462
- Início das atividades da Casa do Teatro / Itaim
Curso para crianças, pré-adolescentes e adolescentes
- Implantação do Espaço da Experimentação
Espaço aberto a alunos e professores para realização de atividades artísticas

***Aqui termina a participação de Célia Helena em seu Teatro-Escola. Devido ao agra-
vamento da doença, entrega definitivamente o comando à sua filha, Lígia Cortez.***





Cronologia Célia Helena

TV

1954

- **Teatro da Semana** (TV Paulista)

Direção: Antunes Filho

1955

- **Grande Teatro das Segundas-feiras** (TV Paulista)

Textos variados – Direção: Ruggero Jacobbi

1956

- **Grande Teatro Três Leões** (TV Tupi)

1958

- **Grande Teatro Cacilda Becker** (TV Record)

1968

- **O Décimo Mandamento** (TV Tupi)

De Benedito Ruy Barbosa – Direção: Antonio Abujamra – Elenco: Yara Amaral, Jovely Archângelo, Léa Camargo, Maria Helena Dias, Débora Duarte, Lima Duarte, Paulo Figueiredo, Germano Filho, Célia Helena, Riva Nimitz

1970

- **Tilim** (TV Record) **Lavinia**

De Dulce Santucci – Direção: Wanda Kosmo – Elenco: Fernando Baleroni, Adoniran Barbosa, Sebastião Campos, Antônio Carlos, Wilma Chandler, Lídia Costa, Célia Coutinho, Júlio César Cruz, Thilde Francheschi, Flora Geny, Suzana Gonçalves, Célia Helena, Wanda Kosmo, Nádia Lippi, Edmundo Lopes, Valery Martins, Miriam Mehler, Kadu Moliterno, Riva Nimitz, Rosa Ratz, Clécio Ribeiro, Ademir Rocha, Perry Salles

1971

- **Editora Mayo, Bom-Dia** (TV Record)

De Walter Negrão – Elenco: Fernando Baleroni, Carminha Brandão, Lídia Costa, Célia Coutinho, Silvio de Abreu, Wilma de Aguiar, Geraldo Del Rey, Débora Duarte, Flora Geny, Serafim Gonzalez, Luiz Gustavo, Célia Helena, Edmundo Lopes, Cláudio Lopomo, Rodolfo Mayer, Miriam Mehler, Mauro Mendonça, Rubens Moral, Wladimir Nikolaief, Ademir Rocha, Karin Rodrigues, Pepita Rodrigues, Adriano Stuart, Nathália Timberg

- **Pingo de Gente** (TV Record) **Marta**

De Raimundo Lopes – Elenco: Eduardo Abbas, Carminha Brandão, Marcelino Buru, Sebastião Campos, Célia Coutinho, Elisa D'Agostinho, Wilma de Aguiar, Eliana de Cássia, Zanone Ferrite, Linda Gay, Célia Helena, Edmundo Lopes, Rodolfo Mayer, Célia Olga, Zéluz Pinho, Ademir Rocha, Amália Seissel, Néa Simões, Adriano Stuart

- **Quarenta Anos Depois** (TV Record)

De: Lauro César Muniz – Elenco: Fúlvio Stefanini, Márcia Maria, Rolando Boldrin, Paulo Goulart, Nathália Timberg, Roberto Bolant, Carminha Brandão, Edy Cerri, Henrique César, Wilma Chandler, Wilma de Aguiar, Maria Estela, Célia Helena, Vera Lúcia, Sérgio Mamberti, Mauro Mendonça, Kadu Moliterno, David Neto, Newton Prado, Ademir Rocha, Adriano Stuart, Tereza Teller

1972

• ***O Príncipe e o Mendigo*** (TV Record)

Da novela de Mark Twain, adaptação Marcos Rey – Direção: Dionísio Azevedo – Elenco: Fernando Baleroni, Adoniran Barbosa, Sebastião Campos, Wilma Chandler, Lídia Costa, Júlio César Cruz, Manoel da Nóbrega, Wilma de Aguiar, Adriana de Góes, Thilde Francheschi, Flora Geny, Suzana Gonçalves, Célia Helena, Nancy Helena, Nádia Lippi, Edmundo Lopes, Cláudio Lopomo, Miriam Mehler, Mauro Mendonça, Kadu Moliterno, Rubens Moral, Riva Nimitz, Gabrielo Paone, Rosa Ratz, Roni Rios, Ademir Rocha, Perry Salles, Walter Seyssel, Clayton Silva

1975

• ***Vila do Arco*** (TV Tupi) ***Severina***

Do romance de Machado de Assis, adaptação Sérgio Jockyman – Direção: Luiz Gallon – Elenco: Laerte Morrone, Maria Isabel de Lizandra, Rodrigo Santiago, Célia Helena, Elias Gleizer, Liana Duval, Herson Capri, Nize Silva, Geraldo Del Rey, Isadora de Farias, Kleber Afonso, Edwin Luisi, Rogério Márcico, Ivete Bonfá, Older Cazarre

1976

• ***Canção para Isabel*** (TV Tupi) ***Maria Carolina***

De Heloísa Castellar – Direção: Antônio Moura Mattos – Elenco: Wanda Stefânia, Paulo Figueiredo, Célia Helena, Ivan Mesquita, Claudia Alencar, João José Pompeo, Yara Lins, Rogério Márcico, Older Cazarre, Ivete Bonfá, Edwin Luisi, Geraldo Del Rey, Ariclê Perez, Mayara de Castro, Anely Alvarez

1979

• ***Malu Mulher*** (TV Globo)

Seriado, episódio: *As Amigas* – Direção: Denis Carvalho – Elenco: Regina Duarte, Célia Helena

1981

• ***Brilhante*** (TV Globo) ***Regina***

De Leonor Bassères, Gilberto Braga e Euclydes Marinho – Direção: Daniel Filho, Marcos Paulo e José Carlos Pieri – Elenco: João Paulo Adour, Rômulo Arantes, Aracy Balabanian, Janser Barreto, Maurício Barroso, Maria de Fátima Camatta, Carla Camurati, Laura Cardoso, Neuza Caribe, Denis Carvalho, Magda Regina Carvalho, Eduardo Conde, Renato Coutinho, Ilma da Costa Santos, Graziela de Laurentis, Renée de Vielmond, Suzana Faíni, Buza Ferraz, Caíque Ferreira, Amelin Fiani, Jardel Filho, Vera Fischer, Joana Fomm, Maria Gladys, Célia Helena, Mário Lago, Nádia Lippi, Oswaldo Louzada, Beatriz Lyra, Maria Clara Machado, Eloísa Mafalda, Sérgio Mamberti, Cláudio Marzo, Lídia Mattos, Rodolfo Mayer, Tarcísio Meira, Mauro Mendonça, Francisco Milani, Kadu Moliterno, Fernanda Montenegro, Arthur Muhlenberg, José Márcio Passos, Renato Pedrosa, Paulo Porto, Telma Reston, Aguinaldo Rocha, Márcia Rodrigues, Ítalo Rossi, Luciano Sabino, Maria Sampaio, Renata Sorrah, Rosita Thomaz Lopes, Fernanda Torres, Anselmo Vasconcelos, Fábio Villa Verde, José Wilker

1982

• ***Campeão*** (TV Bandeirantes) ***Ester***

De Jaime Camargo e Marcos Caruso – Direção: Álvaro Fugulin e Sérgio Galvão – Elenco: Claudia Alencar, Joselita Alvarenga, Luiz Carlos Arutin, Othon Bastos, Ivana Bonifácio, Zaira Bueno, Mateus Carrieri, Solange Couto, Elaine Cristina, Rubens de Falco, Luiz Carlos de Moraes, Flávio Dias, Maria Estela, Abrahão Farc, Antônio Fonzar, Eliane Giardini, Paulo César Grande, Flávio Guarnieri, Célia Helena, John

*Em cenas de Vila do Arco (acima),
e Canção para Isabel (abaixo)*



Herbert, Kito Junqueira, Arthur Leivas, José Lewgoy, Ciça Manzano, Márcia Maria, Lia Nascimento, Sônia Oiticica, Myriam Pérsia, Luiz Antônio Piva, Eleonora Prado, Alexandre Raimundo, Flávia Cristina Rodrigues, Ady Salgado, Deborah Seabra, Carmem Silva, Fúlvio Stefanini, Cleyde Yáconis

1983

- **Sabor de Mel** (Bandeirantes)

De Jorge Andrade e Jaime Camargo – Direção: Roberto Talma – Elenco: Claudia Alencar, Thaís Bezerra, Sandra Bréa, Carlo Briani, Zaira Bueno, Clodovil, Raul Cortez, Luiz Carlos de Moraes, Taumaturgo Ferreira, Françoise Forton, Flávio Galvão, Neide Giacon, Elias Gleizer, Gianfrancesco Guarnieri, Kiko Guerra, Célia Helena, Maria Helena Imbassahy, Ileana Kwasinski, Júlia Lemmertz, Ivan Lima, Mayara Magri, Elza Maria, Mila Moreira, Giuseppe Oristanio, Roberto Orosco, Cristina Prochaska, Karin Rodrigues, Sônia Samaia, Luiz Serra, Carmem Silva, Eva Todor, Odi-lon Wagner

- **Casal 80** (Bandeirantes)

Seriado – Direção: Roberto Talma – Elenco: Célia Helena, John Herbert

1984

- **Partido Alto** (TV Globo) **Izildinha**

De Glória Perez e Aguinaldo Silva – Direção: Carlos Magalhães, Jayme Monjardim, Luiz Antônio Piá e Roberto Talma – Elenco: Percy Aires, Rafael Alvarez, Lúcia Alves, Monique Alves, Roberto Bataglin, Lis Beltrão, Norma Bengell, Eliana Bittencourt, Armando Bógus, Roberto Bonfim, Marilu Bueno, Mário César Camargo, Herson Capri, Neuza Caribe, Marise Cigani, Rubens Correia, Raul Cortez, Jorge Coutinho, Carla Daniel, André de Biase, Luiz Felipe de Lima, Cininha de Paula, Cosme dos Santos, Débora Duarte, Elizângela, Betty Faria, Tony Ferreira, Carmem Figueroa, Germano Filho, Nelson Freitas, Cristina Galvão, Ednei Giovenazzi, Milton Gonçalves, Célia Helena, Guilherme Karan, Mário Lago, Ney Latorraca, Lilian Lemmertz, Lucy Mafra, Eliane Maia, Roberto Marconi, Cláudio Marzo, José Mayer, Jonas Mello, Kadu Moliterno, Rubens Moral, Ilva Nino, Paulo Nunes, Nélia Paula, Marcelo Peniche, Paulo César Peréio, Glória Pires, Antonio Pitanga, Nardel Ramos, Angela Rebello, Herbert Richers Jr., Arnaud Rodrigues, Fábio Sabag, Jesse Santos, Elizabeth Savalla, Bia Sion, Eva Todor, Christiane Torloni, Guaracy Valente, Susana Vieira, João Vieittas, Nelson Wagner

1985

- **Jogo do Amor** (SBT)

De Azis Bajur e José Rubens Siqueira – Direção: Antonino Seabra – Elenco: Tadeu Aguiar, Joselita Alvarenga, Roberto Beraldo, Victor Branco, Léa Camargo, Mateus Carrieri, Henrique César, Eduardo Coen, Thaís de Andrade, Zécarlos de Andrade, Vininha de Moraes, Jorge Dória, Maria Ferreira, Dudu França, Patrícia Godoy, Serafim Gonzalez, Célia Helena, Kito Junqueira, Monique Lafond, André Loureiro, Sandra Mara, Jonas Mello, Marcos Mello, Rosamaria Murtinho, Ana Maria Nascimento e Silva, Vera Nunes, Sônia Oiticica, Célia Olga, Giuseppe Oristanio, Gabriela Rabello, Gina Rinaldi, Lucila Rudge, Sílvia Rugai, Paco Sanches, Luiz Serra, Eduardo Silva, José Rubens Siqueira, Ilka Soares, Jofre Soares, Armando Tirabosqui, Berta Zemel

1987

- **Mandala** (TV Globo) **Ceres Silveira**

De Dias Gomes, Marcílio Moraes e Lauro César Muniz – Direção: José Carlos Pieri, Fábio Sabag e Ricardo Waddington – Elenco: Maria Alves, Marcos Breda, Lília Cabral, Felipe Camargo, Aracy Cardoso, Walmor Chagas, Rubens Correia, Yara Cortes,



*Em cenas de Partido Alto (acima),
e Mandala (abaixo)*



Raul Cortez, Daniel Dantas, Raymundo de Souza, Ruth de Souza, Chico Díaz, Beth Erthal, Deborah Evelyn, Suzana Faíni, Jandir Ferrari, Maria Ferreira, Taumaturgo Ferreira, Tony Ferreira, Vera Fischer, Ana Luíza Folly, Ana Cristina Gallo, Giulia Gam, Milton Gonçalves, Paulo Gracindo, Antônio Grassi, Gianfrancesco Guarnieri, Célia Helena, Gracindo Júnior, Ângela Leal, Aida Leiner, Julio Levy, Luiz Sérgio Lima e Silva, Oswaldo Loureiro, Beatriz Lyra, Luiz Magnelli, Nuno Leal Maia, Felipe Martins, Danton Mello, Mauro Mendonça, Marina Miranda, Rosamaria Murtinho, Grande Otelo, Marcos Palmeira, Marco Antônio Pâmio, Paulo César Peréio, Jayme Periard, Marcelo Picchi, Osmar Prado, Nardel Ramos, Imara Reis, Perry Salles, Bia Seidl, Dimitrius Sidenius, Ika Soares, Carlos Augusto Strazzer, Chico Tenreiro, Daniel Trindade, Lúcia Veríssimo, Betina Vianny, Carlos Wilson, Shulamith Yaari

• ***Direito de Amar*** (TV Globo) ***Violante***

De Janete Clair (radio-novela), Ana Maria Moretzsohn, Walter Negrão, Alcides Nogueira, Marilu Saldanha – Direção: Jayme Monjardim e José Carlos Pieri – Elenco: Glória Pires, Lauro Corona, Ednei Giovenazzi, Célia Helena, Elias Gleizer, Suzana Faíni, Yolanda Cardoso, Rogério Márcico, Older Cazarré, Cissa Guimarães, João Carlos Barroso, Lúcia Mattos, Betty Gofman, Narjara Turetta, Luca de Castro

1995

• ***Você Decide: episódio O Grande Homem***

Com Ângelo Antônio, Mariana de Moraes, Buza Ferraz, Célia Helena, Mário Lago, Sérgio Mamberti, Marcelo Mansfield, Francisco Milani, Paulo Reis

Cinema

1953

• ***Fatalidade***

De Jacques Maret – Direção: Jacques Maret – Elenco: Lysca Aydê, Aracy Cardoso, Jackson de Souza, Caetano Gherardi, Angelika Hauff, Célia Helena, Guido Lazzarini, Nestório Lips, Jacques Maret, Altamiro Martins, David Novach, Gino Talamo
Produção: Multifilmes

1954

• ***Floradas na Serra***

Do romance de Dinah Silveira de Queiroz, adaptação de Fabio Carpi – Direção: Luciano Salce – Elenco: Cacilda Becker, Jardel Filho, Ika Soares, Silvia Fernanda, Gilda Nery, Marina Freire, Lola Brah, John Herbert, Célia Helena, Rubens Costa, Liana Duval, Jaime Barcellos, Luiz Carlos Becker, Célia Biar, Camila Cardoso, Miro Cerni, Wilma Chandler, Renato Consorte, João Maria de Abreu, Rubens de Falco, Henri de Zeppelin, Bárbara Fazio, Marcello Fiori, Geraldo Gabriel, Galileu Garcia, Sérgio Hingst, Zélia Ianello, Fleury Martins, Irma da Cunha Mattos, Ralpho da Cunha Mattos, Margarida Mayer, Pedro Moacir, Luciano Salce, Alfredo Simoney, Maria Luiza Splendore, José Mauro de Vasconcelos
Produção: Vera Cruz

• ***Chamas no Cafezal***

História de Mário Civelli, adaptação de Antônio José e Marcos Mergulies – Direção: José Carlos Burle – Elenco: Jane Batista, José Carlos Burle, Áurea Cardoso, Rafael de Oliveira, Ana Filimonof, Batista Franco, Angelika Hauff, Célia Helena, Guido Lazzarini, Ronaldo Leme, Simone Moura, Luigi Picchi, João Silva, Eduardo Tanon
Produção: Multifilmes

1971

• ***Cordélia, Cordélia***

Da peça de Antônio Bivar, adaptação Rodolfo Nanni – Direção: Rodolfo Nanni – Elenco: Lilian Lemmertz, Francisco Di Franco, Pedro Paulo Hatheyer, Miguel di Pietro, Joe Kantor, Wesley Duke Lee, Célia Helena, Nadir Fernandes, Aparecida de Paula, Durval Tercius, Ivone Dabrius, Dora Cilento, Rodolfo Nanni, Oscar Cabrera, Heron Domingues

Produção: Ranon Filmes / Screen Gems of Brasil / Vera Cruz

Distribuição: Cinedistri / Columbia Pictures do Brasil

1973

• ***Anjo Loiro***

Do romance de Heinrich Mann, adaptação de Juan Siringo e Alfredo Sternheim – Direção: Alfredo Sternheim – Elenco: Mário Benvenutti, Vera Fischer, Célia Helena, Ewerton de Castro, Liana Duval, Lineu Dias, Léa Surian, Nuno Leal Maia, Vanda Marchetti, Semme Lufti, Lídia Vani, Walter Portela, Ivete Bonfá, Vicente Tutuilmondo, Gracinda Fernandes

Produção: Brasecran

Distribuição: Condor Filmes

• ***A Virgem***

De Dionísio Azevedo – Direção: Dionísio Azevedo – Elenco: Nádia Lippi, Kadu Moliterno, Nadir Fernandes, Nuno Leal Maia, Célia Helena, Maria Luiza Imperial, Miriam Mayo, Tony Tornado, Célia Olga, Alexandre Rodovan, Clery Cunha, Lygia Maria, Roberto Homs, Dionísio Azevedo, Marcos Rossi

Produção: Cinedistri / Profilbrás Cinematográfica

Distribuição: Master Vision (vídeo)

133

1975

• ***O Predileto***

Do romance de João Alphonsus, adaptação Roberto Palmari e Roberto Santos – Direção: Roberto Palmari – Elenco: Jofre Soares, Suzana Gonçalves, Othon Bastos, Célia Helena, Fernando Peixoto, Wanda Kosmo, João Carlos Ferreira, Xandó Batista, Ruthinéa de Moraes, Abrahão Farc, Maria Célia Camargo

Produção: Lynx Filmes

Distribuição: Ipanema Filmes

1982

• ***Das Tripas Coração***

De Ana Carolina – Direção: Ana Carolina – Elenco: Antônio Fagundes, Dina Sfat, Ney Latorraca, Christiane Torloni, Eduardo Tornaghi, Xuxa Lopes, Othon Bastos, Cristina Pereira, Myrian Muniz, Ana Maria Abreu, Solange Alfane, Bibi Amaral, Vera Barbosa, Nair Bello, Patricio Bisso, Nereide Bonamico, Clotilde Borges, Cláudia Damácio, Isadora de Farias, Emile Edde, Cristina Ferreira, Denise Franco, Alvaro Freire, Stela Freitas, Rita Galvão, Sandra Ghiraldini, Silvana Ghiraldini, Janini Goldfeld, Jobelsina Gomes, Nícia Guerreiro, Maria Guimarães, Mira Haar, Célia Helena, Iacov Hilel, Isa Kopelman, Suzana Lakatos, Carla Leirner, Margareth Lemos, Marli Levin, Vera Souza Lima, Lúcia Machado, Noêmia Mandelbaum, Lucélia Maquiavelli, Eliza Monteiro, Edna Meire Moraes, Rosaly Moreno, Zica Neiname, Áurea Novaes, Maria Padilha, Carmen Pereira, Thelma Rebello, Ivete Rocha, Noeli Santisteban, Noêmia Scaranelli, Isabela Secchim, Lúcia Segall, Ilana Sherl, Raquel Silber, Maria do Carmo Sodré, Renata Sofredini, Simone Sofredini, Wilma Só, Carmem Tavares, Deborah Zilber

Produção: Crystal Cinematográfica / Embrafilme / Taba Filmes

Distribuição: Embrafilme

Teatro

1953

- ***Inimigos Íntimos***, de Barillet e Grèdy

Direção: Adolfo Celi – TBC, Rio de Janeiro

1955

- ***Os Três Maridos de Madame***, de Ciro Bassini

Direção: Carla Civelli – Teatro Permanente das 2^{as} feiras – Teatro Leopoldo Fróes

- ***O Prazer da Honestidade***, de Luigi Pirandello

Direção: Carla Civelli – Teatro de Arena

- ***A Ilha dos Papagaios***, de Sergio Tofano (STO)

Direção: Gianni Ratto – Teatro Maria Della Costa

1956

- ***Não te Assusta Zacharias!***

Direção: Barbosa Lessa – Grupo Folclórico Brasileiro – Excursão no Rio Grande do Sul; em São Paulo, no Teatro Maria Ddella Costa

1957

- ***Tragédia para Rir***, de Guilherme de Figueiredo

Direção: Evaristo Ribeiro – Teatro Moderno de Arduini Lemos – Teatro da Federação Paulista de Futebol

- ***Quando Éramos Casados***, de John Boyton Priestley

1958

- ***Matar***, de Paulo Hecker Filho

Direção Walmor Chagas – Teatro Experimental – TBC

- ***Do Outro Lado da Rua***, de Augusto Boal

Direção: Flávio Rangel – Teatro Experimental – TBC

- ***O Marido Confundido***, de Molière

Direção: Ruggero Jacobbi – Teatro Moderno de Comédia – Teatro de Cultura Artística

1959

Apresentou em São Paulo, participando do Teatro Cacilda Becker (no Teatro Leopoldo Fróes) e em excursão ao Norte do Brasil e em Portugal (no Teatro Sá da Bandeira, no Porto, e no Teatro Tívoli, em Lisboa) os espetáculos:

- ***Os Perigos da Pureza***, de Hugh Mills – Direção: Ziembinski
- ***Maria Stuart***, de Schiller – Direção: Ziembinski
- ***A Dama das Camélias***, de Alexandre Dumas Filho – Direção: Benedito Corsi
- ***O Auto da Compadecida***, de Ariano Suassuna – Direção: Cacilda Becker
- ***O Santo e a Porca***, de Ariano Suassuna – Direção: Ziembinski
- ***Santa Martha Fabril S.A.***, de Abílio Pereira de Almeida – Direção: Ziembinski

1960

- ***Boca de Ouro***, de Nelson Rodrigues – Direção: Ziembinski, na Cia. Rubens de Falco-Dália Palma – Teatro da Federação Paulista de Futebol

1961

- ***A Vida Impressa em Dólar***, de Clifford Odets – Direção: José Celso Martinez Corrêa – Teatro Oficina

- ***José do Parto à Sepultura***, de Augusto Boal – Direção: Antônio Abujamra – Teatro Oficina

1962

- ***Um Bonde Chamado Desejo***, de Tennessee Williams – Direção: Augusto Boal – Teatro Oficina

- ***Todo Anjo é Terrível***, de Thomas Wolfe – Direção: José Celso Martinez Corrêa – Teatro Oficina

1963

- ***Os Pequenos Burgueses***, de Maxim Gorki – Direção: José Celso Martinez Corrêa – Teatro Oficina

1964

- ***Andorra***, de Max Frisch – Direção: José Celso Martinez Corrêa – Teatro Oficina

- ***Quatro num Quarto***, de Valentim Kataiév – Direção: Maurice Vaneau – Teatro Oficina

- ***Festival de Atlântida***, com o repertório do Teatro Oficina

1965

- ***Os Inimigos***, de Maxim Gorki – Direção: José Celso Martinez Corrêa – Teatro Oficina

135

1967

- ***O Estado Militarista***, ou ***A Saída, Onde Fica a Saída?***, de Ferreira Goulart, Antônio Carlos Fontoura e Armando Costa – Direção: João das Neves – Teatro Opinião, RJ

- ***Círculo de Giz Caucasiano***, de Bertolt Brecht – Direção: Augusto Boal – Teatro de Arena

1968

- ***Um Dia na Morte de Joe Egg***, de Peter Nichols – Direção: Antônio Ghigonetti – Cia. Nydia Licia – Teatro Bela Vista

- ***As Moças***, de Isabel Câmara – Direção: Maurice Vaneau – Teatro Cacilda Becker

- ***O Clube da Fossa***, de Abílio Pereira de Almeida – Direção: Fredi Kleeman – TBC

1969 / 1970

- ***O Balcão***, de Jean Genet – Direção: Victor Garcia – Cia Ruth Escobar – Teatro Ruth Escobar

1972

- ***Panorama Visto da Ponte***, de Arthur Miller – Direção: Odavlas Petti – Teatro Cacilda Becker

- ***Sambão Didático*** – De Cabral a Isabel, de Oscar Filipe – Direção: Silney Siqueira – Projeto Monteiro Lobato – em escolas



Em cenas de A Vida Impressa em Dólar (acima), Todo Anjo é Terrível (centro) e Pequenos Burgueses (abaixo)



Em cenas de Quatro num Quarto (acima), Andorra (centro) e Os Inimigos (abaixo)

ANDORRA MAX FRISCH

1.º PRÊMIO: FESTIVAL LATINO AMERICANO DE TEATRO (Uruguai 1964) - MELHOR ESPETÁCULO DE 1964 EM SÃO PAULO (CET) - MELHOR CENÁRIO E FIGURINOS: Flávio Império (prêmios APCT, Governador do Estado, SACI) - MELHOR COADJUVANTE: Lineu Dias (SÃO PAULO-1964) - 1.ª MENÇÃO HONROSA MELHOR ATOR NO FESTIVAL LATINO AMERICANO: Renato Borghi (URUGUAI-1964)

TEATRO
MAISON DE FRANCE
TEL. 52-3456

RECOMENDADO PELO DINERS
DESCONTO DE 50% - EXCLUSIVAMENTE PARA SÓCIOS





Em cenas de O Balcão (acima), As Moças (centro) e O Estado Militaristas ou A Saída, Onde Fica a Saída (abaixo)

1973

- ***E Deus Criou a Varoa***, de Oscar Felipe e Roberto Cleto – Direção: Oscar Filipe – Projeto Monteiro Lobato – em escolas

1974 / 1975

- ***Autos Sacramentais***, de Calderón de la Barca – Direção: Victor Garcia – Cia. Ruth Escobar – Excursão à França, Irã e Itália

1976

- ***Pano de Boca***, de Fauzi Arap – Direção: Fauzi Arap – Teatro Treze de Maio
- ***Sétima Morada***, de José Maria Ferreira – Direção: José Rubens Siqueira – Teatro Ruth Escobar, escolas da Capital e do Estado e igrejas

1977

Inauguração do Teatro Célia Helena:

- ***Libel e a Sapateirinha***, de Jurandir Pereira – Direção: Carlos Augusto Strazzer – teatro infantil no Teatro Célia Helena
- ***O Casamento de Natalina***, de Anton Tchecov – Direção: Carlos Augusto Strazzer – Teatro Célia Helena

1978

- ***A Missa do Vaqueiro***, de Janduhi Finizola – Direção: Renato Borghi – Teatro MEC-Funarte

1980

- ***A Nonna***, de Roberto Cossa – Direção: Flávio Rangel – Teatro Anchieta

139

1982

- ***Numa Nice***, de Caryl Churchill – Direção: André Adler – Teatro Anchieta

1983

- ***Rock and Roll***, de José Vicente – Direção: Antonio Abujamra

1984

- ***Oí Vento... Tudo Bem?***, de Lúcia Camargo Silva – Direção: Célia Helena – Teatro Célia Helena

1988

- ***Pegando Fogo lá Fora***, de Gianfrancesco Guarnieri – Direção: Celso Nunes – Teatro de Cultura Artística

1990 / 1991

- ***Os Pequenos Burgueses***, de Maxim Gorki – Direção: Jorge Takla – Teatro Procópio Ferreira e teatros estaduais do Brasil

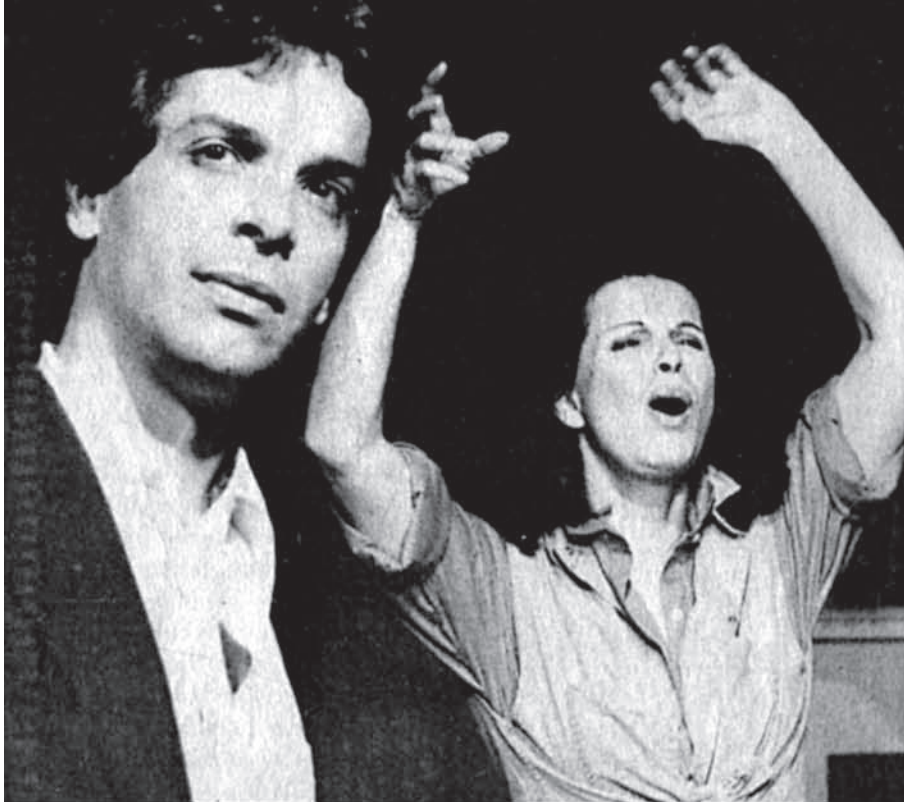
1991

- ***Laços Eternos***, de Zibia Gasparetto – Direção: Renato Borghi – Teatro Ruth Escobar

1992

- ***Luar em Preto e Branco***, de Lauro César Muniz – Direção: Sérgio Mamberti – Teatro Hilton

Prêmios



Em cenas de Rock and Roll (acima), A Nonna (centro), e Numa Nice (abaixo); à direita, Luar em Preto e Branco.





Prêmio Governador do Estado

Secretaria de Cultura, Esportes
e Turismo

O Conselho Estadual de Cultura confere o
presente diploma a:

Célia Helena em

"O Anjo Loiro"

Melhor Atriz Coadjuvante
Cinema - 1973

1964

- Melhor Atriz – Festival de Atlântida
- Prêmio Governador do Estado e Prêmio APCA (Ass. Paulista de Críticos de Arte) por *Quatro num Quarto*, de Valentin Kataiev

1968

- Prêmio Governador do Estado e Prêmio APCA por *As Moças*, de Isabel Câmara

1969

- Prêmio Governador do Estado e Prêmio APCA por *O Balcão*, de Jean Genet

1976

- Prêmio Molière e Prêmio APCT (Ass. Paulista de Críticos de Teatro) por *Pano de Boca*, de Fauzi Arap

1986

- Prêmio Mambembe, Prêmio APCA, Prêmio Apetesp e Prêmio Governador do Estado por *Pedro e o Lobo*



Com a filha Ligia



Com a filha Elisa e a mãe D. Lygia Camargo Silva



Elisa com o pai, Ruy Ohtake



Com as filhas Ligia e Elisa



Com a filha Elisa



Com Raul Cortez, recebendo o prêmio APCA pela filha deles, Ligia Cortez

Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Célia Helênica	11
Célia Helena	17
Origens	19
A Fé	99
A Televisão	101
Cinema	110
Lígia Cortez fala da mãe Célia Helena	113
Teatro-Escola Célia Helena, no período entre 1977 a 1997, durante a direção de Célia - Centro de Estudos e Pesquisas Teatrais	121
Cronologia Célia Helena	127

Créditos das Fotografias

Acervo Alfredo Sternheim 111
Acervo Maria Thereza Vargas 37
Acervo Nydia Licia 62, 63
Carlos – Rio 48, 49
Cedoc TV Globo 39, 106, 107, 131
Djalma Limongi Batista 10, 13, 14, 66, 69, 70, 119, 122
Fred Kleeman 16, 55, 56
Irmo Celso 87
Joaquim 50
Lenise Pinheiro 108, 109
Multifilmes 25
Nico 52
Paulo Affonso Grisolli 34
Paulo Henrique de Carvalho 114
Paulo Lorgus 138
Valdir Silva 93
Vânia Toledo 74, 126

Demais fotografias do acervo de Célia Helena

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores. Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino

Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:

Os Anos do São Paulo Shimbun

Org. Alessandro Gamo

Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão – Analisando Cinema: Críticas de LG

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfora – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoadada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Natal

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas

Celso Sabadin

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecio Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schvarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo

Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski
e Eugênio Puppo

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois

Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

***A Hora do Cinema Digital – Democratização
e Globalização do Audiovisual***

Luiz Gonzaga Assis De Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Música

Rogério Duprat – Ecletismo Musical

Máximo Barro

Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação

Beatriz Coelho Silva

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito

Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli – Poesia Rasgada

Ieda de Abreu

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

José Renato – Energia Eterna

Hersch Basbaum

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílabas

Adélia Nicolette

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida

Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Alberto Guzik

Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco

Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat

Emílio Boechat

O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo Clássicos

Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho

José Saffioti Filho

O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso – Pólvora e Poesia

Alcides Nogueira

O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um teatro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro

Ivam Cabral

O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –

O Fingidor – A Terra Prometida

Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri

Sérgio Roveri

Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas em Cena

Ariane Porto

Série Perfil

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arllete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Berta Zemel – A Alma das Pedras

Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão

Laura Malin

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte: Memória e Poética

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Fernando Peixoto – Em Cena Aberta

Marília Balbi

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão

Luis Sérgio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

Jorge Loredó – O Perigote do Brasil

Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecio Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrindo Lília Cabral

Analú Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra

Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silnei Siqueira – A Palavra em Cena

Ieda de Abreu

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolette

Sônia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sônia Maria Dorce Armonia

Sônia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?

Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia – Força da Natureza

Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade

Theresa Amayo

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Walter George Durst – Doce Guerreiro

Nilu Lebert

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta

Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos

Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias Gomes – História de um personagem larapista e maquiavelento

José Dias

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Licia, Nydia

Célia Helena : uma atriz visceral / Nydia Licia – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo , 2010.

160p. il. – (Coleção aplauso. Série especial / coordenador geral Rubens Ewald Filho).

ISBN 978- 85-7060-845-1

1. Atores e atrizes cinematográficos – Biografia 2. Atores e atrizes de teatro – Biografia 3. Atores e atrizes de televisão - Biografia 4. Célia Helena, 1936 I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 791.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Atores brasileiros : Biografia : Representações públicas : Artes 791.092

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização prévia do autor ou dos editores

Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal

Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Coleção Aplauso Série Especial

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico e Editoração	Carlos Cirne
Assistência à Editoração	Selma Brisolla
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Karina Vernizzi
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Dante Pascoal Corradini Wilson Ryoji Imoto

Formato: 23 x 31 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90g/m²

Papel capa: Triplex 250g/m²

Número de páginas: 160

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*



É difícil encontrar uma unanimidade na classe artística. Quase impossível. Mas existem umas poucas pessoas que se aproximam dessa definição: a atriz **Célia Helena** (1936-97). Essas são as palavras da autora deste livro depoimento, a atriz e diretora **Nydia Licia**, autora de várias obras para esta coleção. Com prefácio do diretor **José Celso Martinez Correa**, é reconstruída a trajetória desta paulistana que fez cinema (**Floradas na Serra**, com a amiga Cacilda Becker; **Cordélia Cordélia**; **O Anjo Loiro**), televisão (**Mandala**; **Direito de Amar**; **Partido Alto**; **O Campeão**), mas cujo destino ficou para sempre ligado ao teatro, em espetáculos como **O Balcão**, de Jean Genet, e **O Circulo de Giz Caucasiano**, de Brecht, e no **Teatro Opinião**. E principalmente por seu trabalho na fase áurea do **Teatro Oficina** (**Os Pequenos Burgueses**; **A Vida Impressa em Dólar**); e também pela fundação, em 1977, do **Teatro Escola Célia Helena**, hoje dirigido pela filha **Lygia Cortez**, e que merece especial destaque neste livro. Mais um lançamento da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado**, no seu trabalho de preservação e regate da memória cultural brasileira.

ISBN 978-85-7060-845-1



9 788570 608451